

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários

Rafael Domingos de Souza

***O Hino das Encênias da Basílica da Santa Sabedoria em
Constantinopla***

Linha de pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.

Área de concentração: Literaturas Clássicas e Medievais.

Nível: Mestrado

BELO HORIZONTE

2016

Rafael Domingos de Souza

***O Hino das Encênias da Basílica da Santa Sabedoria em
Constantinopla***

Trabalho de Dissertação apresentado ao
Programa de Pós-Graduação em Letras:
Literaturas Clássicas e Medievais, da
Faculdade de Letras da Universidade
Federal de Minas Gerais, com vista à
Obtenção do título de Mestre em Letras -
Literatura, História e Memória Cultural.
Prof.Orientador: Jacyntho Lins Brandão

BELO HORIZONTE

2016

Τῇ Ὑπεραγία καὶ Κεχαριτωμένη

Θεοτόκῳ

τῷ ἀληθινῷ ναῷ καὶ δοχείῳ τῆς Ἁγίας Σοφίας

τὸν ἰδρῶτα τὸν ἐμὸν

τοῦ ἔργου ἕνεκα τούτου ῥυέντα

ἀναφέρω

ἐλπίζων παρ' Αὐτῆς τὴν προσευχὴν

νῦν καὶ ἐν τῇ ὥρᾳ τοῦ θανάτου μου.

AGRADECIMENTOS

À Gabriela Marotta, pela amizade, especialmente durante o período em que me vi às voltas com esta dissertação, e por me ter disponibilizado sua biblioteca.

Ao Pe. José Cebrián, por ter-me levado a conhecer o Pontifício Instituto Oriental, em Roma, e ter-me ajudado a achar um caminho em meio à selva da literatura bizantina.

Ao Jacyntho, cuja tranquilidade na orientação foi essencial para que eu pudesse concluir esta dissertação.

Ἡ σοφία ὠκοδόμησεν ἑαυτῇ οἶκον καὶ ὑπήρεισε στύλους ἑπτὰ· ἔσφαξε τὰ ἑαυτῆς θύματα, ἐκέρασεν εἰς κρατῆρα τὸν ἑαυτῆς οἶνον καὶ ἠτοιμάσατο τὴν ἑαυτῆς τράπεζαν· ἀπέστειλε τοὺς ἑαυτῆς δούλους συγκαλοῦσα μετὰ ὑψηλοῦ κηρύγματος ἐπὶ κρατῆρα λέγουσα· ὅς ἐστιν ἄφρων, ἐκκλινάτω πρὸς με· καὶ τοῖς ἐνδεέσι φρενῶν εἶπεν· ἔλθετε φάγετε τῶν ἐμῶν ἄρτων καὶ πίετε οἶνον, ὃν ἐκέρασα ὑμῖν.

Provérbios 9, 1-5

A Sabedoria edificou para si uma casa e fixou sete colunas. Matou as suas vítimas, misturou na cratera o seu vinho e preparou a sua mesa. Enviou os seus servos convocando à cratera com altíssima proclamação, dizendo: “Quem é insensato, volte-se para mim”, e aos faltos de entendimento diz: “Vinde, comei dos meus pães e bebei do vinho que misturei para vós.”

Τῇ ἐπαύριον πάλιν εἰστίκει ὁ Ἰωάννης καὶ ἐκ τῶν μαθητῶν αὐτοῦ δύο, καὶ ἐμβλέψας τῷ Ἰησοῦ περιπατοῦντι λέγει· ἴδε ὁ ἀμνὸς τοῦ Θεοῦ. καὶ ἤκουσαν αὐτοῦ οἱ δύο μαθηταὶ λαλοῦντος, καὶ ἠκολούθησαν τῷ Ἰησοῦ. στραφεὶς δὲ ὁ Ἰησοῦς καὶ θεασάμενος αὐτοὺς ἀκολουθοῦντας λέγει αὐτοῖς· τί ζητεῖτε; οἱ δὲ εἶπον αὐτῷ· ραββί· ὃ λέγεται ἐρμηνευόμενον διδάσκαλε· ποῦ μένεις; λέγει αὐτοῖς· ἔρχεσθε καὶ ἴδετε.

Evangelho de S. João 1, 35-40.

No dia seguinte, estava novamente ali João e dois de seus discípulos, e, observando Jesus passar, diz: “Eis o Cordeiro de Deus.” E ouviram-no falar os dois discípulos e seguiram a Jesus. Voltando-se Jesus e notando que o seguiam, diz-lhes: “O que buscais?” E eles disseram-lhe: “Rabi, onde moras?” Diz-lhes: “Vinde e vede.”

RESUMO

O objetivo deste estudo é analisar um hino grego do sexto século, Τῶν Ἐγκαινίων ὁ Ὑμνος, e, através dele, conhecer um gênero literário pouco conhecido, mas importante na história da poesia bizantina, o *contácio*, ao mesmo tempo, ver como a política, a religião e arte se encontram em um dos momentos mais marcantes da história do Império Romano.

PALAVRAS-CHAVE: contácio, encênias, Santa Sabedoria, Constantinopla, Justiniano.

RÉSUMÉ

Cette étude a le but d'analyser un hymne grec du VI^e siècle, Τῶν Ἐγκαινίων ὁ Ὕμνος, et à travers de cet hymne-là, connaître un genre littéraire peu connu qui a cependant été très important dans l'histoire de la poésie byzantine, à savoir, le *kontakion*, et au même temps, voire comme la politique, la religion et l'art se rencontrent en un des moments plus remarquables de l'histoire de l'Empire Romain.

MOTS-CLÉS: kontakion, encaenia, Sainte Sagesse, Constantinople, Justinien.

SUMÁRIO

Prefácio	9
O Hino das Encênias, texto e tradução	11
Capítulo 1 – o <i>contácio</i> : <i>história de um gênero literário</i>	26
O nome <i>κοντάκιον</i> e as características formais do gênero	33
O metro	37
As origens do <i>contácio</i>	44
Os primeiros <i>contácios</i>	49
O humilde Romano.	52
O <i>contácio</i> após S. Romano	57
Capítulo 2 – a <i>Grande Igreja</i> ou <i>Basílica de Santa Sofia</i> : <i>história de um monumento</i>	60
O nome da Basílica	64
O primeiro colapso	65
O segundo colapso	67
Rivalidades dinásticas	70
Um novo monumento surge	74
As nova encênias	80
Capítulo 3 – <i>O Hino das Encênias</i> : <i>comentário</i>	86
Fontes manuscritas, datação e autoria	87
Forma	92
Comentário	93
Conclusão	124
Referências Bibliográficas	126

Prefácio

Este trabalho surgiu primeiramente como um estudo do simbolismo do Templo de Salomão em três textos bizantinos: a Ἐκφρασις τοῦ ναοῦ τῆς Ἁγίας Σοφίας de Paulo Silenciário, o anônimo Τῶν Ἐγκατινίων ὁ Ὑμνος, ambos do sexto século, e a Διήγησις περὶ τῆς οἰκοδομῆς τῆς Ἁγίας Σοφίας, provavelmente do século IX, também anônimo. A ideia inicial era dedicar parte da dissertação a cada um dos três textos, e ver como a imagem do Templo Salomônico se transfigurava neles. Isso parecia factível porque os três textos foram muito pouco estudados, e pensei a princípio que isso me permitiria dedicar-me a eles com uma certa tranquilidade. Mas, no fim, percebi que isso seria mais um problema que uma solução. Decidi, portanto, num primeiro momento, deixar a Διήγησις de lado e concentrar-me nos dois textos do século VI, uma vez que ambos foram redigidos e apresentados na mesma ocasião: as Segundas Encênias da Basílica da Santa Sabedoria, no ano de 562, em Constantinopla, na presença do Imperador Justiniano. Mas fui obrigado, novamente, a mudar o projeto. A Ἐκφρασις de Paulo Silenciário é uma descrição muito detalhada da Basílica, e, para estudá-la, uma visita à própria Basílica seria essencial. Planejava fazer assim, mas infelizmente as circunstâncias não me permitiram. Além disso, à medida que estudava com mais atenção o Τῶν Ἐγκατινίων ὁ Ὑμνος, percebi que as demais imagens e ideias ali exploradas, além do Templo de Salomão, formavam um quadro muito rico: há no hino toda uma síntese teológica que valeria muito a pena examinar, considerando também que é um texto completamente relegado a segundo plano pelos estudiosos da literatura bizantina, o que ainda me escapa à compreensão, dada a importância do evento ao qual foi destinado. Ao pesquisar o gênero do hino, denominado a partir da Idade Média *contácio* (κοντάκιον), descobri que este foi um dos gêneros mais importantes cultivados no Império Oriental, e restrito à literatura bizantina, apesar das evidentes relações com gêneros poéticos estrangeiros. Percebi então que, apesar do descaso dos estudiosos, *O Hino das Encênias* bastaria a si mesmo como objeto da dissertação.

As Segundas Encênias da Basílica da Santa Sabedoria aconteceram na véspera de Natal do ano 562. O poeta aproveita a festa e compõe para a ocasião um hino em que traça um sofisticado paralelo entre a encarnação de Cristo, que culmina no Seu nascimento, e a presença real do mesmo Cristo no templo, como resultado da celebração

dos santos Mistérios, para a qual a Basílica da Santa Sabedoria fora erigida. Aí encontraremos a imagem do Templo de Salomão, bem como a do Tabernáculo.

Assim, esta dissertação consistirá em três capítulos, cada um dos quais tentará responder a uma pergunta sobre *O Hino das Encênias*: no primeiro capítulo, responderemos à pergunta: *que tipo de texto é?* Traçaremos a história do gênero contácio, suas origens, apogeu e declínio, bem como seus principais representantes e suas características formais. No segundo capítulo, a pergunta a ser respondida será: *qual foi o contexto de sua enunciação?* Estudaremos a história da Basílica da Santa Sabedoria, seu nome, seu colapso e sua reconstrução; veremos também em que consistem as *Encênias*. No terceiro e último capítulo, que será seguido de uma conclusão, responderemos à pergunta: *o que o texto diz?* Nele apresentaremos uma explicação d'*O Hino das Encênias*.

O HINO DAS ENCÊNIAS: TEXTO E TRADUÇÃO

ΤΩΝ ΕΓΚΑΙΝΙΩΝ Ο ΥΜΝΟΣ

Κουκούλιον

Ὡς τοῦ ἄνω στερεώματος τὴν εὐπρέπειαν
καὶ τὴν κάτω συναπέδειξας ὠραιότητα
τοῦ ἁγίου σκηνώματος τῆς δόξης σου, Κύριε·
στερέωσον αὐτὸ εἰς αἰῶνα αἰῶνος
καὶ πρόσδεξαι ἡμῶν τὰς ἐν αὐτῷ ἀπαύστως προσαγομένας σοι δεήσεις
πρεσβείαις τῆς Θεοτόκου,
| : ἡ πάντων ζωὴ καὶ ἀνάστασις. : |

Οἴκοι

α' Τὴν ἐν σώματι θεῖαν τοῦ Λόγου ἐορτάζοντες ἐπιδημίαν τῆς αὐτοῦ Ἐκκλησίας τὰ τέκνα
πυκασμῶ ἀρετῶν λαμπρυνθῶμεν ἀξίως τῆς χάριτος
καὶ Θεοῦ ἄξιον ἀναδειχθῶμεν
φωτισμῶ γνώσεως οἰκητήριον
ἐν σοφίᾳ τῆς πίστεως τὰς αἰνέσεις ἐξαγγέλοντες·
ἡ Σοφία γὰρ ἀληθῶς τοῦ Πατρὸς ἀνωκοδόμησεν ἑαυτῇ σαρκώσεως οἶκον,
καὶ ἐσκήνωσεν ἐν ἡμῖν ὑπὲρ νοῦν
| : ἡ πάντων ζωὴ καὶ ἀνάστασις. : |

β' Ὡς τῶν ὅλων τῷ κράτει δεσπόζων εἰς τὰ ἴδια ἦλθεν ὁ κτίστης καὶ ὡς ἴδιον τοῦτον παρελάβομεν
καὶ ναὸς γὰρ αὐτῷ πρὸς κατοίκησιν προσεγκαινίζεται·
οὐδὲ γὰρ ἄξιον τὸν βασιλέα
εὐτελὲς σπήλαιον ὑποδύεσθαι·
διὰ τοῦτο προφθάσωμεν τῆς Σοφίας τὸ ἁγίασμα
ὡς βασιλεία ἐμφανῶς θεϊκὰ πρὸς ἀνευφήμησιν καὶ λατρείαν τοῦ μυστηρίου,
δι' οὗ σέσωκε τὸν κόσμον ὁ Χριστός,
| : ἡ πάντων ζωὴ καὶ ἀνάστασις. : |

O HINO DAS ENCÊNIAS

Proêmio

Como em cima o esplendor do firmamento,
também embaixo a beleza mostraste
da santo tabernáculo da Tua glória, Senhor:

Firma-o pelos séculos dos séculos
e acolhe as nossas súplicas nele incessantemente a Ti oferecidas
pela intercessão da Mãe de Deus,
de todos Vida e Ressureição.

Casas

Festejando a divina chegada do Verbo em corpo, nós, os filhos da Sua Igreja,
resplandecemos com espesso manto de virtudes de forma digna da Graça
e pelo lume do conhecimento seja-nos mostrada
de Deus digna morada,
enquanto em Sabedoria proclamamos os louvores da Fé:

pois a Sabedoria do Pai verdadeiramente edificou para si uma casa de encarnação
e habitou entre nós, sobre todo entendimento,
de todos Vida e Ressureição.

Como de tudo Senhor em poder, o Criador veio para o que era Seu, e como nosso O recebemos,
e um Templo é consagrado para Sua habitação:
pois não era digno de um Rei
descer a uma caverna ordinária;
por isso, antecipemos o santuário da Sabedoria
como palácio manifestamente divino, para divulgação e culto do Mistério
pelo qual salvou o mundo Cristo,
de todos Vida e Ressureição.

γ' **Ν**ῦν πληρούμενον ὄντως ὁρῶμεν τῆς γραφῆς τῆς ἐνθέου τὸν λόγον· “Εἰ Θεὸς μετ’ ἀνθρώπων οἰκήσει,”
ὡς ὁ πρὶν Σολομὼν οὐ διστάζων, φησὶν, ἀλλ’ ἐν θαύματι
τοπικὴν σκηνῶσιν κατανομάζων
τὴν θεοῦ σάρκωσιν δι’ αἰνίγματος,
καὶ ἐν τύποις τὰ μέλλοντα ἐσκιογράφει διὰ πνεύματος·
τὸν γὰρ ἔμψυχον ἐκ παρθένου ναὸν περιεπήξατο ἑαυτῷ ἀδιαιρέτως,
καὶ ἐγένετο μεθ’ ἡμῶν ὁ θεός,
| : ἡ πάντων ζωὴ καὶ ἀνάστασις. : |

δ' **Ἐ**ν σαρκὶ ἐνοικήσας ὁ Λόγος κατοικεῖν ἐν ναοῖς χειροτεύκτοις εὐδοκεῖ ἐνεργεῖα τοῦ πνεύματος
μυστικαῖς τελεταῖς τὴν αὐτοῦ παρουσίαν πιστούμενος,
καὶ βροτοῖς χάριτι συνδιαίταται
ὁ τοῖς πᾶσι ἀχώρητος καὶ ἀπρόσιτος·
καὶ οὐ μόνον ὁμόστεγος τοῖς ἐν γῆ ἔστιν οὐράνιος,
ἀλλὰ δεῖκνυσι καὶ τραπέζης κοινούς καὶ τῆς σαρκὸς αὐτοῦ δεξιοῦται τῇ εὐωχίᾳ,
ἣν προτίθησι τοῖς πιστοῖς ὁ Χριστός,
| : ἡ πάντων ζωὴ καὶ ἀνάστασις. : |

ε' **Γ**νωρίζεσθω δὲ πλέον ἀπάντων τὸ θαυμάσιον τέμενος τοῦτο τοῦ Θεοῦ ἐνδιαίτημα πάνσεπτον
καὶ ἐν τῷ προφανεῖ ἐνδεικνύμενον τὸ ἀξιοθέον
τεχνικὴν ἅπασαν ὑπερανέχον
ἐπιστήμην ἀνθρώπινον ἐν τοῖς δώμασιν·
οὐρανός τις ἐπίγειος καὶ ὁρᾶται καὶ κηρύσσεται
καὶ μορφώματι καὶ λατρεῖα Θεοῦ· ὃν ἠρετίσατο ἑαυτῷ εἰς κατοικεσίαν,
καὶ ἐν πνεύματι ἐστήριξας αὐτόν,
| : ἡ πάντων ζωὴ καὶ ἀνάστασις. : |

Ora vemos realmente cumprindo-se a palavra da Divina Escritura: “Acaso Deus habitará entre os homens?”,
como disse outrora Salomão, não duvidando, mas em estupor
chamando, por enigma,
de habitação local a Encarnação de Deus,
e em tipos o porvir por espírito esboçava:
pois armou ao redor de si o templo vivo e indivisível procedente da Virgem
e veio a ser conosco Deus,
de todos Vida e Ressureição.

Na carne tendo habitado, o Verbo consente em residir em templos feitos por mãos, pela operação do Espírito,
com ritos místicos confirmando sua presença;
e pela Graça convive com os mortais
Aquele que é por todos incontível e inaproximável;
e não somente o Celeste se põe sob o mesmo teto dos na Terra
mas mostra-lhes que são partícipes da Sua mesa e os acolhe na celebração da Sua carne,
que aos fiéis prepara o Cristo,
de todos Vida e Ressureição.

Onissagrado domicílio de Deus, seja este admirável recinto mais que todos conhecido,
mostrando abertamente o que é digno de Deus,
sobrepujando todo artístico
conhecimento humano em edificações:
um Céu na Terra é visto e proclamado
no formato e no culto a Deus, o qual Este escolheu para si mesmo como morada
e no Espírito o estabeleceu,
de todos Vida e Ressureição.

ζ' **Κ**αὶ αὐτὸ δὲ τὸ ἄνω στερέωμα ἢ σεπτὴ τοῦ Χριστοῦ ἐκκλησία ἐμφανῶς ὑπερβάλλει ἐν δόξῃ·
οὐ γὰρ διαισθητὴν τοῦ φωτὸς λαμπηδόνα προΐσχεται,
ἀλλὰ τὸν ἥλιον τῆς ἀληθείας
θεϊκῶς λάμποντα φέρει ἄδυτον·
καὶ τὸν λόγον τοῦ πνεύματος ταῖς ἀκτίσι περιλάμπεται
ἐν ἡμέρᾳ τε καὶ νυκτὶ εὐπρεπῶς, δι' ὧν τὰ ὄμματα καταυγάζει τῆς διανοίας
ὁ εἰπὼν θεός· “Γενεθέστω τὸ φῶς,”
| : ἡ πάντων ζωὴ καὶ ἀνάστασις. : |

ζ' **Α**π' ἀρχῆς γεγονὸς τὸ στερέωμα τῶν ὑδάτων ἐν μέσῳ ἐπάγη, ὡς τὸ γράμμα τὸ θεῖον διδάσκει·
καὶ ἐπάνω αὐτοῦ ὑγρὰ φύσις ὡς εἶναι πιστεύεται,
καὶ τόπον κέκτηται ἐν τοῖς φωστῆρσι,
καὶ νεφῶν τὰ σκιάσματα οὐ διέφυγεν·
ἀλλ' ἐνταῦθα τὰ μείζονα καὶ προδήλως ὑπερθαύμαστα·
ἐν ἀρρεύστῳ γὰρ εὐδοκία θεοῦ τεθεμελιώται ὁ ναὸς τῆς Θεοῦ Σοφίας
ἣτις πέφυκεν ἀληθῶς ὁ Χριστός,
| : ἡ πάντων ζωὴ καὶ ἀνάστασις. : |

η' **Τ**ερῶν θεωρία ὑδάτων μυστικῶς ἐν αὐτῷ καθορᾶται ἀνηγμέναις ἐννοίαις τοῦ πνεύματος·
νοερὰ γὰρ αὐτῷ στρατιαὶ πανταχοῦ περικέχυνται
λειτουργῶ σχήματι δορυφοῦσαι
τῆς καινῆς χάριτος τὸ μυστήριον·
τὰ δὲ νέφη τὰ πάνστυγα τῶν πταισμάτων οὐχ ὑφίστανται,
σκορπιζόμενα μετανοίας θερμῆς εὐχαῖς σὺν δάκρυσιν ταῖς ἐνταῦθα προσαγομέναις·
διὸ ἅπαντας ἐκκαθαίρει Χριστός,
| : ἡ πάντων ζωὴ καὶ ἀνάστασις. : |

De Cristo a Igreja Santa supera claramente o próprio firmamento em glória,
pois não apresenta o brilho sensível da luz,
mas porta o Sol da Verdade,
que divinamente ilumina o Santuário,
e acende o Verbo com os raios do Espírito,
dia e noite, em resplendor, pelos quais os olhos alumia do entendimento
o Deus que diz: “Faça-se a luz”,
de todos Vida e Ressureição.

Desde o princípio, o firmamento, tendo sido criado, foi fixo no meio das águas, como ensina a Divina Escritura,
e sobre ele crê-se que havia a natureza úmida,
e adquiriu lugar entre os luzeiros
e às sombras das nuvens não escapou;
mas aqui jazem coisas maiores proevidentemente sobreadmiráveis,
pois no imutável beneplácito de Deus foi alicerçado o Templo da Sabedoria Divina,
a qual veio verdadeiramente a ser o Cristo,
de todos Vida e Ressureição.

Contempla-se nele misticamente, com as cogitações elevadas do espírito, uma visão de sacrossantas águas,
pois hostes espirituais em toda parte se aglomeram ao seu redor,
guardando, em figura litúrgica,
o Mistério da Nova Graça;
e as onípodas nuvens de tropeços não resistem,
dispersas por orações de ardente arrependimento aqui oferecidas com lágrimas:
por isso, a todos purifica Cristo,
de todos Vida e Ressureição.

θ' **Ν**οητοὺς καθορῶμεν φωστῆρας εἰς τὸ θεῖον στερέωμα τοῦτον τῆς Χριστοῦ ἐκκλησίας προσπαγένας
ὑπὸ τῆς δωρεᾶς τοῦ αὐτὴν στερεώσαντος πνεύματος,
προφητῶν τάγματα καὶ ἀποστόλων
καὶ διδασκάλους δόγμασιν ἀπαστρέπτοντας
καὶ ἐκλείψεις οὐ πάσχοντας οὔτε λήγοντας οὔτε δύνοντας,
καταυγάζοντας δ' ἐν τῇ τοῦ βίου νυκτὶ τοὺς εἰς τὸ πέλαγος πλανωμένους τῆς ἀμαρτίας,
ἣν κατήργησε τῇ σαρκώσει Χριστός,
| : ἡ πάντων ζωὴ καὶ ἀνάστασις. : |

ι' **Ἰ**στορεῖ ἡ θεόπνευστος βίβλος τὸν θεόπτην Μωσέα τὸν πάλαι ἐγκαινίσει σκηνὴν μαρτυρίου,
τὸν δὲ τύπον αὐτῆς μυστικῶς ἐν τῷ ὄρει θεάσασθαι·
μηδὲ γὰρ δύνασθαι διὰ ῥημάτων
τῶν ἀρρήτων διδάσκεσθαι τὸ εἰκόνισμα,
ὑπουργὸν δὲ ἐκέκτητο κληρωσάμενον σοφίαν Θεοῦ
τὸν Βεσελεὴλ ἐκ παντοίων τεχνῶν κατασκευάσαντα τὰ ἐν τύποις διαγραφέντα,
ὡς διέταξεν ὁ λαλήσας Θεός,
| : ἡ πάντων ζωὴ καὶ ἀνάστασις. : |

ια' **Ὡ**ς σκιὰν ζωγραφῶν τῶν μελλόντων κιβωτὸν περιχρυσωμένην ἀπὸ ξύλων ἀσήπτων ἐποίει
καὶ τὰς πλάκας αὐτῆς τὰς τοῦ νόμου σεπτὰς ἐναπέθετο
καὶ αὐτὴν ἔφερε μεταγομένην
καὶ ποικίλοις καλύμμασι περιέσκεπεν·
ἀλλὰ τύποις τὸ ἔκδηλον, οὗ κεκλήρωται, οὐ μόνιμον·
τῆς δὲ χάριτος ἡ φανέρωσις ὑπερφυῆς πᾶσι γνωρίζεται ὡς παγίως ἐρηρυσμένη,
καὶ ἐστήριξεν εἰς αἰῶνας Χριστός,
| : ἡ πάντων ζωὴ καὶ ἀνάστασις. : |

Observamos espirituais luzeiros neste divino firmamento da Igreja de Cristo fixados
pelo dom do Espírito que A tem firmado,
fileiras de profetas e apóstolos
e mestres irradiantes de doutrinas,
que não sofrem eclipses nem esmaecimento nem ocaso,
alumiando na noite da vida os perdidos no mar do pecado,
abolido na Encarnação por Cristo,
de todos Vida e Ressureição.

O Livro Divino registra que o antigo Moisés Vedor de Deus consagrou uma tenda de testemunho,
e que viu seu tipo misticamente no monte:
mas que não podia através de palavras
transmitir a imagem de coisas inefáveis,
e obteve como colaborador o herdeiro da Sabedoria de Deus,
Bezalel, que preparou, com toda sorte de artes, o que fora delineado em tipos,
exatamente como ordenara Deus,
de todos Vida e Ressureição.

Como sombra pintando do porvir, a Arca fazia, circumdourada, de lenho imperecível,
e as Santas Tábuas da Lei nela punha,
e portava-a de uma parte a outra,
e cobria-a de variegados véus.
Mas o que nos tipos era evidente, e de que foram herdeiros, não era permanente;
mas a manifestação sobrenatural da Graça a todos se faz conhecer como solidamente assentada,
e esbeleceu-a pelos séculos Cristo,
de todos Vida e Ressureição.

ιβ' Νομοθέτην ἡμεῖς τὸν σωτῆρα κεκτημένοι, σκηνὴν παναγίαν τὸν θεάρμοστον ἔχομεν τοῦτον
ναόν, ἐν Βεσελεὴλ βασιλέα πιστὸν προβαλλόμενοι,
ἐκ Θεοῦ πίστωσιν τῆς ἐπιστήμης,
τὴν σοφίαν τῆς πίστεως εὐπορήσαντες·
κιβωτὸς δὲ πανέντιμος ἡ θυσία ἢ ἀναίκατος,
ἦν οὐκ ἔτρωσε σηπεδὼν ποτε, ἦν καταπέτασμα ἅπ σκιάζει,
ὅτι πέφυκεν ἀληθεία Χριστός,
| : ἡ πάντων ζωὴ καὶ ἀνάστασις. : |

ιγ' Ὁ καρδίας κεκτημένος χύμα Σολομών ὁ περιδοξὸς ᾄδει τὸν ναὸν ἐν Ἱεροσολύμοις
ἐγκαινίσας ποτέ, καὶ κοσμήσας λαμπρῶς ἐπηγάλλετο·
καὶ λαὸν ἅπαντα Ἰσραηλίτην
θεατὴν ἤθροιζε τοῦ σπουδάσματος,
καὶ θυσίαις ἐγέραιρον καὶ ἐν ὕμνοις τὰ ἐγκαίνια,
καὶ ὀργάνων δὲ μουσικῶν ταῖς ᾠδαῖς ἦχος ἐμέλετο συμφωνία ἑτεροφθόγγω·
ἀνυμνεῖτο γὰρ ἐν ἐκείνοις Θεός,
| : ἡ πάντων ζωὴ καὶ ἀνάστασις. : |

ιδ' Ὑπὸ πάντων ἐπίκλητος τόπος τοῦ θεοῦ τῷ ὀνόματι εἶναι ὁ ναὸς ἐθρυλεῖτο ἐκεῖνος,
καὶ εἰς τοῦτον ὁ πᾶς Ἰσραὴλ ἐπειγόμενος συνέρρεε
νομικῇ μάστιγι συνηλασμένος,
ἐν αὐτῷ γὰρ προσέφερον τὰ καρπώματα·
ἐν ἡμῖν δὲ τὰ κρείττονα καὶ βεβαίως γὰρ ἀνευφήμουν·
ἀνεδείχθη γὰρ ἀληθῶς αἰσθητῶς τὸ μεγαλοῦργημα ὑπεραῖρον τοῦτον τὸ θεῖον
ὑπὲρ ἅπαντα, ὃ στηρίζει Χριστός,
| : ἡ πάντων ζωὴ καὶ ἀνάστασις. : |

Obtendo por Legislador o Salvador, como onissanta Tabernáculo temos a este Templo conveniente a Deus,
apresentando em Bezalel o fiel Imperador,
na Fidelidade do Conhecimento de Deus,
prósperos na Sabedoria da Fé;
o incruento sacrifício é a Arca onivaliosa
que a podridão jamais consumiu, que um véu sombreava,
que veio a ser em verdade Cristo,
de todos Vida e Ressureição.

Tendo obtido largueza de coração, o glorioso Salomão canta o Templo em Jerusalém,
e havendo-o uma vez consagrado e radiantemente adornado, exultou,
e todo o povo israelita
reunia, para ver o grande feito
e com sacrifícios e hinos comemorava as Encênias:
e o som era entoado nos cantos dos instrumentos musicais com singular harmonia,
pois neles era hineado Deus,
de todos Vida e Ressureição.

Reputava-se que aquele Templo era lugar invocado por todos no nome de Deus,
e para lá todo o Israel célere confluía,
pelo flagelo da Lei compelido,
pois ali oferecia seus frutos;
mas entre nós foi proclamado algo melhor e mais sólido,
pois foi verdadeiramente revelado aos sentidos este grande e divino feito, que a tudo
transcende, o qual estabelece Cristo,
de todos Vida e Ressureição.

ιε' **Μ**έγας ὁ τοῦ Θεοῦ ἐστὶν οὗτος καὶ εὐμήκης ὁ οἶκος, ἐροῦμεν καὶ ἡμεῖς τῇ γραφῇ ὁμοφώνως·
οὐ γὰρ ἔθνους ἐνὸς ἄθροισμῶ ὥσπερ πάλαι δοξάζεται,
ἀλλὰ τοῖς πέρασι τῆς οἰκουμένης
διαβόητος πέφυκε καὶ σεβάσμιος·
ἐν αὐτῶ γὰρ προστρέχουσιν αὐθαιρέτως, οὐκ ἐκ βίας τινός,
ἐκ παντὸς ἔθνους τοῦ ὑπὸ τὸν οὐρανόν, ὅθεν καὶ ἄπιστοι μετὰ θάρσους ὁμολογοῦσιν,
ὡς ἐστὶν αὐτοῦ ὁ οἰκῆτωρ Θεός,
| : ἡ πάντων ζωὴ καὶ ἀνάστασις. : |

ις' **Ν**οητῶς αἱ θυσίαι ἐνταῦθα ἐν τῷ πνεύματι καὶ ἀληθείᾳ, οὐκ ἐν κνίσσαις καπνῶν καὶ αἱμάτων ῥοαῖς
ἀνεנדότως Θεῷ εἰς ὁσμὴν εὐωδίας προσάγονται·
προσευχῶν δάκρυα μετ' εὐλαβείας
καὶ ψαλμῶν ᾠσματα πρὸς κατάνυξιν
ἐν ὀργάνοις τοῦ πνεύματος μελωδούμενα καὶ κοιμίζοντα
τὰς ἐκ τῶν παθῶν δαιμονίους ὀρμάς, ἡδονὴν σῶφρονα ποιοῦντα εἰς σωτηρίαν,
ἣν δωρεῖται τοῖς ἀνθρώποις ὁ Χριστός,
| : ἡ πάντων ζωὴ καὶ ἀνάστασις. : |

ιζ' **Ὀ**φθαλμὸν τῆς καθόλου ὁρῶμεν ἐκκλησίας τὸν πάνσεπτον τοῦτον ἀληθῶς καὶ πανεύφημον οἶκον·
πλησθησόμεθα οὖν τοῖς αὐτοῦ ἀγαθοῖς, καθῶς γέγραπται,
τῷ Θεῷ ψάλλοντες· “Ἅγιος ὄντως
ὁ ναός σου, θαυμάσιος δικαιοσύνη”·
τῆς τῶν ἄνω ἐκτύπωμα λειτουργίας γνωριζόμενος,
ἀγαλλιάσεως καὶ σωτηρίας φωνὴν καὶ τῶν ἐν πνεύματι ἐορτάζοντων ἔνθα ἦχος
ὄν συνίστησιν ἐν ψυχαῖς ὁ Θεός,
| : ἡ πάντων ζωὴ καὶ ἀνάστασις. : |

“Grande e ampla é esta casa de Deus”, diremos também nós a uma só voz com as Escrituras,
pois não é glorificada pela reunião de uma única nação, como outrora,
mas até as extremidades da terra habitada
tornou-se ínclita e augusta,
pois para ela correm voluntariamente, e não por alguma violência,
pessoas de toda nação debaixo do céu, donde até infiéis com coragem confessam
que seu habitante é Deus,
de todos Vida e Ressureição.

Espiritualmente são aqui oferecidos os sacrifícios sem cessar a Deus, não em odores de fumo e fluxos de sangue,
mas em espírito e verdade, em suave fragrância,
lágrimas de orações com piedade
e cantos de Salmos para contrição
entoados nos instrumentos do espírito, que adormecem
os demoníacos impulsos das paixões e produzem o temperante prazer para salvação,
com a qual presenteia os homens Cristo,
de todos Vida e Ressureição.

Vejamos esta casa onissagrada e verdadeiramente onionorável como o olho da Igreja Católica;
seremos então preenchidos com os seus bens, conforme está escrito,
salmodiando a Deus, “Santo, deveras,
é o vosso Templo, admirável em justiça”,
reconhecido como impressão da Liturgia do Alto,
e, dos que lá celebram em espírito a voz de exultação e salvação, o som
que concertou nas almas Deus,
de todos Vida e Ressureição.

ἡ Σὺ, σωτήρ, ὁ τεχθεὶς ἐκ παρθένου, διαφύλαξον τοῦτον τὸν οἶκον ἕως τῆς συντελείας τοῦ κόσμου,
εἰς αὐτὸν δὲ οἱ σοὶ ὀφθαλμοὶ προσεχέτωσαν πάντοτε·
τὰς φωνὰς πρόσδεξαι τῶν οἰκετῶν σου
καὶ εἰρήνην τῷ λαῷ σου χαριζόμενος
τὰς αἵρέσεις ἐκδίωξον καὶ βαρβάρων ἰσχὺν σύντριψον,
ἱερεῖς δὲ καὶ βασιλέα πιστοὺς πάση συντήρησον εὐσεβεῖα κεκοσμημένους
καὶ ἡμῶν σῶσον τὰς ψυχὰς ὡς Θεός,
| : ἡ πάντων ζωὴ καὶ ἀνάστασις. : |

Ó Salvador, tu que foste gerado da Virgem, vigia esta casa até o fim do mundo,
dirige teus olhos a ela todo o tempo!
Recebe as vozes dos teus domésticos,
envia, com tua Graça, paz ao teu povo,
acossa as heresias e estirpa o poder dos bárbaros,
guarda os sacerdotes e o Imperador, adornados com toda piedade,
e salva nossas almas, tu que és Deus,
de todos Vida e Ressureição!

Capítulo 1 - O *Contácio*: história de um gênero literário

O Hino das Encênias, considerado dentro do quadro da literatura grega, pode parecer-nos um tanto estranho, uma vez que, na poesia grega pagã, seja arcaica, clássica ou tardia, não conhecemos nada do gênero. Para começar, esse poema, como se pode perceber de sua leitura, não foi composto em nenhum metro clássico, e no entanto parece muito regular; após o proêmio, a primeira letra de cada estrofe começa a compor um acróstico, que, neste caso, contém o tema do hino: Τῶν Ἐγκαινίων ὁ Ὑμνος. Enfim, deparamo-nos com a presença de um refrão, que parece coordenar, até certo ponto, a estrutura das estrofes. Se isso nos parecer curioso, não será sem razão: porque estamos diante de um gênero poético único, que os autores pagãos não cultivaram: o *contácio* (κοντάκιον), cuja história se desenrolou, desde suas origens e apogeu, até seu declínio, nos limites do Império Romano oriental.

O *contácio*, ao lado do *tropário* e do *cânon*, é um dos três gêneros poéticos próprios da literatura bizantina, e pertencem todos três à hinografia litúrgica. O *tropário* (τροπάριον) é o mais antigo e mais simples deles. Trata-se de breves orações, que, em suas origens, eram compostas em prosa e inseridas após os versículos dos Salmos, no ofício das Matinas e das Vésperas. Com o tempo, os *tropários* tornaram-se mais longos e passaram a ser compostos em versos e estrofes, sendo entoados somente ao fim dos últimos versículos dos Salmos.¹ O *cânon* (κανών), por sua vez, que marca o último período da hinografia bizantina, e que suplantou o *contácio*, é uma forma complexa, que consistia em nove odes (ὠδαί) compostas de seis a nove *tropários* cada, cada ode correspondendo a um dos nove Cânticos bíblicos.² Os cânones eram entoados originalmente na Quaresma, e mais tarde também na Páscoa e no Pentecostes.³

Entre um e outro, historicamente, jaz o nosso *contácio*. Mas este difere radicalmente dos demais. Enquanto o *tropário* e o *cânon* podem ser definidos como gêneros *líricos*, uma vez que consistem em orações e louvores, o *contácio* tem um valor *catequético* muito marcado, e por isso se desenvolverá mais no âmbito *narrativo* e *dramático*, embora em alguns casos, como no *Hino das Encênias*, tenda para o *homilético*.

O maior de todos os compositores de *contácios*, chamados *mélos*, foi um sírio de nome latino, Romano, festejado como santo no primeiro dia de outubro, e, devido à

¹ Wellesz, p. 171.

² A saber: os dois cânticos de Moisés (no Êxodo e no Deuteronômio), a oração de Ana, mãe de Samuel, a oração de Habacuc, a oração de Isaías, a oração de Jonas, a oração de Azarias, o hino dos três jovens (*Canticum trium puerorum*) e o *Magnificat* e *Benedictus*, tratados como um só cântico.

³ Wellesz, p. 198.

sigularidade de sua obra verdadeiramente inigualável, cognomidado simplesmente “o Mélodo”. Sobre ele nos deteremos mais adiante.

O contácio era destinado ao ofício catedral da *Vigília* (ἀγρυπνία), que, diferentemente das *Matinas* (ὄρθρος), contava com a presença do público leigo; seu objetivo era ilustrar uma leitura, do Velho ou do Novo Testamento, ou da vida de algum santo, ou ainda comentar alguma festa importante, como o Natal. No tempo de S. Romano, os contácios eram cantados sobretudo nas vigílias das grandes festas móveis, bem como nas festas do Senhor e da *Theotokos*. *O Hino das Encênias*, por exemplo, foi cantado pela primeira vez na Vigília de Natal.

É importante frisar aqui o fato de o contácio ser destinado ao público leigo. Por séculos, o monasticismo de língua grega não admitiu nenhuma forma de canto que não fosse bíblica. Duas histórias ilustram isso: a primeira é a de um jovem monge, discípulo de São Pambão (m. ca. 375), que passou uma curta temporada em Alexandria. À noite, sempre assistia ao Ofício na catedral, e ficou maravilhado com a sua beleza, especialmente com os tropários, que eram uma completa novidade para ele. De volta ao seu mosteiro, começou a achar a salmodia dos monges muito monótona e a perder o interesse pelo Ofício, coisa que S. Pambão percebeu. Ao saber da causa de seu comportamento, o santo não titubeou em lhe explicar severamente que se devia manter o rito estabelecido pelos antigos padres.

A segunda história conta que os padres João e Sofrônio passaram um período no Sinai, e um dia de domingo foram ter com o padre Nilo, retirado no alto do monte com alguns discípulos. Chegando o momento das Vésperas, o Ofício começou com o *Gloria*, o salmo 1 e 140, e continuou, sem nenhum tropário, com o *Nunc dimittis*, Φῶς ἰλαρόν e Καταξίωσον. Terminadas as Vésperas, cearam, e logo depois começaram o Ofício noturno. Depois do *Hexapsalmus* e o *Pater Noster*, recitou-se uma estação de cinquenta salmos. O velho rezou o *Pater Noster* e o *Miserere*, e, sentados, ouviram um dos discípulos ler a *Epístola de S. Tiago*; após mais uma estação de cinquenta salmos, um frade leu as *Epístolas de S. Pedro*. De pé, terminaram de recitar o restante do Saltério, e sentados ouviram o velho padre Nilo ler as *Epístolas de S. João*. Levantando-se novamente, recitaram os Cânticos, sem tropários, rezando somente o *Pater Noster* e o *Kyrie* entre os Cânticos. Depois, seguiram-se as *Laudes*, e, sem tropários, rezaram o *Gloria in excelsis* e o *Credo*, seguidos do *Pater Noster* e do *Kyrie*. Depois, o velho concluiu o longo Ofício com uma breve oração, à qual todos responderam com um *Amém*. O padre João então perguntou a Nilo: “Por que, padre, não guardais a mesma

ordem da Igreja Católica e Apostólica, e como é permitido não recitar nas Vésperas nem os tropários Κύριε, ἐκέκραξα, nem o Θεὸς Κύριος nem os καθίσματα, nem os tropários antes do *Cântico dos Três Jovens*, nem Πᾶσα πνοή ao *Magnificat* ou a memória da Ressurreição de Nosso Senhor ao *Gloria?*” O velho Nilo então lhe explica, de forma douda, a necessidade de se ater ao uso dos antigos padres, e da diferença que existe entre o Ofício clerical e o Ofício monástico.⁴

A diferença entre o Ofício monástico e o clerical, no qual participam os leigos, fica ainda mais clara ao lermos uma terceira história que encontramos na *Vida de Sto. Auxêncio*. Auxêncio, como S. Romano, era sírio, e se transferira a Constantinopla no tempo de Teodósio II (r. 408-450) para servir na Guarda Imperial. Mais tarde, pediu dispensa do serviço e se tornou monge. Acusado de heresia, foi obrigado a apresentar-se no Concílio de Calcedônia, onde ficou demonstrada sua ortodoxia. Tornou-se enfim um famoso pregador, e uma multidão de peregrinos de Constantinopla o visitava constantemente em sua cela no monte Óxia, onde o santo os recebia e aconselhava. Mas ele não só pregava e aconselhava – também ensinava-os a cantar. Sua *Vida* nos diz que ele ensinava à turba τροπάρια ἀπὸ δύο ῥητῶν ἢ τριῶν. Quando cantavam o *Canticum Trium Puerorum*, o responsório era dividido em duas partes, uma para o santo e a outra para o povo:

Auxêncio: Εὐλογεῖτε, πάντα τὰ ἔργα Κυρίου τὸν Κύριον.

Povo: Ὑμνεῖτε καὶ ὑπερυψοῦτε αὐτὸν εἰς τοὺς αἰῶνας.

A *Vida* também registra sete tropários de Sto. Auxêncio, que juntos formam uma unidade⁵, e que reproduzo aqui. Note-se a simplicidade e o apelo popular do hino, que poderia ser cantado em coro:

Πτωχὸς καὶ πένης
ὕμνοῦμεν σε, Κύριε·
δόξα τῷ Πατρὶ
δόξα τῷ Υἱῷ
δόξα τῷ Ἁγίῳ Πνεύματι,
τῷ λαλήσαντι διὰ τῶν προφητῶν.

⁴ Essas duas histórias se encontram em Pitra, pp. 42-4, que infelizmente não reproduz o texto grego.

⁵ O que passou a ser muito comum com o desenvolvimento do gênero.

Στρατιαι ἐν οὐρανοῖς
ὕμνον ἀναπέμπουσιν,
καὶ ἡμεῖς οἱ τῆς γῆς
τὴν δοξολογίαν·
Ἅγιος Ἅγιος Ἅγιος Κύριος
Πλήρης ὁ οὐρανὸς
καὶ ἡ γῆ τῆς δόξης σου.

Δημιουργὲ πάντων,
εἶπας καὶ ἐγεννήθημεν,
ἐνετείλω καὶ ἐκτίσθημεν·
πρόσταγμα ἔθου
καὶ οὐ παρελεύσεται·
σῶτερ, εὐχαριστοῦμέν σοι.

Κύριε τῶν δυναμέων,
ἔπαθες καὶ ἀνέστης,
ᾤφθης καὶ ἀνελήφθης.
ἔρχη κρῖναι κόσμον
οἰκτείρησον καὶ σῶσον ἡμᾶς.

Ἐν ψυχῇ τεθλιμμένη
προσπίπτομεν σοι
καὶ δεόμεθά σου,
Σῶτερ τοῦ κόσμου·
σὺ γὰρ εἶ Θεός
τῶν μετανοούντων.

Ὁ καθήμενος ἐπὶ τῶν Χερουβίμ
καὶ τοὺς οὐρανοὺς ἀνοίξας
οἰκτείρησον καὶ σῶσον ἡμᾶς.

Ἀγαλλιᾶσθε,

δίκαιοι, ἐν Κυρίῳ,
πρεσβευόντες ὑπὲρ ἡμῶν·
δόξα σοι, Κύριε,
ὁ Θεὸς τῶν ἁγίων.⁶

Aqui não se trata do clérigo de uma igreja, mas a história de Sto. Auxêncio ilustra bem a relação entre o povo e os hinos litúrgicos.

Quanto ao contácio, dissemos que era cantado na ἀγρυπνία; isso é atestado pelo próprio S. Romano na primeira estrofe de seu hino sobre *O Possesso pela Legião de Demônios*:

Ὁ λαὸς ὁ πιστὸς ἐν ἀγάπῃ Χριστοῦ
συνελθῶν ἀγραπυνεῖ ἐν ψαλμοῖς καὶ ᾠδαῖς,
ἀκορέστως δὲ ἔχει τοὺς ὕμνους θεῶ·
ἐπειδὴ οὖν Δαβὶδ ἐμελώδησε,
καὶ ἀναγνώσει εὐτάκτῳ γραφῶν ἐπευφράνθημεν,
αὐθις Χριστὸν ἀνυμνήσωμεν καὶ τοὺς ἐχθροὺς στηλιτεύσωμεν·
αὕτη γὰρ γνώσεως κιθάρα·
τῆς δὲ γνώσεως ταύτης Χριστὸς ὁδηγὸς καὶ διδάσκαλος,
| : ὁ πάντων δεσπότης : |⁷

Aqui vê-se claramente o povo reunido à noite para ouvir um canto *bem-ordenado* (εὐτάκτῳ) sobre as Escrituras; o caráter catequético do hino também é ressaltado com a imagem da *cítara de conhecimento*, conhecimento de *Cristo*, que não só instrui mas também ensina a *condenar os inimigos*, isto é, os inimigos da Fé ortodoxa.

Apesar de ter vivido dias gloriosos, o contácio, após o seu declínio, foi completamente esquecido pelos bizantinos, tendo seu uso litúrgico sido reduzido apenas ao refrão e à primeira estrofe, preservando-se como exceções a essa regra o célebre e extraordinário Ἀκάθιστος Ὕμνος e a *Oração Fúnebre* de Anastásio. Coube, portanto, aos filólogos ocidentais desenterrarem o contácio de seu olvido. Um dos

⁶ Wellesz, 174-6.

⁷ “O povo fiel, no amor de Cristo, reunido vigia [isto é, mantém-se acordado à noite] em salmos e odes, e oferece sem cessar hinos a Deus; visto que Davi entoava cânticos, deleitemo-nos na leitura bem-ordenada das Escrituras, sim, hincemos Cristo e condenemos os inimigos; pois esta é cítara de conhecimento, e deste conhecimento Cristo é guia e mestre, o Senhor de todas as coisas.” Todas as citações de S. Romano são feitas a partir da edição de Maas-Trypanis; aqui, p. 80.

grandes estudiosos da Liturgia Bizantina, e que contribuiu enormemente aos estudos de sua hinografia, foi o Cardeal Jean-Baptiste-François Pitra. Enviado ao Império Russo, em virtude de suas pesquisas, pelo Papa Pio IX, ele descreve em sua obra *L'Hymnographie de l'Église Grecque*, após dissertar brevemente sobre S. Romano, como foi seu primeiro contato com a obra dos méloos:

«Qu'il nous soit permis de dire, que, pour notre part, nous en avons à peine le soupçon, avant qu'un premier manuscrit, qui nous parut longtemps unique, s'offrit à nous dans la bibliothèque synodale de Moscou. Nous n'avons pu oublier l'impression que nous éprouvâmes, en voyant pour la première fois passer sous nos yeux, à toutes les grandes fêtes de l'année, ces *psaumes*, ces *louanges*, ces *épopées*, d'une facture tout à fait nouvelle. Avec Romanus apparaissaient un Cosmas, un Grégoire, un Cyriacus, un Dométius, un Anastase, un Hélias, différents de tous ceux que nous connaissions. Ces noms sont peut-être prononcés ici pour la première fois dans l'histoire littéraire. Et les oeuvres innomées sont les plus nombreuses et les plus étendues. Les strophes allant jusqu'à trente vers, vingt ou vingt-quatre strophes suffissent pour fournir la carrière d'un chant de l'*Iliade*.»⁸

Malgrado a abundante riqueza poética e religiosa encerrada nesses hinos, eles não têm chamado muito a atenção dos estudiosos da literatura bizantina ainda hoje, embora sua existência não seja ignorada deles. Em 1999, Christian Hannick dizia sobre a hinografia bizantina de modo geral:

En comparaison avec l'ampleur des textes qui nous sont parvenus et dont beaucoup sont encore en usage dans les églises orthodoxes, l'hymnographie byzantine est mal étudiée et représente peut-être dans le domaine théologique grec le genre littéraire le moins connu.⁹

S. Romano é o único mélooo privilegiado, o qual teve suas obras editadas duas vezes. Mas à parte ele e Ὁ Ἀκάθιστος Ὑμνος, as informações sobre outros poetas e contácios são muito escassas, e com o Τῶν Ἐγκαινίων ὁ Ὑμνος não é diferente.

⁸ Pitra, p. 49.

⁹ Hannick, p 207.

O nome κοντάκιον e as características formais do gênero

O nome κοντάκιον como gênero poético é atestado somente no período medieval; os compositores de contácios não se serviam desse nome para designar as suas obras. Antes, utilizavam nomes mais gerais como ὕμνος (como n’*O Hino das Encênias*), ψαλμός, ποίημα, αἶνος, ᾠδή, ἔπος entre outros. Na coleção dos *Milagres de Sto. Artêmio*, redigido entre 658 e 668, o texto datável mais antigo a mencionar os hinos de S. Romano o Méloδο, mencionam-se στίχη e não κοντάκια.

Κοντάκιον significava, a princípio, um pequeno *volumen*. Pode ser um diminutivo de κοντός ou κόνταξ, que significam *haste*; κοντάκιον, por sua vez, nomeava a pequena haste de pau sobre a qual se fixava a extremidade do rolo de pergaminho; por metonímia, passou a designar o próprio rolo e depois o seu conteúdo.¹⁰ Embora raros, os testemunhos do termo κοντάκιον mostram que o conteúdo podia ser de qualquer espécie, não havendo nenhuma ligação com o hino litúrgico que mais tarde seria conhecido por esse nome. Por exemplo, o filósofo Estêvão de Alexandria, do sétimo século, fala de um κοντάκιον μου εἰς γεωμετρίαν, razão pela qual LSJ traduz o termo por *essay*.¹¹ Por outro lado, no típico do mosteiro fundado por Irene Ducas antes de 1118, diz-se que a tesoureira do convento anotava os detalhes de despesas ἐν ἰδιάζοντι κοντακίῳ. Mas, na maioria das vezes, a palavra designa mesmo um livro que contém algum texto litúrgico, especialmente das três liturgias sacrificiais, que o sacerdote lê no momento de sua ordenação. As igrejas possuíam também um ἄρχων τῶν κοντακίων, que seria um clérigo menor que se posicionava junto ao ambão e que tinha como responsabilidade a distribuição dos rolos litúrgicos convenientes a cada solista, leitor ou cantor.¹²

Não se sabe ao certo como o termo κοντάκιον passou a nomear apenas um gênero poético bem específico. A hipótese mais aceita é de que a designação de *contácio* no sentido de *hino*, remonte aos tempos em que as primeiras coleções de contácios, chamadas de *contacários* (κοντακάρια), foram feitas. Muito provavelmente, quando os contacários começaram a ser confeccionados, a maioria dos hinos ainda eram transcritos em pequenos *volumina*, sendo talvez os únicos textos litúrgicos a ainda serem preservados assim. Desse modo, ter-se-ia operado o mesmo que com a palavra

¹⁰ Matons (1977), p. 37.

¹¹ LSJ, no verbete κοντάκιον.

¹² Matons (1977), p. 38.

italiana *libretto*, que, diminutivo de *libro*, passou a designar especificamente o texto de uma ópera.¹³

Formalmente falando, um contácio compõe-se de um proêmio seguido de estrofes de estrutura métrica diversa da sua; geralmente, o número de estrofes varia de dezoito a trinta, mas alguns contácios mais simples possuem menos, e outros possuem mais. Essas estrofes são chamadas *casas* (οἴκοι), assim como o siríaco *baythâ* ou *baythô* (ܒܝܬܘܬܐ), que significa ao mesmo tempo casa e estrofe.¹⁴ O número de versos de cada casa também podem variar, geralmente de três a treze versos, pouco mais ou menos. Além do *proêmio*, e de sua “oposição” às casas, as duas outras características formais próprias do contácio são o *acróstico* e o *refrão*.

O *proêmio* (προοίμιον) é assim denominado desde os trabalhos pioneiros do Cardeal Pitra; os manuscritos, porém, nunca trazem esse termo, e a pequena peça que introduz o hino é neles costumeiramente denominada κουκούλιον, palavra de origem latina que significa “capuz”. Provavelmente, o Cardal Pitra (que também usava os termos πρόσσμα e προωδός) utilizava προοίμιον para aproximar a arte dos mélos dos antigos líricos gregos.

O proêmio possui uma estrutura métrica própria, e não faz parte do acróstico, que começa somente na primeira casa, e, à parte algumas exceções, é sempre mais breve que estas. Ele é amiúde descrito como uma espécie de resumo do hino, mas isso é falso.¹⁵ Considerando que o proêmio possui uma certa singularidade face ao corpo restante do poema, chama a nossa atenção o fato de que ele compartilha com as casas o *refrão*, e isso poderia indicar qual teria sido a sua origem. Supõe-se, portanto, que o proêmio primitivo não seria senão o próprio refrão, que devia ser aprendido pelo público a fim de ser repetido, no decorrer do hino, no fim de cada casa. Com o tempo, ter-se-ia começado a acrescentar alguns versos antes do refrão, que se desenvolveram a ponto de se tornarem um verdadeiro tropário.¹⁶ Uma prova desse processo poderia ser o fato de encontrarmos contácios com proêmios menores que o refrão ou apenas pouco maiores. Um exemplo do primeiro caso seria o proêmio do contácio de S. Romano o Mélo sobre *Judas*:

¹³ *Ibidem*, p. 39.

¹⁴ Um equivalente moderno é o italiano *stanza*, que significa ao mesmo tempo estrofe e cômodo, ou quarto.

¹⁵ Matons (1977), p. 40.

¹⁶ Matons (1983), p. 438.

Πάτερ ἐπουράνιε, φιλόστοργε, φιλόφρονε,
| : ἰλεως ἰλεως ἰλεως γένου ἡμῖν,
ὁ πάντων ἀνεχόμενος καὶ πάντας ἐκδεχόμενος : |

Como se pode ver, o próemio se compõe apenas por um verso em dois *cola*, enquanto o refrão consiste em dois versos e quatro *cola*.

Noutro hino de S. Romano, sobre *A Negação de S. Pedro*, encontramos um exemplo do segundo caso:

Ὁ ποιμὴν ὁ καλός, ὁ τὴν ψυχὴν αὐτοῦ θείς ὑπὲρ τῶν προβάτων,
| : σπεῦσον, σῶσον, ἄγιε, τὴν ποίμνην σου : |

Igualmente, no hino sobre *O Triunfo da Santa Cruz*, do mesmo mélo:

Τὰ οὐράνια καὶ τὰ ἐπίγεια συγχαίρουσι δικαίως τῷ Ἀδάμ,
ὅτι κέκληται
| : πάλιν εἰς τὸν παράδεισον : |

O acróstico, por sua vez, é uma marca inconfundível das origens semíticas do contácio. Como na literatura bíblica e siríaca, é comum encontrar acrósticos alfabéticos, de alfa a ômega; em um contácio de S. Romano, dedicado a *S. José*, encontramos a seguinte sequência: α β γ δ ε ζ η θ ι κ λ μ ν ξ ο π ρ σ τ υ φ χ ψ ω αλφαβητον ρωμανου. Há também aqueles, mais simples, que contêm nomes como ῥῳδῆ, ῥσμα, αἴνος, ψαλμός; outros são acrósticos-assinaturas, como Γαβριήλ, Ἰωσήφ. Na obra de S. Romano, os acrósticos são variados, mas costumam seguir duas fórmulas: a primeira, a sua assinatura e um epíteto de humildade, como ταπεινός (ou ταπινός), formando assim τοῦ ταπεινοῦ Ῥωμανοῦ, que aparece em mais de um quarto de sua obra supérstite. A segunda forma seria usar o nome do poema mais o seu nome: ῥῳδῆ Ῥωμανοῦ, προσευχὴ Ῥωμανοῦ, ὁ ῥμνος Ῥωμανοῦ, τοῦτο Ῥωμανοῦ τὸ ἔπος, ὁ ψαλμός οὗτός ἐστιν Ῥωμανοῦ. Ambas fórmulas podem ser combinadas: ποίημα Ῥωμανοῦ ταπεινοῦ, τὸ ἔπος Ῥωμανοῦ ταπεινοῦ, τοῦ ταπεινοῦ Ῥωμανοῦ ὁ ῥμνος, τοῦ κυροῦ Ῥωμανοῦ ἔπη, τοῦ κυροῦ Ῥωμανοῦ αἴνος etc. Em alguns poucos hinos, aparece também o tema: εἰς τὸν Ἀβραὰμ Ῥωμανοῦ ῥμνος, τοῦ ταπεινοῦ Ῥωμανοῦ τῷ ἀναργύρῳ ψαλμός. Outro tipo de acróstico muito comum em outros autores, é aquele que traz apenas o assunto ou o propósito do

hino, como εἰς τὸν πρωτόπλαστον, no contácio conhecido como *Lamentação de Adão*. O contácio que estamos a estudar é exatamente desse tipo: Τῶν Ἐγκαινίων ὁ Ὑμνος.

Acontece, porém, de amiúde aparecerem irregularidades. Troca-se repetidas vezes ι por η ou ο por ω e vice-versa. Outra irregularidade muito comum é a repetição de letras; nos autores mais antigos, essa duplicação costuma acontecer apenas com a última letra, em alguns casos tendo sido acrescentada posteriormente, por outra mão. Mas com o tempo, essas duplicações começaram a aparecer no interior mesmo do hino. Em um contácio dedicado a S. João Crisóstomo, εἰς τὸν Χρυσόστομον, encontramos o seguinte acróstico: εἰς τον χηρηυσοοοοσσητομον.

Devido a essa maleabilidade do acróstico, ele nunca pode ser tido como última autoridade ao se determinar a autoria de algum contácio. Foi assim que S. Romano teve acrescentado à sua obra um hino de um certo Domício, cujo poema sobre a *Natividade de S. João Batista*, conservado intacto alhures, teve seu acróstico modificado com o nome de S. Romano o Mélodo. A manipulação do acróstico pode ser observada em vários casos de cortes ou acréscimos, em que algum copista qualquer, ao diminuir ou aumentar algum hino, toma o cuidado de preservar a coerência do acróstico. No segundo hino sobre as *Dez Virgens*, de S. Romano¹⁷, cujo acróstico é τοῦ ταπεινοῦ Ῥωμανοῦ τοῦτο τὸ ποίημα, este foi diminuído para τοῦ ταπεινοῦ Ῥωμανοῦ ὡδὴ α΄ em alguns manuscritos. O acróstico do contácio sobre *Elias*, que é τὸν προφήτην Ἡλίαν ὁ Ῥωμανός ἀνευφημεῖ, foi abreviado para τὸν προφήτην Ἡλίαν ὁ Ῥωμανός ὕμνω. Por outro lado, o acróstico do quarto hino sobre a *Ressurreição*¹⁸, τοῦ ταπεινοῦ Ῥωμανοῦ αἴνος, teve, acrescentadas, em estrofes adicionais, as palavras εἰς τὸ πάθος.¹⁹

O refrão, ou ἀνακλώμενον²⁰, é o terceiro elemento formal característico do contácio. Como vimos, ele é introduzido no proêmio, e retomado no fim de cada casa, e pode constituir-se de uma só palavra, de um verso ou de vários versos. Se não se pode dizer com certeza como se dava o canto do proêmio e das casas, se por um solista, um coro, ou dois coros, é certo que o refrão era cantado por todo o povo presente. Um dos indícios disso é a presença um tanto frequente de uma exortação, na primeira pessoa do plural, introduzindo o refrão, como esta, na terceira casa do primeiro hino de S. Romano sobre *S. José*:

¹⁷ Primeiro hino, na edição de Maas-Trypanis.

¹⁸ Segundo hino, na edição de Maas-Trypanis.

¹⁹ Matons (1977), pp. 44-5.

²⁰ Segundo a Suda, citando um exemplo de S. Romano (Matons (1977), p. 47).

ἀλλὰ καὶ οἱ ταύτην ἀγαπήσαντες **κραυγᾶσωμεν**·

| : Μέγας μόνος Κύριος ὁ σωτὴρ ἡμῶν : |

Ou ainda, no mesmo hino, na quadragésima casa:

ἀλλὰ **φύγωμεν** ταύτην

τῇ εὐχῇ πάντοτε σχολάζοντες καὶ **κράζοντες**·

| : Μέγας μόνος Κύριος ὁ σωτὴρ ἡμῶν : |

Sendo o refrão regular, o fluxo do poema se torna fatalmente intermitente, e a estrutura da casa fica completamente comprometida. Isto é, o mélo precisa de muita habilidade para conseguir realizar um casamento não muito conturbado entre o refrão e as ideias desenvolvidas na casa. E esta é uma das coisas que mais impressiona em S. Romano – sua engenhosidade na forma como apresenta seus refrões. À medida, porém, que o tempo do apogeu do contácio foi passando, o refrão deixou de ser cantado pelo público, e isso afetou muito a forma como os hinos passaram a ser compostos. Vê-se que os mélos já não se preocupam tanto em manter sequer uma ligação sintática ou lógica entre o refrão e a casa que o precede. Enquanto os mélos mais antigos raramente usavam o mesmo refrão em mais de um contácio, a tendência posterior passa a ser a oposta. O refrão *πρεσβεύων ἀπαύστως ὑπὲρ πάντων ἡμῶν*, podendo ser aplicado a qualquer santo, foi utilizado inúmeras vezes por vários mélos.²¹

O metro

O metro é certamente um dos temas mais abordados pelos estudiosos da hinografia bizantina, e certamente um dos mais problemáticos. A mentalidade dos filólogos ocidentais, muito ciosos das tradições clássicas e afeitos à enunciação de regras abstratas e gerais, teve muita dificuldade em intuir os princípios da métrica hínica bizantina, e ainda hoje não deixou totalmente de por empecilhos à edição moderna dos textos, inçados de correções arbitrárias.

Após muitas tentativas de resolver a questão, os ocidentais, e mesmo os estudiosos gregos, ficavam sempre com a impressão de que os hinos não possuíam

²¹ Matons (1977), p. 47.

metro algum. Para citar alguns exemplos, no século XVII, o bávaro Simon Wangnereck se esforçou em provar que os hinos bizantinos eram compostos em verso político, extremamente popular desde o século X, mas em vão. J. Gretser, por sua vez, não hesitou em dizer: “Hymni Graecorum fere nulla certe lege constant; lex potissima videtur esse hymnographi voluntas, praesertim si syllabarum modulos et quantitatem spectes.”²² No entanto, os eruditos insistiam. No século XVIII, D. Toustain e D. Tassin, dois beneditinos franceses, escreveram uma longa carta ao Cardeal Querini, grande estudioso da Liturgia grega, alegando como certa a existência de metros perfeitamente clássicos nos tropários do Estudita. D. Toustain, o principal autor da carta, consumiu largos anos de sua vida na tentativa de elucidar a questão, mas também em vão.²³

Toda essa confusão se deve a alguns fatores conhecidos: primeiro, os gregos haviam esquecido de fato os princípios da versificação hínica, e, portanto, se continuavam (e continuam ainda hoje) a compor novos tropários e cânones, faziam-no (e fazem-no) tomando como modelo hinos mais antigos, cuja melodia imitavam; assim, os metros se preservam. Segundo, os bizantinos não sentiram, ao que parece, a necessidade de compor tratados de versificação hínica: primeiro, porque não precisavam, uma vez que todos sabiam como compor; depois, porque a divisão entre o que é verso e o que é prosa era diferente da visão ocidental, e esse é o terceiro fator que contribuiu para a confusão dos filólogos modernos. Enquanto para os ocidentais (mesmo após o modernismo literário), prosa é tudo aquilo que não é em verso, e vice-versa, para os bizantinos prosa era tudo aquilo que não era composto em verso *clássico*. Ou, para ser mais preciso, a dicotomia consistia em discurso *métrico* e discurso *amétrico*. Uma vez que μέτρον, em se tratando de textos, se referia às medidas clássicas, baseadas na quantidade das sílabas, não é de espantar que os autores da época nunca se refiram aos tropários, contácios e cânones como composições métricas. Como Matons frisa, “πεζὸς λόγος et ἄμετρος λόγος sont donc synonymes”.²⁴

É por isso que a *Suda* distingue, por exemplo, entre os hinos de S. João Damasceno, οἱ ἄσματικοὶ κανόνες ἰαμβικοὶ τε καὶ καταλογάδην.²⁵ Gregório de Corinto, no século XI ou XII, refere-se aos cânones de S. Cosme de Maiuma como πεζῶ λόγῳ, τῷ ἀμέτρῳ δηλαδή, γεγραμμένους, mas ao mesmo tempo sugere uma correção em um dos hinos, preocupado, não só com a semântica e a sintaxe, mas também com a

²² *Apud* Pitra, p. 5, nota 1.

²³ *Ibidem*, pp. 6-7.

²⁴ Matons (1977), p. 121.

²⁵ *Apud* Christ, p. LXXIII.

conformidade melódica, que dependia do metro: μή λημαίνεται τῷ μέλει. E Teodoro Pródromo (século XII) não vê por que não se referir a S. Cosme como ποιητής, ποιητικός.²⁶

Foi no século XIX que o problema começou a ser solucionado, com a obra seminal do Cardeal Pitra, que elucidou um dos princípios do verso hínico, a *isossilabia*. Referindo-se a si, na terceira pessoa, como um “cenobita de Solesmes” (ainda não era purpurado), ele mesmo conta como se deu esse acontecimento:

«Un incident, dont l’humble détail demanderait grâce, ouvrit une voie inattendue. Sur les ordres du très illustre Pontife, heureusement regnant, un cénobite de Solesmes arrivait, en Juin 1859, inattendu et inconnu, dans la capitale des Czars. L’habit bénédictin suffit pour lui obtenir, à l’Église dominicaine de S. Catherine, une cellule, qui lui offrit le luxe d’un manuscrit grec. C’était un ami, venu à propos, pour charmer les heures toujours longues d’une installation en pays étranger. Ces heures n’étaient pas sans angoisse, pour un pèlerin venu des bords du Tibre aux rives de la Néva. Elles passèrent vite, grâce surtout aux feuilles avidement explorées du manuscrit, qu’en vain l’humidité rendait presque illisible. Vers la fin, l’attention devint plus saisissante: c’était une légende du Mont Athos sur Notre-Dame des Ibères.»

A lenda a que se refere é a história de uma imagem que pertencia a uma viúva de Niceia, que, para salvá-la da destruição perpetrada pelos iconoclastas, confiou-a ao mar. Após longos anos, a imagem milagrosamente ressurgiu, numa coluna de fogo, aos monges do Monte Atos, que tentam recobrá-la. No entanto, sempre que os botes dos monges se aproximavam, a imagem recuava, porque a honra de tocá-la estava destinada a apenas um deles, de nome Gabriel, que acolhe-a e leva-a solenemente a seu mosteiro. Essa imagem, que recebeu o nome de Πορταῖτιστα, tinha seu dia de festa, no qual era cantado um cânon em sua homenagem. Foi na leitura desse cânon que o futuro Cardeal percebeu o princípio da *isossilabia*:

«Sans s’arrêter à cette facile critique, l’attention du pèlerin resta absorbée sur des points rouges, qui divisaient, non seulement les hymnes et les strophes, mais des vers très variés de formes. Ces points, placés aux mêmes intervalles, dans chaque strophe, mesuraient le même nombre de syllabes, jusqu’à la fin de chacun des huit cantiques. En tête de ceux-ci, venait un mot de refrain, ou l’Εἰρμός,²⁷ qui ne pouvait être que le début d’un plus ancien cantique, destiné à fixer, non seulement la mélodie du chant, mais le

²⁶ *Ibidem*, p. 122.

²⁷ Sobre o *hirmus* falaremos mais adiante.

nombre et la mesure des vers. Huit fois en effet l'*hirmus* changeait dans ce canon, et les divisions symétriques et régulières recommençaient, toujours marquées par des points rouges, trait de lumière, qu'il ne fut plus possible de perdre de vue. Le pèlerin était en possession du système syllabique des hymnographes.»²⁸

Fica claro, assim, que os bizantinos, embora não tivessem escrito tratados sobre os versos de seus hinos, estavam bem conscientes da forma como estes eram compostos, a ponto de criarem uma notação rítmica empregada em alguns manuscritos.²⁹

A partir daí, o estudo da hinografia bizantina deu uma guinada. Pouco mais tarde, W. Christ, nos prolegômenos de sua *Anthologia graeca carminum christianorum*, chama a atenção para outro princípio que regia a métrica dos hinos; ao tratar da isossilabia, afirma:

Sed ne in hac una re observanda eos [byzantinos poetas] acquievisse putemus, ipsa versuum modorumque natura prohibemur. Namque nobis quidem cum notione versus numerorum sive rhythmici vis adeo coniuncta esse videtur, ut versum nullum esse sentiamus, quin cantoris vel recitatoris vox certis intervallis modo erigatur, modo deprimatur. [...] quaeritur igitur, num byzantinorum quoque tropariorum versiculi non solum pari numero syllabarum, sed etiam pedum ictuumque similitudine sibi invicem responderint.³⁰

A resposta será afirmativa, e mais adiante enunciará a lei segundo a qual “troparia sibi respondentia certis quibusdam locis accentu syllabarum concinerent.” E completa: “Atque hanc quidem legem, quam Pitrae sagacitatem fugisse magnopere miror, fundamentum artis poetarum byzantinorum dicere non dubito.”³¹ Essa lei é a lei da *homotonia*.

Mas de que se tratam exatamente a *isossilabia* e a *homotonia*?

Grosdidier de Matons formula a lei da isossilabia do seguinte modo:

²⁸ Pitra, pp. 10-1.

²⁹ Como esta dissertação não é um tratado sobre o contácio, mas a explicação de apenas um deles, não nos deteremos sobre a questão dessa notação, tanto porque isso nos levaria ao domínio da música bizantina, onde não nos conviria adentrar.

³⁰ Christ-Paranikas, pp. LXXVI-VII.

³¹ *Ibidem*, p. LXXX.

«Dans toutes les strophes d'un même kontakion, chacun des kôla a le même nombre de syllabes que dans le kôlon correspondant de l'idiomèle qui lui sert d'hirmos.»

E apõe a seguinte nota: “S’il s’agit d’un idiomèle, on dira simplement que tous les kôla qui se correspondent dans chaque strophe ont le même nombre de syllabes en principe.”³²

A lei da homotonia, por sua vez, é assim enunciada:

«Dans toutes les strophes d'un même kontakion, chacun des kôla a en principe ses accents principaux sur les mêmes syllabes que dans le kôlon correspondant de l'idiomèle qui lui sert d'hirmos.»

Com a seguinte nota: “S’il s’agit d’un idiomèle, on dira que tous les kôla qui se correspondent dans chaque strophe ont leurs accents aux mêmes endroits.”³³

Embora ambos princípios não sejam de difícil compreensão, somos obrigados a entender primeiro alguns conceitos básicos, como o de *hirmo* (εἰρμός), *idiômelo* (ιδιόμελος) e *prosômio* (προσόμοιον). Infelizmente, conhecemos apenas dois testemunhos que nos fornecem alguma elucidação sobre o método de composição dos melodos, dois escritos tardios referentes ao cânon; no entanto, os princípios de versificação do cânon são os mesmos que os do contácio, embora os fins almejados sejam diversos. Pseudo-Teodósio, um gramático não anterior ao sétimo século descoberto por Pitra, ao dizer que o melodo deve conhecer bem a música ἵνα μελίζη καλῶς τὰ ποιήματα, acrescenta: οἷον ἐάν τις θέλῃ ποιῆσαι κανόνα, πρῶτον δεῖ μελίσαι τὸν εἰρμόν, εἶτα ἐπαγαγεῖν τὰ τροπάρια ἰσοσυλλαβοῦντα καὶ ὁμοτονοῦντα τῷ εἰρμῷ καὶ τὸν σκοπὸν ἀποσφύζοντα.³⁴

A segunda atestação encontramos-la em Zônaras, em sua Ἐξήγησις τῶν ἀναστασιμῶν κανόνων τῶν τοῦ Δαμασκηνοῦ: Ὁ μὲν εἰρμὸς ἀρμονία τίς ἐστι μέλους, ἐν

³² Matons (1977) p. 128.

³³ *Ibidem*, 140.

³⁴ *Ibidem*, 125. “Por exemplo, se alguém quiser fazer um cânon, primeiro cumpre musicar o hirmo, depois conduzir os tropários ἰσοσυλλαβοῦντα καὶ ὁμοτονοῦντα ao hirmo, conservando sua melodia [ou: ritmo].” Na tradução de σκοπός seguimos W. Christ (*apud* Matons (1977), p. 125, n. 54), que entende a palavra como termo musical, no mesmo sentido que possui hoje. Além de seu senso de “fim, objetivo”, segundo o Λεξικό της Νέας Ελληνικής Γλώσσας, de G. Babiniótis, a palavra σκοπός também pode significar η μελωδία και ο ρυθμός ενός μουσικού κομματιού.

συνθέσει φωνῆς ἐνάρθρου τε καὶ σημαντικῆς, ὠρισμένῳ τινὶ μέτρῳ καὶ ποσῷ μεγέθους περιγραφομένη· ἥτις ἀρμονία προωρισμένη τε καὶ προεγνωσμένη προϋπόκειται, πρὸς ἣν τὰ λεγόμενα τροπάρια ἀναφέρεται· οἶονεὶ γὰρ ἀρχὴ τῶν τροπαρίων ἐστὶ καὶ κανόνων, ἐπεὶ τὰ τροπάρια διὰ τοῦ εἰρμοῦ κανονίζεται καὶ ῥυθμίζεται πρὸς αὐτὸν ὡς πρὸς ὑπόδειγμα συντιθέμενα καὶ ἀρμοζόμενά τε καὶ μελωδούμενα. Λέγεται δὲ ὁ μὲν εἶρμος ὅτι κατὰ τάξιν τινὰ ἐν συνθέσει καὶ μελουργίᾳ εἰρόμενος καὶ πλεκόμενος καὶ ἀρμοζόμενος πρόεισι, καὶ οὐχ ὡς ἔτυχε.³⁵

A explicação do pseudo-Teodósio é a que nos forceceu, como pode-se perceber, os nomes *isossilabia* e *homotonia*; sua descrição do processo de composição do cânon é bem simples: musicar o hirmo e “conduzir” a ele os tropários (que compõem o cânon) com o mesmo número de sílabas e com os mesmos tons. Zônaras é um pouco mais explícito, e de seu texto podemos entender melhor o que é o *hirmo* ou *encadeamento*. Zônaras fala de uma “harmonia predeterminada e conhecida de antemão” que é preestabelecida como “modelo” (ὑπόδειγμα) para a nova composição, que se adequará a ele de forma ordenada (κατὰ τάξιν). Juntando essa definição com a do pseudo-Teodósio, e analisando os contácios e cânones supérstites, podemos entender que o hirmo é um esquema silábico-tônico de um hino preexistente que serve como modelo para a composição de um novo hino. Este novo hino, chamado *prosômio*, terá versos *com o mesmo número de sílabas e com os acentos nos mesmos lugares do seu modelo*, isto é, o seu *hirmo*. Seus versos, por outro lado, *serão divididos igualmente no mesmo número de cola*. Quando um mélo compõe um hino com um esquema silábico-tônico original, este será chamado *idiômelo*, e poderá servir de *hirmo* a qualquer *prosômio*.

Agora podemos entender as leis da isossilabia e homotonia conforme formuladas por Matons e citadas mais acima: “Em todas as estrofes de um mesmo contácio, cada um dos cola tem o mesmo número de sílabas que no cólon correspondente do idiômelo que lhe serve de hirmo. Se se tratar de um idiômelo, dir-se-á simplesmente que todos os cola que se correspondem em cada estrofe têm o mesmo número de sílabas a princípio.” E: “Em todas as estrofes de um mesmo contácio, cada um dos cola tem a princípio seus

³⁵ “O *hirmo* [encadeamento] é uma harmonia de música na composição de uma voz provida de articulação e significado, circuncrita a uma determinada medida e certa grandeza. Qualquer harmonia predeterminada e preconhecida é preestabelecida, à qual os ditos tropários são conduzidos, como se fosse o próprio princípio dos tropários e dos cânones, visto que os tropários através do *hirmo* são regulados e ritmados, sendo compostos e acomodados e musicados conformes a ele, como que a um modelo. Diz-se portanto do *hirmo* [encadeamento], que precede [à composição da qual é modelo], encadeado e elaborado e acomodado segundo uma ordem na composição e musificação, e não segundo o acaso.”

acentos principais sobre as mesmas sílabas que no cólon correspondente do idiômelo que lhe serve de hirmo. Se se tratar de um idiômelo, dir-se-á que todos os cola que se correspondem em cada estrofe têm seus acentos sobre os mesmos lugares.”

A título de exemplo vejam-se os proêmios de dois contácios de S. Romano; o primeiro, Ἐπεφάνης σήμερον, encabeça seu hino sobre *O Batismo de Cristo*, e o segundo, Τοὺς ἐν θλίψει, introduz seu contácio sobre *Terremotos e Incêndios*; os símbolos – e υ representam, respectivamente, as sílabas tônicas e átonas:

υ υ – υ – υ υ υ υ υ – υ
Ἐπεφάνης σήμερον τῇ οἰκουμένη

υ υ – υ – υ υ υ υ υ – υ υ υ –
καὶ τὸ φῶς σου, Κύριε, ἐσημειώθη ἐφ’ ἡμᾶς

υ υ υ – υ υ – υ υ – υ υ – υ
ἐν ἐπιγνώσει ὑμνοῦντων σε· Ἦλθες, ἐφάνης,

υ – υ υ – υ υ
| : τὸ φῶς τὸ ἀπρόσιτον : |

υ υ – υ – υ υ υ υ υ – υ
Τοὺς ἐν θλίψει, Κύριε, κατεχόμενος

υ υ – υ – υ υ υ υ υ – υ υ υ –
μὴ παρίδης κρᾶζοντας ἐν μετανοίᾳ σοι, σωτήρ·

υ υ υ – υ υ – υ υ – υ υ – υ
Τῇ εὐσπλαγχνίᾳ σου δώρησαι πᾶσιν ἀνθρώποις

υ – υ υ – υ υ
| : ζωὴν τὴν αἰώνιον : |³⁶

Percebe-se, com um lance d’olhos, que a organização silábica e tônica é idêntica em ambos os proêmios. Isso quer dizer que, ou um é o hirmo do outro, que será seu prosômio, isto é, um foi composto tendo o outro por modelo, ou ambos serão prosômios de um outro hirmo, cujo padrão rítmico terão seguido.³⁷

³⁶ Maas-Trypanis, pp. 34, 462 e 536.

³⁷ Discutir todas as questões relativas ao metro, à estruturação das casas, à organização dos cola e às suas transgressões, algumas regulares, fugiria ao nosso alcance. Em um longo capítulo de seu livro, Grosdidier de Matons (1977), pp. 119-156, analisa tudo aquilo que concerne ao metro dos contácios com uma riqueza insólita de detalhes. Não posso senão remeter ao seu trabalho aqueles que desejarem conhecer a fundo a matéria, enquanto dou aqui prosseguimento ao meu discurso.

As origens do *contácio*

No decorrer da história geral da hinografia cristã, história, diga-se, bastante complexa, encontramos alguns poemas bastante semelhantes na forma ao *contácio*. O exemplo mais antigo é o Εὐχάριστος Ὕμνος de S. Metódio de Olimpo (m. 311), incluso em sua obra *Banquete das Dez Virgens ou da Castidade*. O *Banquete* consiste em dez elogios da castidade proferidos por dez virgens, todas elas convivas da Virtude (Ἀρετή), que as coroa pela beleza de seus elogios; a uma delas, porém, Tecla, dá a coroa mais bela, assim como a honra de entoar o *Hino Eucarístico*. Este compõe-se de 24 estrofes, que contêm um acróstico alfabético, de alfa a ômega. Também possui um refrão, assim como o *contácio*. Eis suas duas primeiras estrofes:

Ἄνωθεν, παρθένοι, βοῆς ἐγερσίνεκρος ἦχος
ἦλθεν νυμφίῳ πασσυδι ὑπαντάνειν λευκαῖσί τε
καὶ λαμπάσι πρὸς ἀντολάς· ἔγερσθε, πρὶν φθάσῃ μολεῖν
εἶσω θυρῶν ἄναξ.

| : ἀγεύω σοι καὶ λαμπάδας φαεσφόρους κρατοῦσα,
Νυμφίε, ὑπαντάσω σοι. : |

Βροτῶν πολυστένακτον ὄλβον ἐκφυγοῦσα καὶ
Βίου τρυφῆς ἔρωτα μωρὸν, σαῖς ὑπ' ἀγκάλαις
Ζωηφόροις ποθῶ σκέπεσθαι καὶ βλέπειν τὸ σὸν
Κάλλος διηνεκῶς, μάκαρ.

| : ἀγεύω σοι καὶ λαμπάδας φαεσφόρους κρατοῦσα,
Νυμφίε, ὑπαντάσω σοι. : |³⁸

Percebe-se da leitura, porém, que, malgrado a presença do acróstico e do refrão, a estrutura métrica não é a do *contácio*³⁹, nem o caráter do seu conteúdo teria qualquer semelhança com o tom pastoral deste, que afinal tinha um propósito muito diverso do

³⁸ O *Hino Eucarístico* encontra-se na íntegra em Christ-Paranikas, pp.33-7, sob o nome ΜΕΘΟΔΙΟΥ ΠΑΡΘΕΝΙΟΝ.

³⁹ Segundo Matons (1977), p. 4, o estabelecimento do metro incerto desse hino já foi assunto de imenso debate, mas o máximo que havia-se conseguido alcançar de consenso era que sua base seria o jambo.

desse poema de S. Metódio. No mais, a presença do acróstico se explicaria facilmente por influência da Bíblia.

As verdadeiras origens do contácio, porém, jazem na poesia siríaca, que fará um encontro muito feliz com a *homilia poética* grega, cujas origens remontam pelo menos ao segundo século, no Περὶ Πάσχα, de S. Melitão de Sardes.⁴⁰

Entre a época de S. Melitão e o quinto século, a hinografia cristã siríaca conheceu um grande florescimento, primeiramente entre os hereges, e, depois, em reação a eles, entre os ortodoxos. Dos primeiros, os maiores expoentes foram Bardesano e seu filho Harmônio; entre os segundos, encontramos a insigne obra de Sto. Efrém.

A poesia siríaca, assim como a hinografia bizantina, é fundamentada na métrica silábica, e é representada sobretudo por três gêneros o *مَمْرَا* (*mêmra* ou *mîmrô*), o *مَدْرَاشَا* (*madrâshâ* ou *madrôshô*) e a *سَوْغَا* (*sôgîthâ* ou *sugîthô*).

O *mêmra* é aquele que parece mais com o contácio no conteúdo e na função. Seu nome significa *homilia*, e era recitado (isto é, não era cantado) durante o Ofício com um fim edificante. Mas formalmente é totalmente diverso: era composto de versos fixos, de sete sílabas em Sto. Efrém, e de cinco a doze na obra de seus sucessores, com uma cesura fixa. Embora originalmente recitado no Ofício, mais tarde os poetas começaram a compor *mêmre* sobre assuntos os mais diversos, e de extensão vária: um *mêmra* sobre S. José, atribuído a Sto. Efrém, alcança as dimensões de uma verdadeira epopeia, sendo dividido em doze cantos.

O *madrâshâ*, cognato do hebraico *מִדְרָשׁ* (*midrash*), era um gênero lírico, muito cultivado por Sto. Efrém, e destinado à execução por um coro. Os temas tratados eram os mais diversos: parenéticos, polêmicos, apologéticos, episódios da vida de Cristo ou dos Santos, hinos fúnebres ou poemas penitenciais, exatamente como o contácio. Como este, o *madrâshâ* também possui idiômelos, hirmos e prosômios, e as estrofes podem conter versos de diferentes medidas, embora não se encontre a mesma complexidade da estrofe do contácio. As estrofes são de tamanhos diferentes: uma mais breve alterna com uma mais longa. Ocasionalmente aparecem acrósticos, e Sto. Efrém chega mesmo a usar algumas vezes o acróstico-assinatura.

⁴⁰ Matons (1977) se refere à homilia poética como um “genre assez mal défini qu’on désigne habituellement sous le nom d’homélie poétique”. Segundo pude averiguar, ao pesquisar as obras e autores citados, como as homilias de Basílio de Selêucia, poético parece referir-se mais ao modo “criativo” como o tema é tratado do que ao caráter formal da homilia, que eu esperava ser em verso; veremos, contudo, que alguns autores realmente inseriam versos em suas homilias.

A *sôgîthâ* é um subgênero do *madrâshâ*; sua composição é baseada nos nove cânticos de Narsai, e sua grande maioria é escrita em forma de diálogo. Há dois personagens, ou grupos de personagens, cada um assignado a um coro, cujas falas alternam em um número fixo de versos; as estrofes correspondentes à fala dos dois grupos começam com a mesma letra do alfabeto, de modo que todo o texto forma um acróstico duplo.

Será especialmente a *sôgîthâ* que influenciará sobremaneira a homilia poética grega. Na sexta homilia de S. Proclo de Constantinopla (m. 446 ou 447) em louvor de S. Maria, Κλέπτει τοὺς πόνους, encontraremos *sôgyâthâ* de uma forma bastante curiosa. Em seu sermão, S. Proclo começa a dramatizar a cena da *Anunciação*; veja-se o início do diálogo entre S. Maria e S. Gabriel (Ela começa falando):

Πῶς ἔσται τοῦτο, φησὶν, ἐπεὶ ἄνδρα οὐ γινώσκω;

Ἄγνοῶ τοῦ ῥήματος τὸ σαφές,

καὶ πῶς γνῶσομαι τοῦ πράγματος τὸ θεοπρεπές;

Καὶ ἀρχάγγελος πρὸς αὐτήν·

Ἄπαιτεῖς οὖν τὰ ἀγγελικὰ τάγματα,

ἄρρητα δημοσιεύειν ῥήματα;

Καὶ ἡ ἅγια πρὸς τὸν ἄγγελον·

Βλάβην ἔχει τὰ τῆς ἐπερωτήσεως,

ἐὰν φανερωθῇ τὰ τῆς συλλήψεως;

Καὶ ὁ ἄγγελος·

Βλέπεις τὸν εὐαγγελιζόμενον Γαβριήλ,

Καὶ ἐνδοιάξεις τὸν μηνυόμενον Ἐμμανουήλ;⁴¹

⁴¹ Proclo, PG 65, col. 740.

É possível perceber que a estrutura do diálogo é exatamente a da *sôgîthâ*: dois personagens alternam sua fala em um número fixo de versos, que começam com a mesma letra do alfabeto. Como, porém, esse diálogo de S. Proclo não era destinado ao canto, ele se dá a liberdade de inserir incisos de narrador para indicar quem está a falar. Outra característica que chama a atenção nesses versos de S. Proclo é a *rima*, usada aqui sistematicamente, e que encontraremos com uma certa frequência no contácio, embora de forma mais casual. Quanto ao metro, observa-se que os versos de cada dístico (à exceção do primeiro) têm o mesmo ou quase o mesmo número de sílabas, e os acentos principais nos mesmos ou quase nos mesmos lugares.

Os temas bíblicos na homilia grega desse período são tratados com extrema liberdade, e o orador não se limita a por em cena os personagens tradicionais: é comum aparecerem os poderes infernais, como Belial, Hades e Morte, de um modo muito similar à dos Mistérios medievais europeus. O homilista buscava também comover seus ouvintes, e vemos aparecer descrições “macabras” do Dilúvio ou da Ressurreição de Lázaro, e monólogos patéticos como o de Sara lamentando o sacrifício de Isaac ou da viúva de Sarepta culpando Elias pela morte do filho. Alguns dos temas, vale notar, estão entre os prediletos dos poetas sírios, como a descida aos Infernos, e a história do Profeta Elias.⁴²

Ao lado das homilias, existiam também os chamados *μεγαλυνάρια*. Deles, possuímos hoje poucos exemplos, conservados em manuscritos italianos. Três desses poemas são compostos de dísticos ou tetrásticos ligados por um acróstico alfabético, e possuem a métrica silábica. Um deles, Ἄρχοντες Ἑβραίων, do século V, cantado na Sexta-Feira Santa, durante a Adoração da Santa Cruz, já lembra muito um contácio:

Ἦλοις προσηλώθης, ἀνεξίκακε κύριε,
ὁ παῖς σαῖς παλάμαις πλαστουργήσας τὸν ἄνθρωπον.
Θανάτου ἐγεύσω θανατώσας τὸν θάνατον,
καὶ τοὺς τεθνεῶτας ὡς ἐξ ὕπνου ἀνέστησας.
Ἰούδας ἠρνήσατο, ὁ ληστής ὠμολόγησε
γυμνὸν θεασάμενος τὸν κτίσιν κοσμήσαντα.
[...]
Ὅξος ἐν τῇ σπόγγῳ καὶ χολήν σε ἐπότισαν

⁴² Matons (1977), p. 20.

τὸν ἐν γῆ ἄνδρῳ ποταμοὺς ἀναβλύσαντα.

Πιλᾶτῳ ἔδωκαν τὸν σωτῆρα οἱ ἄνομοι

τὸν δίδοντα νόμον μὴ φονεύειν τὸν δίκαιον.⁴³

O caráter desse trecho é bastante meditativo, como com frequência encontra-se no contácio. Note-se também o gosto do poeta pelo paralelismo e pela antítese: *Provaste a morte, a morte matando; Judas negou, o ladrão confessou; Deram os homens sem-lei a Pilatos o Salvador, que dera a lei de não matar o justo*. Esse tipo de recurso também será muito empregado no contácio.

Outros hinos conhecemos, providos não só de um acróstico (sempre alfabético), mas também de um refrão. Um deles é o Ἐθήρευσάν με ἄνομοι, que também parecer ter feito parte do Ofício da Sexta-Feira Santa, e que, além do acróstico e refrão, também possui um proêmio:

Ἐθήρευσάν με ἄνομοι ὡς λέων ὠρυόμενοι·

κατ' ἐμοῦ προσπίπτοντες τῷ Πιλᾶτῳ ἔλεγον·

| : Ἄρον ἄρον σταύρωσον τὸν ἁμαρτίαν μὴ ποιήσαντα : |

Ἀνάστηθι, Κύριε, πρόφθασον αὐτοὺς καὶ ὑποσκέλισον αὐτούς·

Βαδίζουσι γὰρ ὁδοὺς οὐκ ἀγαθάς·

Γέμει τὸ στόμα αὐτῶν ἄρᾳς καὶ πικρίας καὶ δόλου·

Δόντες με κριτηρίῳ καὶ ἐβόησαν λέγοντες·

| : Ἄρον ἄρον σταύρωσον τὸν ἁμαρτίαν μὴ ποιήσαντα : |

Ἐρωτῶσί με πειράζοντες· «Σὺ εἶ ὁ Χριστός;

Ζωὴν ἄλλοις παρέσχες, σῶσον σαυτόν,

Ἦ εἶ υἱὸς εἶ τοῦ Θεοῦ, φανέρωσον ὑμῖν.»

Θανατῶσαί με φλεγόμενοι καὶ ἐβόησαν λέγοντες·

| : Ἄρον ἄρον σταύρωσον τὸν ἁμαρτίαν μὴ ποιήσαντα : |

⁴³ *Ibidem*, p. 26.

Este hino se diferencia do contácio em vários aspectos: primeiro, o acróstico corre todos os versos das estrofes que se seguem ao proêmio, enquanto no contácio teremos uma letra por estrofe; segundo, o poeta põe a fala na boca do próprio Cristo, e o poema assim não adquire o caráter catequético que o contácio mantém mesmo na forma dramática. Mas o mais importante é que este hino não possui qualquer metro. Para usar a expressão de Matons, “il s’agit d’un véritable psaume”.⁴⁴

Os primeiros contácios

Contácios verdadeiros, anteriores ou contemporâneos a S. Romano, não conhecemos senão quatro: *O Hino Acatisto*, a *Lamentação de Adão*, o hino sobre *Adão e Eva*, *Caim e Abel* e um fragmento sobre *Elias*. Esse fragmento é atestado em dois manuscritos, o hino sobre *Adão e Eva*, *Caim e Abel* em apenas um, enquanto os dois primeiros contácios marcam presença em todos os contacários.

O hino sobre *Adão e Eva*, *Caim e Abel*, provavelmente era cantado no primeiro domingo da Quaresma, até ser excluído do repertório aquando do estabelecimento da festa da Ortodoxia, no mesmo dia. Ele possui um acróstico alfabético e é um caso quase único no que diz respeito ao seu proêmio, que é de uma estrutura muito mais elaborada que a de suas breves e simples casas.

O Θρηῆνος Ἀδάμ, por sua vez, é o primeiro contácio que possui um acróstico-título, neste caso, εἰς τὸν πρωτόπλαστον, ao qual um segundo autor acrescentou Ἀδάμ. A casa desse contácio constitui-se de três versos, no último dos quais encontra-se encrustado o refrão:

Ἐκάθισεν Ἀδάμ τότε καὶ ἔκλαυσεν ἀπέναντι
 τῆς τρυφῆς τοῦ παραδείσου χερσὶ τύπτων τὰς ὄψεις,
 καὶ ἔλεγεν· | : Ἐλεῆμον, ἐλέησον τὸν παραπεσόντα. : |

Ἴδὼν Ἀδάμ τὸν ἄγγελον ὠθήσαντα καὶ κλείσαντα
 τὴν τοῦ θεοῦ κήπου θύραν, ἀνεστέναξε μέγα
 καὶ ἔλεγεν· | : Ἐλεῆμον, ἐλέησον τὸν παραπεσόντα. : |

⁴⁴ *Ibidem*, p. 26.

Συνάληρον, παράδεισε, τῷ κτήτορι πτωχεύσαντι,
καὶ τῷ ἤχου σου τῶν φύλλων ἱκετεύσον τὸν πλάστην
μὴ κλείσῃ σε. | : Ἐλεῆμον, ἐλέησον τὸν παραπεσόντα. : |

Τὰ δένδρα σου κατάκαμψον ὡς ἔμψυχα, καὶ πρόσπεσον
τῷ κλειδούχῳ, ἵνα οὕτως μείνης ἀνεωγμένος
τῷ κρᾶζοντι. | : Ἐλεῆμον, ἐλέησον τὸν παραπεσόντα. : |

Ἵσφραίνομαι τοῦ κάλλους σου καὶ τήκομαι μνησκόμενος
πῶς ἐν τούτῳ ἠύφραινόμην ἀπὸ τῆς εὐοσμίας
τῶν ἀνθέων. | : Ἐλεῆμον, ἐλέησον τὸν παραπεσόντα. : |

Νῦν ἔμαθον ἃ ἔπαθον, νῦν ἔγνωκα ἃ εἶπέ μοι
ὁ Θεὸς ἐν παραδείσῳ, ὅτι εὖαν λαμβάνων
λανθάνεις με. | : Ἐλεῆμον, ἐλέησον τὸν παραπεσόντα. : |

O fragmento sobre *Elias* é um diálogo entre a viúva de Sarepta e o profeta, como os que se encontram na poesia siríaca e na homilética grega, bem como em S. Romano. O acróstico formado pelas sete casas supérstites é ὁ ψαλμός.

Diante da simplicidade desses três contácios, é realmente espantosa a eloquência torrencial de Ὁ Ἀκάθιστος Ὑμνος, de autoria indeterminada, mas certamente o mais complexo de todos os hinos gregos, e a maior obra-prima da poesia bizantina, sendo, em sua singularidade, a única obra capaz de ultrapassar em grandeza os contácios de S. Romano, embora haja autores que queiram demonstrar que o mélo do sírio tenha sido seu verdadeiro autor. Sua fama, na Idade Média, era tão grande, que até ganhou uma tradução latina.

Ὁ Ἀκάθιστος Ὑμνος, em vista de seus problemas de datação e autoria, e de sua vasta atestação, bem como de seu lugar na Liturgia, bastaria a si mesmo como objeto de um longo livro. Continuaremos aqui, porém, em nosso plano de fornecer apenas as informações mais básicas sobre esses hinos neste nosso esboço da história do contácio.

Ἀκάθιστος significa “não-sentado”, o que indica que era (e ainda é) cantado com todos os circunstantes, inclusive os leigos, em pé, e é um grande louvor à *Theotokos*. Compõe-se de um próemio e vinte e quatro estrofes que formam um acróstico alfabético.

Assim como no *madrâshâ* siríaco, *O Hino Acatisto* tem dois tipos de casas, uma maior que a outra: as ímpares têm vinte e oito cola e duzentas e doze sílabas no total, e terminam com o refrão: χαῖρε νύμφη ἀνύμφευτε. As casas pares têm oito cola e sessenta e duas sílabas, que terminam com o refrão: ἀλληλούϊα.

Ἄγγελος πρωτοστάτης οὐρανόθεν ἐπέμφθη
εἰπεῖν τῇ Θεοτόκῳ τὸ Χαῖρε·
καὶ σὺν τῇ ἀσωμάτῳ φωνῇ σωματούμενόν σε θεωρῶν, Κύριε,
ἐξίστατο καὶ ἴστατο κραυγάζων πρὸς αὐτὴν τοιαῦτα·
Χαῖρε δι' ἧς ἡ χαρὰ ἐκλάμπει, Χαῖρε δι' ἧς ἡ ἀρὰ ἐκλείπει·
Χαῖρε τοῦ πεσόντος Ἀδὰμ ἢ ἀνάκλησις,
Χαῖρε τῶν δακρύων τῆς Εὐας ἢ λύτρωσις·
Χαῖρε, ὕψος δυσανάβατον ἀνθρωπίνοις λογισμοῖς,
Χαῖρε βάθος δυσθεώρητον καὶ ἀγγέλοις ὀφθαλμοῖς·
Χαῖρε ὅτι ὑπάρχεις Βασιλέως καθέδρα,
Χαῖρε ὅτι βαστάζεις τὸν βαστάζοντα πάντα·
Χαῖρε ἀστήρ ἐμφαίνων τὸν Ἥλιον.
Χαῖρε γαστήρ ἐνθέου σαρκώσεως·
Χαῖρε δι' ἧς νεουργεῖται ἡ κτίσις,
Χαῖρε δι' ἧς βρεφουργεῖται ὁ Κτίστης·
| : Χαῖρε Νύμφη ἀνύμφευτε. : |

Βλέπουσα ἡ Ἁγία, ἐαυτὴν ἐν ἀγνείᾳ,
φησὶ τῷ Γαβριήλ θαρσαλέως·
Τὸ παράδοξόν σου τῆς φωνῆς, δυσπαράδεκτόν μου τῇ ψυχῇ φαίνεται.
Ἀσπόρου γὰρ συλλήψεως τὴν κύησιν πῶς λέγεις;
Κράζων· | : Ἀλληλούϊα : |

Devido a seu grau de elaboração, é quase certo que seja posterior a S. Romano, ou ao menos contemporâneo dele. Um argumento a favor dessa hipótese é que o segundo hino do Mélo do sobre *A Anunciação* tem o mesmo refrão que as casas ímpares do *Acatisto*, e a primeira casa de ambos é bem similar, sendo mais simples no contácio de S. Romano:

Τῷ ἀρχαγγέλῳ Γαβριήλ δεῦτε καὶ συμπορευθῶμεν πρὸς τὴν παρθένον Μαριάμ
καὶ ταύτην ἀσπασῶμεθα ὡς μητέρα καὶ τροφὸν τῆς ζωῆς ἡμῶν·
οὔτε γὰρ μόνῳ πρέπον τῷ στρατηγῷ τὴν βασιλίδα ἀσπάσασθαι,
ἀλλὰ καὶ τοῖς ταπεινοῖς ἔξεστι ταύτην ἰδεῖν καὶ προσφθέγξασθαι,
ἦν ὡς μητέρα Θεοῦ αἱ γενεαὶ πᾶσαι μακαρίζουσαι βοῶσι·
Χαῖρε ἀκήρατε, Χαῖρε κόρη θεόκλητε,
Χαῖρε σεμνή, Χαῖρε τερπνή, Χαῖρε καλή,
Χαῖρε εὖειδε, Χαῖρε ἄσπορε, Χαῖρε ἄφθορε,
Χαῖρε μήτερ ἄνανδρε,
| : Χαῖρε νύμφη ἀνύμφευτε : |

Ὁ Ἀκάθιστος Ὑμνος é um dos dois únicos contácios a serem usados na Liturgia até hoje em sua forma íntegra (sem abreviações), nas várias línguas utilizadas nas igrejas orientais. É realmente surpreendente o fato de desconhecermos o nome de seu autor.

Agora, todavia, é tempo de falarmos do ταπεινὸς Ῥωμανός.

O humilde Romano...

S. Romano o Mélodo é sem dúvida o maior compositor de contácios, o qual, pela escassez de outras obras do gênero anteriores a ele, parece ter sido quem lhe deu a forma definitiva, razão pela qual em algumas fontes é dito ter sido ele mesmo o seu inventor. O pouco que sabemos de sua vida devemo-lo às informações que nos fornecem os livros litúrgicos, uma vez que é um santo com sua própria festa, no dia primeiro de outubro; é neles também que encontramos a famosa história segundo a qual a *Theotokos* lhe teria aparecido em sonho e dado o dom de compor contácios. A biografia fornecida pelos *Meneus*⁴⁵ é a seguinte:

«Οὗτος ὁ ἐν ἀγίοις Ῥωμανὸς ὑπῆρχεν ἀπὸ τῆς Συρίας ἐκ τῆς Ἐμεσηνῶν πόλεως, διάκονος γενόμενος τῆς ἐν Βηρυτῷ ἀγίας ἐκκλησίας. Καταλαβὼν δὲ τὴν Κωνσταντινούπολιν ἐν τοῖς χρόνοις Ἀναστασίου τοῦ βασιλέως, κατέμενε ἐν τῷ ναῷ τῆς ὑπεραγίας Θεοτόκου τῆς ἐν τοῖς Κύρου, ἐν εὐλαβείᾳ διάγων καὶ διανυκτερεύων ἐν

⁴⁵ Μηναια, livro que contém o *Próprio dos Santos*.

τῆ παννουχίδι τῶν Βλαχερνῶν. Ἐπετέλει οὖν ἐκεῖσε τὴν παννουχίδα, καὶ πάλιν ὑπέστρεφεν ἐν τοῖς Κύρου, ἔνθα καὶ τὸ χάρισμα τῆς συντάξεως τῶν κοντακίων ἔλαβεν, ἐπιφανείσης αὐτῷ τῆς ὑπεραγίας Θεοτόκου κατ' ὄναρ καὶ τόμον χάρτου ἐπιδούσης καὶ κελευσάσης αὐτὸν καταφαγεῖν. Ἔδοξεν οὖν ἀνοῖξαι καὶ καταπιεῖν τὸν χάρτην· ἦν δὲ ἑορτὴ τῶν Χριστουγέννων. Καὶ εὐθέως ἔξυπνος γενόμενος, ἀναβάς ἐν τῷ ἄμβωνι, ἤρξατο ψάλλειν· Ἡ παρθένος σήμερον τὸν ὑπερούσιον τίκτει. Καὶ ποιήσας καὶ τῶν λοιπῶν ἑορτῶν τὰ κοντάκια, ἀλλὰ δὴ καὶ τῶν ἐπισήμων ἀγίων, ὡς εἶναι τὸ πλῆθος τῶν ὑπ' αὐτοῦ γενομένων κοντακίων ὑπὲρ τὰ χίλια, ἐν εἰρήνῃ ἐτελειώθη.»⁴⁶

Deparamo-nos, portanto, com um personagem de origem síria, nascido na cidade de Êmesa (Homs) e que se ordenou diácono em Berito (Beirute). A única informação que nos permite determinar em que época viveu, é a de que teria ido para Constantinopla no tempo do Imperador Anastásio I, que reinou de 491 a 518. Ora, nesse tempo, a cidade de Berito era o centro cultural de maior renome na Síria, devido sobretudo à sua escola de Direito, onde Triboniano lecionava, talvez mesmo durante o tempo de permanência de S. Romano na cidade.⁴⁷ A sua origem siríaca poderia ser confirmada, como propõe P. Maas,⁴⁸ pelo fato de o nome Romano ser extremamente raro fora da Síria e após o tempo de Justiniano. Falaria o Mélodo, portanto, a língua siríaca? Não se pode dizer ao certo. Mas em sua cidade-natal o siríaco era bem conhecido da população. Na *Vida de S. Simeão o Tolo*, Leôncio de Neápolis nos conta alguns episódios sobre a σύρα διάλεκτος em Êmesa: em um deles, um πρωτοκομήτης falava em siríaco na presença de S. Simeão, crendo que este, um forasteiro, não o compreenderia; em outro episódio, S. Simeão passa um emplastro nos olhos doentes de um vilão (χωρικός), que, devido à dor, começa a xingar nomes, em siríaco. Existe, portanto, a possibilidade de que S. Romano conhecesse essa língua, e, por conseguinte, a literatura nela composta.⁴⁹

⁴⁶ “Este santo Romano era da Síria da cidade de Êmesa, tornando-se diácono da Santa Igreja em Berito. Chegando a Constantinopla no tempo do Imperador Anastásio, permanecia no templo da Santíssima Mãe de Deus em Ciro, passando o tempo em piedade e pernoitando na Vigília de Blaquernas. Realizava então lá a Vigília e de novo voltava a Ciro, e foi lá que recebeu o carisma da composição de contácios, tendo-lhe aparecido em sonho a Santíssima Mãe de Deus dando-lhe um rolo de papiro e ordenando-lhe que o comesse. Parecia-lhe então abrir e engolir o rolo. Era a festa da Natividade, e, despertando imediatamente de seu sono, subindo ao ambão, começou a cantar: «Ἡ παρθένος σήμερον τὸν ὑπερούσιον τίκτει». E, tendo feito contácios para as demais festas, e também para as dos insignes santos, sendo a multidão de contácios compostos por ele mais de mil, faleceu em paz.”

⁴⁷ Matons (1977), p. 181.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 180.

⁴⁹ *Ibidem*, p. 181.

Quando e por que se transferiu a Constantinopla? Impossível saber. Os cristãos ortodoxos passaram por grandes dificuldades em Berito quando o monofisita Severo foi feito Patriarca de Antioquia em 512; teria por isso S. Romano fugido para a capital do Império? Ignoramos. Teria sido diácono na igreja de Ciro (Κυρός), dedicada à *Theotokos*, e onde havia uma sua imagem conhecida pelo nome de Κυριότισσα; segundo o relato dos *Meneus*, participava da ἀγρυπνία em Blaquernas, onde, numa Vigília de Natal, teria visto a Virgem aparecer-lhe em sonho, a qual lhe deu de comer um livro.

Esse episódio tem dois paralelos bíblicos. O primeiro, na *Profecia de Ezequiel*: καὶ σύ, υἱὲ ἀνθρώπου, ἄκουε τοῦ λαλοῦντος πρὸς σέ, μὴ γίνου παραπικραίνων καθὼς ὁ οἶκος ὁ παραπικραίνων· χάνε τὸ στόμα σου καὶ φάγε ὃ ἐγὼ δίδωμί σοι. καὶ εἶδον καὶ ἰδοῦ χεὶρ ἐκτεταμένη πρὸς με, καὶ ἐν αὐτῇ κεφαλὴς βιβλίου· καὶ ἀνεῖλησεν αὐτὴν ἐνώπιόν μου, καὶ ἦν ἐν αὐτῇ γεγραμμένα τὰ ἔμπροσθεν καὶ τὰ ὀπίσθεν, καὶ ἐγγράπτο ἐπ’ αὐτὴν θρῆνος καὶ μέλος καὶ οὐαί. Καὶ εἶπε πρὸς με· υἱὲ ἀνθρώπου, κατάφαγε τὴν κεφαλίδα ταύτην καὶ πορεύθητι καὶ λάλησον τοῖς υἱοῖς Ἰσραὴλ. καὶ διήνοιξε τὸ στόμα μου, καὶ ἐψώμισέ με τὴν κεφαλίδα καὶ εἶπε πρὸς με· υἱὲ ἀνθρώπου, τὸ στόμα σου φάγεται, καὶ ἡ κοιλία σου πλησθήσεται τῆς κεφαλίδος ταύτης τῆς δεδομένης εἰς σέ. καὶ ἔφαγον αὐτὴν, καὶ ἐγένετο ἐν τῷ στόματί μου ὡς μέλι γλυκάζον. καὶ εἶπε πρὸς με· υἱὲ ἀνθρώπου, βάδιζε καὶ εἰσελθε πρὸς τὸν οἶκον τοῦ Ἰσραὴλ καὶ λάλησον τοὺς λόγους μου πρὸς αὐτούς.⁵⁰

O segundo, no *Apocalipse*: Καὶ εἶδον ἄλλον ἄγγελον ἰσχυρὸν καταβαίνοντα ἐκ τοῦ οὐρανοῦ, περιβεβλημένον νεφέλην, καὶ ἡ ἴρις ἐπὶ τῆς κεφαλῆς αὐτοῦ, καὶ τὸ πρόσωπον αὐτοῦ ὡς ὁ ἥλιος, καὶ οἱ πόδες αὐτοῦ ὡς στῦλοι πυρός, καὶ ἔχων ἐν τῇ χειρὶ αὐτοῦ βιβλίον ἀνεωγμένον. καὶ ἔθηκε τὸν πόδα αὐτοῦ τὸν δεξιὸν ἐπὶ τῆς θαλάσσης, τὸν δὲ εὐώνυμον ἐπὶ τῆς γῆς [...] Καὶ ἡ φωνὴ ἦν ἤκουσα ἐκ τοῦ οὐρανοῦ, πάλιν λαλοῦσα μετ’ ἐμοῦ καὶ λέγουσα· ὕπαγε λάβε τὸ βιβλιδάριον τὸ ἀνεωγμένον ἐν τῇ χειρὶ τοῦ ἀγγέλου τοῦ ἐστῶτος ἐπὶ τῆς θαλάσσης καὶ ἐπὶ τῆς γῆς. καὶ ἀπῆλθα πρὸς τὸν ἄγγελον,

⁵⁰ Ezequiel 2,8-3,4. “Mas tu, filho do homem, ouve tudo quanto eu te falo, e não querias ser homem que me exaspere, como esta casa, que é provocadora; abre a tua boca, e come tudo quanto te dou.’ E vi, e eis que uma mão se estendeu a mim na qual se achava um livro enrolado, o qual estava escrito por dentro e por fora, e nele se viam escritas lamentações e cânticos e ais. E Ele me disse: ‘Filho do homem, come tudo quanto achares; come esse volume, e, pondo-te a caminho, vai falar aos filhos de Israel.’ E eu abri a minha boca, e ele me deu a comer aquele volume, e me disse: ‘Filho do homem, a tua boca comerá e encher-se-ão as tuas entranhas deste volume que eu te dou.’ E eu o comi, e ele na minha boca se fez doce como o mel. E ele me disse: ‘Filho do homem, vai à casa de Irsael, e tu lhe anunciarás as minhas palavras.’” As citações portuguesas da Bíblia nesta dissertação serão todas da tradução de Antônio Pereira de Figueiredo, com modificações, conforme a conveniência, excetuadas as traduções feitas diretamente do hebraico.

λέγων αὐτῷ δοῦναί μοι τὸ βιβλιδάριον. καὶ λέγει μοι· λάβε καὶ κατάφαγε αὐτό, καὶ πικρανεῖ σου τὴν κοιλίαν, ἀλλ' ἐν τῷ στόματί σου ἔσται γλυκὺ ὡς μέλι. καὶ ἔλαβον τὸ βιβλίον ἐκ τῆς χειρὸς τοῦ ἀγγέλου καὶ κατέφαγον αὐτό, καὶ ἦν ἐν τῷ στόματί μου ὡς μέλι γλυκὺ· καὶ ὅτε ἔφαγον αὐτό, ἐπικράνθη ἡ κοιλία μου. καὶ λέγουσί μοι· δεῖ σε πάλιν προφητεῦσαι ἐπὶ λαοῖς καὶ ἔθνεσι καὶ γλώσσαις καὶ βασιλεῦσι πολλοῖς.⁵¹

Em ambos os textos, comer o livro é o que autoriza e qualifica o profeta a falar em nome Deus, é a concessão do dom e a sanção divina para representá-Lo com a fala. Podemos entender o mesmo no que concerne à visão de S. Romano. Mas, ao invés de receber o livro diretamente de Deus ou de um anjo, S. Romano recebe, em sonho, um livro das mãos de Santa Maria, o que não surpreende: não só o Mélodo servia como diácono em uma de suas igrejas, mas também sua própria obra poética é imbuída por uma grande devoção mariana. Assim, ao dar-lhe um livro para comer, a *Theotokos* estaria concedendo a Romano o dom e a autorização para representá-La a Ela com a sua eloquência.

Segundo o relato dos *Meneus*, S. Romano acorda de seu sonho e imediatamente sobe ao ambão e canta o seu mais famoso hino, «Ἡ παρθένος σήμερον τὸν ὑπερούσιον τίκτει», o primeiro contácio sobre a *Natividade*, que começa com o proêmio:

Ἡ παρθένος σήμερον τὸν ὑπερούσιον τίκτει
καὶ ἡ γῆ τὸ σπήλαιον τῷ ἀπροσίτῳ προσάγει·
ἄγγελοι μετὰ ποιμένων δοξολογοῦσι,
μάγοι δὲ μετὰ ἀστέρος ὁδοιποροῦσι·
δι' ἡμᾶς γὰρ ἐγεννήθη
| : παιδίον νέον, ὁ πρὸ αἰώνων Θεός. : |

Há de se notar que, a julgar por essa biografia do Mélodo, o contácio, antes de sua chegada a Constantinopla, era algo completamente desconhecido na capital; se assim for, pode-se imaginar o espanto que a facúndia de S. Romano não deverá ter

⁵¹ Apocalipse 10, 1-2.8-11. “Então vi outro anjo forte, que descia do céu, vestido de uma nuvem, e como o arco-íris sobre a sua cabeça, e o seu rosto era como o sol, e os seus pés como colunas de fogo; e tinha na sua mão um livrinho aberto; e pôs o seu pé direito sobre o mar, e o esquerdo sobre a terra [...] E ouvi a voz do céu, que falava outra vez comigo e que dizia: ‘Vai e toma o livro aberto da mão do anjo que está em pé sobre o mar e sobre a terra.’ E fui eu ter com o anjo, dizendo-lhe que me desse o livro. E ele disse-me: ‘Toma o livro, e come-o; e ele te causará amargor no ventre, mas na tua boca será doce como o mel.’ E tomei o livro da mão do anjo, e traguei-o, e na minha boca era doce como mel; mas, depois que o traguei, ele me causou amargor no ventre. Então disse-me: ‘Importa que ainda profetes a muitas gentes, e povos, e homens de diversas línguas, e reis.’”

causado. Talvez por isso o exagero ao atribuir-lhe, não só a composição de mais de mil peças, como também, em outros autores, a invenção do próprio contácio.

O que sobreviveu de sua obra foram oitenta e cinco hinos,⁵² embora alguns, como sói acontecer, tenham a autoria posta em dúvida. Trinta e quatro deles tratam da vida e dos milagres de Cristo: a Natividade, a Apresentação no Templo, o Batismo, as Bodas de Caná, a história da mulher adúltera, a Paixão, Ressurreição, Ascensão etc. Também há hinos sobre a *Theotokos*, evidentemente, e sobre episódios do Evangelho, como a traição de Judas, a negação de S. Pedro e S. Tomé. Personagens do Velho Testamento também são contemplados, como Noé, José do Egito e Elias. Celebra também mártires e canta em um hino a vida monástica e lamenta em outro a aflição dos terremotos constantinopolitanos.

Seu estilo, como dos demais méloos, é simples e direto; compunha para que qualquer um pudesse ouvir e entender de imediato, sem arcaísmos e sem qualquer preocupação com o que alguns poderiam chamar de “pureza” da língua, tomando como modelo de tal pureza o ático clássico. Sua língua é moldada essencialmente pelo grego das Escrituras, que conhecia profundamente, e é portanto repleta de semitismos, além de traços da linguagem popular. Mas sua expressão simples e direta não é por isso pobre: S. Romano tem largo domínio dos recursos da língua grega, e a maneja com grande destreza. Gosta especialmente de jogos de palavras e de paralelismos; as imagens que pinta possuem grande expressão, chegando mesmo a ser comoventes, e seu verso é natural e fluido. Em suma, para o leitor de hoje, ler os hinos do Méloos pode ser uma grande fonte de prazer e de piedade. Em seu tempo e durante muitos séculos, suas obras, onde manam τὰ ῥήματα τοῦ Χριστοῦ καθάπερ ἀρώματα / ῥαινόμενα πανταχοῦ,⁵³ devem ter marcado profundamente a civilização bizantina.

Não sabemos quando morreu; seu segundo hino sobre *As Dez Virgens* faz referência aos terremotos de 9 de julho de 552 e de 15 de agosto de 555, donde se supõe que em 555 ainda vivia. Acredita-se, porém, que já em 562, aquando das segundas encênias da Basília da Santa Sabedoria, estivesse morto, uma vez que *O Hino das Encênias* não é de sua autoria, coisa que se explicaria apenas se S. Romano não estivesse vivo, uma vez que dificilmente ele não teria sido convidado a compor o contácio para ocasião tão importante. Segundo o *Sinaxário* de Jerusalém, foi enterrado

⁵² Maas-Trypanis, p. xvii.

⁵³ *Hino sobre a Adúltera*, I,1-2, apud Maas-Trypanis, *On the Sinful Woman*, pp. 73-80.

no mesmo Ciro onde serviu como diácono e onde eram conservados autógrafos seus: [κοντακίων αὐτῶν] τὰ πολλὰ ἐν τοῖς Κύρου ἰδιοχείρως ὑπ' αὐτοῦ τεθέντα ἀπόκεινται.⁵⁴

O contácio após S. Romano

Poucos são os mélos posteriores a S. Romano cujos nomes conhecemos. Um deles é um certo Anastásio, que nos deixou um canto fúnebre, e nada mais. Várias têm sido as tentativas de identificá-lo e situá-lo no tempo, mas nenhuma obteve sucesso. O título do contácio de Anastásio é, segundo alguns manuscritos, ἀναπαύσιμον, e, segundo outros, εἰς κοιμηθέντας. Nele, Anastásio parece expressar uma experiência pessoal, ao recordar-se de um menino moribundo; de qualquer modo, ainda que seja ficcional, a forma como descreve o acontecimento é impressionante:

Εἶδον ἐγὼ καὶ νήπιον θνήσκοντα καὶ ζωὴν τὴν ἐμὴν ἐταλάνισα·
ἐταράχθη γὰρ ὅλον καὶ ἔτρεμε καί, ὡς ἦλθεν ἡ ὥρα, ἐβόησε·
«Πάτερ, βοήθει· μήτηρ, σῶσόν με», καὶ οὐδεὶς ἰκανὸς τούτῳ βοηθῆσαι,
εἰ μόνον ὀρῶντες μαραίνονται
καὶ ἐν τάφῳ θρηγοῦντες ποιοῦσιν ᾠδὴν·
| : Ἀλληλοῦια : |

O contácio de Anastásio é o único, ao lado d'*O Hino Acatisto*, a ser utilizado integralmente na liturgia ainda hoje, no Ofício fúnebre de clérigos.⁵⁵

Outro melo que nos é conhecido por nome é Ciríaco, de quem temos um hino sobre *A Ressurreição de Lázaro*. Há também um certo Elias que teria composto um hino sobre – *Elias*... Conhecemos também um melo de nome José, o único sobre quem dispomos de uma data: sabemos que morreu em 883. Em grande parte dos casos, os hinos são anônimos, como o nosso *Hino das Encênias*, e um outro contácio célebre, sobre *A Exaltação da Santa Cruz*, que parece fazer referência à tomada de Jerusalém pelos persas em 614. Um hino sobre *A Dormição da Mãe de Deus* traz τοῦ ἁμαρτωλοῦ τὸ ποίημα como acróstico, e desse pobre pecador também ignoramos o nome.

O último grande melo foi um monge do célebre mosteiro de Estúdio em Constantinopla, e que portanto é conhecido simplesmente como “Estudita”, já que seu

⁵⁴ Matons (1977), p. 162.

⁵⁵ Matons (1983), p. 435.

nome também não passou à posteridade. Sua obra, porém, marca o último desenvolvimento do contácio, que consistiu em sua assimilação, não de forma, mas de conteúdo, pelo cânon: enquanto nos primeiros tempos do gênero, vemos o contácio se desenvolver sobretudo (embora não exclusivamente) no âmbito dramático-narrativo, nas obras do Estudita, esse elemento cede completamente à contemplação e à oração. A título de exemplo, veja-se esta casa de seu hino a *S. Gregório Nazianzeno*:

Σὺ ἐξανέτειλας ἥλιος ὡς ἐκ φωστήρων
 τῶν εὐκλεῶν γονέων, ἱεροφάντορ, ἐκ παίδων παρευθὸν
 λάμπας ἐν τοῖς ἤθεσι καὶ παιδεύμασι·
 σοφίας γὰρ ἐραστῆς ὄφθης καὶ εὐσεβίας ὑπέρτερος,
 ἐν ἀμφοτέροις ἀποδειχθεὶς ὁ μέγας τῆς ἐκκλησίας φωστήρ,
 κατηγλαῖσμένος ἐν τῷ κάλλει τῶν φθεγμάτων σου·
 διὸ βοῶμέν σοι πᾶς ὁ λαός· «Μὴ ἐπιλάθῃ τοῦ σοῦ λαοῦ,
 | : ἀλλὰ τὸν κύριον ὑπὲρ ἡμῶν ἀδιαλείπτως ἰκέτευε.» : |

Como diz Matons, “on ne saurait être plus loin de Romanos” e “comme la nature vue par Baudelaire, le kontakion à la façon du Stoudite est une forêt de symboles”. E cita, em um gigantesco parágrafo, uma torrente de exemplos: S. Gregório Nazianzeno é uma trombeta que soa o advento da Graça, um instrumento sobre o qual o Espírito faz correr seu plectro; Sto. Atanásio é um trovão que retumba até os confins do mundo; o sangue de S. João Batista é uma onda de perfume, sua cabeça recende a nardo, mirra e açafraão; S. Gregório de Nissa é um prado ensolarado da sabedoria embalsamado pelo perfume do conhecimento...⁵⁶

Depois do Estudita, encontramos ainda alguns epígonos, dentre eles Talas, o mélo de quem, após S. Romano, temos mais contácios preservados. Mas já então a hinografia e a vida monástica haviam se tornado amigas, e o contácio, antes composto para o público leigo, perdeu seu contato com ele e passou a corresponder cada vez mais às exigências e gostos de monges, e acabou portanto perdendo sua primazia para o *cânon*, o último grande representante da hínica bizantina. Com o passar do tempo, como dissemos anteriormente, o uso litúrgico do contácio foi reduzido a apenas duas estrofes, geralmente o próêmio, que recebeu ele mesmo o nome de *contácio*, e a primeira estrofe,

⁵⁶ Matons (1977), pp. 59-60.

ainda denominada *casa*.⁵⁷ Se um grande número de hinos do gênero chegaram aos nossos dias, isso se deve ao fato de terem sido compilados em contacários. Por ter sido tão limitado na Liturgia, o antigo contácio deixou de ser conhecido: assim, vemos um monge do século XIV, Nicéforo Calisto Xantopulo, dizer que S. Romano (que para ele fora o primeiro melodista) chamara a estrofe de casa porque foi na casa da *Theotokos* que recebera o dom de compor (ὅτι ἐν τῷ σεβασμίῳ οἴκῳ αὐτῆς τῷ ἐν τοῖς Κύρου λεγομένῳ τοῦτο δὲ τὸ ὑπερφυῆς ἐπράχθη τεράστιον);⁵⁸ segundo outros, porém, οἶκος seria o nome da estrofe porque, assim como a casa contém tudo o que é necessário àquele que nela habita, também a *casa* contém em resumo tudo o que diz respeito ao santo festejado com aquele pequeno hino; ou ainda por causa de *casa* no sentido astrológico:⁵⁹ os santos que ornaram o firmamento espiritual da Igreja são como os astros que jazem fixos ou se movem em suas casas celestes...

Agora que entendemos a que gênero literário pertence o nosso *Hino das Encênias*, cumpre conhecermos quando e para que foi composto e cantado. Para isso, faremos um breve percurso pela história da Basílica da Santa Sabedoria e procuraremos saber o que eram as *Encênias*.

⁵⁷ Matons (1983), p. 435.

⁵⁸ Matons (1977), p. 194.

⁵⁹ *Ibidem*, p. 39.

Capítulo 2 – A Grande Igreja ou Basílica da Santa Sabedoria: história de um monumento

Depois que Diocleciano estabeleceu a Tetrarquia, no final do terceiro século, os vários coimperadores passaram a governar de várias cidades estrategicamente melhor posicionadas que Roma (consideradas as condições geopolíticas da época), como Milão, Iorque e Tréveris no Ocidente, Sirmião e Tessalônica nos Bálcãs, ou Nicomédia e Antioquia no Oriente. Constantino, como Augusto no Ocidente, governara de Iorque e de Tréveris, e, após derrotar Licínio e se tornar o único Imperador, em 324, decidiu construir uma nova capital, que ficou conhecida por dois nomes: *Cidade de Constantino* e *Nova Roma*. De 324 a 330, o Imperador morou em Nicomédia, e em 330 se mudou para a recém-inaugurada Constantinopla. Parece, no entanto, que não era sua intenção suplantarmos Roma de imediato.⁶⁰ O Senado, embora destituído de muitos de seus poderes, ainda se encontrava lá, o esplendor da velha cidade ainda era inigualável, e a Sé de Roma, com seu Bispo, possuía um prestígio com o qual a nova cidade dificilmente conseguiria concorrer.

A conversão de Constantino veio acompanhada de uma grande atividade construtora: na Terra Santa, foi realizado todo um programa de edificações, entre as quais se encontra a Basílica do Santo Sepulcro; nas grandes cidades de Antioquia e Nicomédia, grandes igrejas também foram erigidas, e, em Roma, foi graças a Constantino que as basílicas de Latrão e de S. Pedro foram construídas. No que diz respeito à primeira, a catedral da cidade, nota-se uma certa cautela da parte do Imperador que revela a posição delicada em que se encontrava face à classe política romana, majoritariamente pagã: Latrão se encontrava em um dos limites da cidade, longe do Fórum.

A esse respeito, Mainstone⁶¹ diz que, embora seja impossível afirmar qual terá sido a razão de Constantino ter escolhido a pequena cidade de Bizâncio como sua nova capital, “this choice did offer a greater freedom of action than would have existed in better established centres.” E ainda:

there were initially few of the constraints that counselled caution in Old Rome, though it must have been borne in mind that it would be necessary, in due course, to induce some of the more influential (and predominantly pagan) citizens of the old capital to move to the new city.

⁶⁰ Mainstone, p. 129.

⁶¹ *Ibidem.*, p. 130-1.

Bizâncio cobria uma área mais de vinte vezes menor que a de Roma, e possuía uma população proporcionalmente ainda menos numerosa. A cidade carecia, portanto, de toda uma infraestrutura que deveria ser suprida: prédios do governo, banhos, um hipódromo etc. Novos templos, evidentemente, deveriam estar presentes no programa de novas construções. E assim nos informa Eusébio de Cesareia em sua *Vita Constantini*.⁶²

«Τὴν δὲ γ' ἐπώνυμον αὐτοῦ πόλιν ἐξόχῳ τιμῇ γεραίων εὐκτηρίοις πλείοσιν ἐφαίδρυνε μαρτυρίοις τε μεγίστοις καὶ περιφανεστάτοις οἴκοις, τοῖς μὲν πρὸ τοῦ ἄστεος τοῖς δ' ἐν αὐτῷ τυγχάνουσι, δι' ὧν ὁμοῦ καὶ τὰς τῶν μαρτύρων μνήμας ἐτίμα καὶ τὴν αὐτοῦ πόλιν τῷ τῶν μαρτύρων καθιέρου θεῷ.»⁶³

O historiógrafo Sócrates, escrevendo mais de um século depois, nos fornece informações mais explícitas:

«Ὁ βασιλεὺς δὲ μετὰ τὴν σύνοδον ἐν εὐφροσύνῃ διῆγεν· ἐπιτελέσας οὖν δημοτελῆ τῆς εικοσεταιρίδος αὐτοῦ ἑορτῆν, εὐθέως περὶ τὸ ἀνορθοῦν τὰς ἐκκλησίας ἐσπούδαζεν· ἐποίει τε τοῦτο κατὰ τὰς ἄλλας πόλεις καὶ ἐν τῇ αὐτοῦ ἐπωνύμῳ, ἦν Βυζάντιον καλουμένην τὸ πρότερον ἠῦξησε, τείχη μεγάλα περιβαλὼν, καὶ διαφόροις κοσμήσας οἰκοδομήμασιν· ἴσην τε τῇ βασιλευούσῃ Ρώμῃ ἀποδείξας, καὶ Κωνσταντινούπολιν μετονομάσας, χρηματίζειν δευτέραν Ρώμην νόμῳ ἐκύρωσεν· ὃς νόμος ἐν λιθίνῃ γέγραπται στήλῃ, καὶ δημοσίᾳ ἐν τῷ καλουμένῳ στρατηγίῳ πλησίον τοῦ ἑαυτοῦ ἐφίππου παρέθηκε. Καὶ ἐν ταύτῃ τῇ πόλει, δύο μὲν οἰκοδομήσας ἐκκλησίας, μίαν ἐπωνόμασεν Εἰρήνην, ἑτέραν δὲ τὴν τῶν Ἀποστόλων ἐπώνυμον.»⁶⁴

As igrejas de renome, segundo Sócrates, que Constantino construiu, foram as igrejas da *Santa Paz* e dos *Santos Apóstolos*.

A catedral, conforme nos conta Sócrates, era a igreja da Santa Paz, que foi palco de eventos relacionados à heresia ariana. Quando Ário foi chamado a Constantinopla, o

⁶² Embora não sem alguma nota de exagero, como observa Mainstone.

⁶³ Eusébio, PG 20, *Vita Constantini*, III, xlviii. “Honrando com especial valor sua cidade epônima, fê-la resplandecer com muitos lugares de oração e com enormes martírios [santuários dedicados a mártires] e casas de grande notoriedade, algumas nos subúrbios e outras na cidade, pelas quais honrava a memória dos mártires e dedicava a cidade ao Deus dos mesmos mártires.”

⁶⁴ Sócrates Escolástico, PG 67, I, xviii. “O Imperador, após o sínodo, estava contente; e, tendo completado a festa das suas vicenárias, logo ocupou-se seriamente da restauração das igrejas: e fazia isso por várias cidades, bem como em sua epônima, a qual, chamada antes Bizâncio, aumentou cercanda-a de grandes muralhas e ornando-a com diversas edificações; considerando-a igual à reinante Roma, e renomeando-a Constantinopla, determinou por lei ser chamada Segunda Roma; a qual lei está inscrita em uma estela de pedra, que, com público sufrágio, depositou no chamado Pretório, ao lado de sua estátua equestre. E construiu duas igrejas naquela mesma cidade, chamando uma ‘Paz’ e a outra com a denominação ‘dos Apóstolos’.”

Bispo Alexandre se trancou na Santa Paz por vários dias. Seu sucessor Paulo foi nela sagrado Bispo; pouco depois, Constâncio, o sucessor de Constantino, expulsou-o de Constantinopla, substituindo-o por um Bispo ariano, Eusébio de Nicomédia; após a morte deste, Paulo retorna, mas os arianos então ordenam Macedônio como rival, o que força uma nova expulsão de Paulo. Aqui, pela primeira vez na literatura supérstite, encontramos uma referência à Basílica da Santa Sabedoria:

«Κατὰ δὲ τὸν καιρὸν τοῦτον καὶ ὁ βασιλεὺς τὴν μεγάλην ἐκκλησίαν ἔκτιζεν, ἥτις Σοφία μὲν προσαγορεύεται νῦν· συνῆπται δὲ τῇ ἐπωνύμῳ Εἰρήνῃ, ἣν ὁ πατὴρ τοῦ βασιλέως μικρὰν οὖσαν τὸ πρότερον εἰς κάλλος καὶ μέγεθος ἠὔξησε, καὶ νῦν εἰσὶν εἰς ἓνα περίβολον ἄμφω ὁρώμεναι, μιᾶς τὴν προσωρυμίαν ἔχουσαι.»⁶⁵

No ano 360, a basílica fica pronta:

«Εὐδοξίου δὲ ἀναδειχθέντος τῆς μεγαλοπόλεως, τηνικαῦτα ἡ μεγάλη ἐκκλησία ὀνομαζομένη Σοφία ἐνεκαινίσθη, ἐν ὑπατείᾳ Κωνσταντίου τὸ δέκατον, καὶ Ἰουλιανοῦ Καίσαρος τὸ τρίτον, τῇ πεντεκαιδεκάτῃ τοῦ Φεβρουαρίου μηνός.»⁶⁶

Importa observar aqui o termo utilizado pelo autor para se referir à consagração da Basílica: τηνικαῦτα ἡ μεγάλη ἐκκλησία ὀνομαζομένη Σοφία **ἐνεκαινίσθη**. A partir daqui, a μεγάλη ἐκκλησία recém-construída será a Sé de Constantinopla.

A narrativa apresentada por Sócrates não aparenta nenhuma inconsistência para nos fazer duvidar de sua veracidade. Durante o reinado de Constantino, a população da cidade deve ter crescido muito, mas de modo que apenas a ampliação da igreja da Santa Paz fosse suficiente para suprir a demanda por uma catedral de maiores proporções. Por volta de 350, porém, a construção de uma grande basílica se fazia necessária. Em contrapartida, a tradição que se disseminou sobretudo na Idade Média de que Constantino teria sido o construtor da basílica não encontra nenhum respaldo. O mais provável é que, dado o esplendor que a cidade de Constantinopla havia atingido, bem como a própria Basílica da Santa Sabedoria após sua reconstrução sob Justiniano, os historiógrafos medievais se sentiram à vontade para atribuir ao fundador da cidade a sua maior glória.

⁶⁵ *Ibidem*, II, xvi. “Naquele tempo, o Imperador construiu a grande igreja, que agora se chama ‘Sabedoria’: era ligada à denominada ‘Paz’, a qual, sendo antes pequena, o pai do Imperador fez aumentar em beleza e tamanho, e agora estão ambas cercadas por um mesmo perímetro, e tem o nome de uma só.”

⁶⁶ *Ibidem*, II, xliii. “Tendo Eudócio sido proclamado [Bispo] da grande cidade, a grande igreja chamada ‘Sabedoria’ foi consagrada, no décimo ano do consulado de Constâncio, no terceiro de Juliano como César, no décimo quinto dia do mês de fevereiro.”

O nome da basílica

Aqui convém determo-nos rapidamente no nome da basílica. Dois nomes são sempre atestados para se referir a ela, não só nos seus primeiros tempos de existência, mas também durante a Idade Média: Μεγάλη Ἐκκλησία e Ἁγία Σοφία. O primeiro nome é compreensível; mas Ἁγία Σοφία, a quem se refere? Em português as formas mais comuns utilizadas para falar do grande templo são Hagia Sophia e Santa Sofia, o que não resolve muito. Para esclarecer a questão, precisamos estar atentos à forma como os autores antigos e medievais se expressavam a respeito.

E não faltam exemplos de que eles entendiam muito bem a quem o nome de Sophia se referia. Procópio, que foi um contemporâneo da construção da basílica feita por Justiniano, diz: «Σοφίαν καλοῦσιν οἱ Βυζάντιοι τὸν νεῶν ἐπικαιριώτατα τῷ θεῷ τὴν ἐπωνυμίαν ἀπεργασάμενοι»⁶⁷.

No século XI, um peregrino europeu esteve em Constantinopla, e em seu relato também deixa bem claro quem é Santa Sofia: “Edificata est ergo ecclesia mirifice Deo cooperante a Iustiniano imperatore et consecrata est in honore sancte Sophie que latine dicitur Sancta Sapientia, que est Dei Filius [...] Est autem nomen Filii Dei, non, ut quidam putant, nomen sancte mulieris.”⁶⁸

O próprio *Hino das Encênias* também se refere a isso, quando, na sétima casa, diz:

ὁ ναὸς τῆς θεοῦ Σοφίας
ἦτις πέφυκεν ἀληθῶς ὁ Χριστός

Isto é, a catedral de Constantinopla não era dedicada a uma santa de nome Sofia. A Santa Sabedoria é *Cristo*. Essa identificação de Cristo com a Sabedoria divina remonta ao primeiro século do Cristianismo, quando já vemos a personagem Sabedoria do Velho Testamento ser interpretada como figura de Jesus; a própria expressão joanina do Lógos também é um indício disso. Na *Primeira Epístola de S. Paulo aos Coríntios* 1, 24, porém, S. Paulo se refere explicitamente a Jesus como a Sabedoria de Deus: «Χριστὸν Θεοῦ δύναμιν καὶ Θεοῦ σοφίαν».⁶⁹

⁶⁷ Procópio, *De Aedificiis*, I, 1.

⁶⁸ *Apud* Brzozowska, p. 89.

⁶⁹ No terceiro capítulo, analisaremos a palavra σοφία e sua relação com Cristo com mais vagar.

A compreensão d'*O Hino das Encênias* depende em grande parte de saber a quem a Basílica da Santa Sabedoria é dedicada.

O primeiro colapso

Pouco mais de meio século depois de sua fundação, Constantinopla já havia se tornado uma grande cidade. Foi por isso que, em 381, o terceiro cânon do Primeiro Concílio de Constantinopla pôde estatuir que o Bispo da cidade deveria ter preeminência sobre todos os outros, abaixo apenas do Bispo de Roma, uma vez que Constantinopla era a Nova Roma. Assim, quando um certo sacerdote de nome João, que havia sido levado de Antioquia para a capital a mando do Imperador Arcádio, foi ordenado Bispo de Constantinopla em 398, ele estava sendo elevado a uma das posições de maior destaque em todo o Império.

Conhecido por sua vida ascética e por sua carreira junto à Sé de Antioquia, João ficou célebre também por sua facúndia, que lhe rendeu o epíteto *Boca-de-Ouro*. Tão logo chegou a Constantinopla, iniciou uma série de reformas, começando pelo clero; por conta disso, criou muitas inimizades. Sua preocupação com a moral, não só do povo, mas também da aristocracia, fê-lo granjear o desafeto também da casa imperial, especialmente da Imperatriz Eudóxia. No entanto, foi a rivalidade do Bispo de Alexandria que gerou consequências trágicas na carreira de S. João Crisóstomo – e que resultaria na destruição da Basílica da Santa Sabedoria.

Quem nos conta é um discípulo do santo Bispo, Paládio de Galácia (m. ca. 420), testemunha dos acontecimentos, em sua obra *Diálogo sobre a Vida de S. João Crisóstomo*. De acordo com sua narrativa, Teófilo, Patriarca de Alexandria, entrou em conflito com os monges de Nítria; o resultado foi a expulsão dos principais monges do mosteiro. Teófilo, então, pediu o apoio de outros Bispos, exortando-os a não receberem os tais monges expulsos, e a não admiti-los na comunhão da Igreja. Nisso, após perambularem pela Ásia em busca de asilo, os monges acabaram por pedir socorro à Sé constantinopolitana. S. João, ao ver a situação deles, não hesitou em acolhê-los. Escreveu, além disso, uma carta a Teófilo, pedindo fraternalmente que recebesse de volta os referidos monges; o que Teófilo negou veementemente. O caso foi parar na corte, e, diante das repetidas acusações de perseguição injusta feitas contra o Bispo alexandrino pelos monges expulsos, o Imperador intimou Teófilo a ir a Constantinopla.

O Patriarca de Alexandria chegou com grande séquito, e não tardou em acusar o Bispo de Constantinopla de receber religiosos que não estavam em comunhão com a Igreja. Devido aos problemas que S. João já enfrentava, o resultado, com a chegada de Teófilo à cidade, após um sínodo encabeçado por este (conhecido por “Sínodo do Carvalho”), foi um processo contra o Bispo constantinopolitano. Ao fim do processo, S. João Crisóstomo foi destituído de seu cargo e exilado para a Bitínia. Isso foi no ano 403.

Um dia depois, um terremoto fez tremer Constantinopla. Eudóxia, interpretando isso como sinal, ordenou a volta imediata de S. João. Passados alguns meses, parte do clero da capital, liderado por vários Bispos, começou a pressionar o Imperador pedindo a deposição do Patriarca. Isto feito, o santo Bispo foi mantido preso no palácio episcopal, e após a Páscoa de 404, o Imperador pediu que João fosse embora de Constantinopla – com medo do que poderia acontecer, não ousou exilá-lo novamente. Paládio nos conta que, sem o consentimento do monarca, vários clérigos, através de suborno, fizeram com que inúmeros apoiadores de S. João fossem presos, o que fez que Crisóstomo se rendesse e fosse embora da cidade. Sem seu Bispo, a catedral se desfez:

«Μετὰ δὲ τὸν ἄφατον καὶ δυσερμηνευτον ἐκεῖνον σκότον, φλόξ ἀπὸ μέσου τοῦ θρόνου, ἐν ᾧ εἰώθει ὁ Ἰωάννης καθέζεσθαι, καθάπερ ἐν μέσῳ σώματι κειμένη καρδία, τοῖς λοιποῖς ἐξηγεῖσθαι μέλεσι τὰ τοῦ Κυρίου λόγια, φανεῖσα ἐπεζήτει τὸν ὑποφήτην τοῦ λόγου· ὃν οὐχ εὐροῦσα, κατεβόσκετο τὴν σκευωρίαν. Δενδρωθεῖσα δὲ εἰς ὕψος εἶρψε διὰ τῶν ἀλύσεων ἐπὶ τὴν στέγην· ἔχεως δὲ δίκην τὴν γαστέρα φαγοῦσα, ἐπὶ νῶτον ἐφέρετο τῶν δωμαίων τῆς ἐκκλησίας, μισθὸν τῆς ἀδικίας ὥσπερ τὴν ἐπὶ ταύτῃ ὀρισμένην δίκην ἀποδίδοντος Θεοῦ, εἰς σωφρονισμὸν καὶ νουθεσίαν τῶν οὐκ εἰδόντων γε νουθετεῖσθαι ἢ διὰ τῆς ὄψεως τῶν τοιούτων θεηλάτων κακῶν· οὐ μόνον δὲ, ἀλλὰ καὶ μνημεῖον ὑπολείψας τῆς ἀγρίας συνόδου.»⁷⁰

Segundo Paládio, o fogo que queimou a Basílica da Santa Sabedoria teve origem sobrenatural. De qualquer forma, não deixa de ser curioso que, nas duas vezes em que S. João Crisóstomo foi expulso de sua Sé, alguma tragédia acometeu Constantinopla.

⁷⁰ Paládio, PG 47, coll. 35-6. “Após aquela indizível e inexplicável escuridão [a partida de João], uma chama, que apareceu no meio da sé onde João costumava-se assentar, como o coração no meio do corpo, e interpretar aos demais membros as palavras do Senhor; buscava o expositor da palavra: não encontrando-o, consumiu a cátedra. Arvorando-se ao alto, galgou pelas cadeias até ao teto: devorando tudo como que com o ventre de uma víbora, espreado-se pela parte sul da igreja, rendendo Deus o salário pela sentença ali determinada, para lição e admoestação dos que não sabem ser admoestados senão pela visão de males como estes enviados por Deus: não apenas isso, mas também uma recordação do bárbaro sínodo.”

A reconstrução da basílica só foi completada em 415, pelo Imperador Teodósio II, e as Encênias foram celebradas no dia 10 de outubro. A restauração durou tanto tempo muito provavelmente porque ela só foi iniciada em 413, quando a construção das novas muralhas, que quase duplicavam o tamanho da cidade, foram concluídas; ademais, a igreja da Santa Paz, que era servida pelo mesmo clero que Santa Sabedoria, provavelmente terá voltado a ser usada como catedral, o que pode ter diminuído a urgência da restauração da Grande Igreja.

O segundo colapso

A Basílica permaneceu intacta por mais de cem anos; nesse entretempo, o Império Romano viu o Ocidente cair perante o domínio germânico. No início do sexto século, porém, surgiu um novo monarca disposto a restaurar a antiga unidade do Império Romano e, ao mesmo tempo, da Ecumene Cristã. Oriundo de uma família de camponeses, chegou ao alto-escalão do governo através de seu tio, Justino, que fizera carreira no exército imperial e fora eleito Imperador após a morte de Anastásio I. Justiniano tomou as rédeas do governo ainda em vida de Justino, ao qual naturalmente sucedeu, em 527.⁷¹ Apesar de suas origens campesinas, o novo Imperador tinha seu cargo em altíssima conta, e cria ser responsável pela unidade, não só territorial, do Império, mas também religiosa.

A primeira parte de seu longo reinado foi marcado por decisivas vitórias; em 555, todo o Mediterrâneo voltara a ser o *Mare Nostrum* romano. Durante todo esse período, Justiniano não hesitou em custear grandes projetos de construção em vários pontos do Império. Antioquia, que fora devastada por um terremoto nos anos 520 e por um ataque persa em 540, foi uma das cidades galardoadas com uma grande renovação urbanística: um nova série de muralhas, o curso do rio Oronte alterado para um novo sistema de abastecimento de água, novas ruas colunadas, além dos prédios públicos. Sua vila-natal também foi renovada, sendo transformada em uma nova cidade, Iustiniana Prima. Também a arquitetura militar foi evidentemente objeto de grande interesse, com fortificações sendo erigidas ou renovadas desde o Médio Oriente até a África; muitos aquedutos e cisternas também sendo construídos.⁷²

⁷¹ Ostrogorsky, p. 60.

⁷² Alchermes, p. 355-7.

Mas o Imperador estava preocupado também, e sobremaneira, com a edificação de igrejas, em toda parte. Procópio, ao relatar, em seu livro *Das Edificações*, a história de dois sacerdotes da igreja de S. Miguel Arcanjo, próxima de Constantinopla, que queriam fazer reparos no templo, nos mostra que parecia haver um certo monopólio imperial na construção e restauração de igrejas; os dois sacerdotes precisavam de autorização do Imperador: οὐ γὰρ οἷόν τε ἦν ἐπὶ τούτου βασιλεύοντος ἐκκλησίαν τινὰ ἢ γίνεσθαι πρῶτον, ἢ καταπεπονηκυῖαν ἐπανορθοῦσθαι, ὅτι μὴ ἐκ χρημάτων βασιλικῶν, οὐκ ἐν Βυζαντίῳ μόνον, ἀλλὰ καὶ πανταχόθι τῆς Ῥωμαίων ἀρχῆς.⁷³ Neste caso, Justiniano ordenou a destruição da igreja para a construção de uma nova.

Atenção foi dada ao grandes centros da tradição cristã: em Jerusalém erigiu um suntuoso templo à *Theotokos*; no monte Sinai, o Imperador patrocinou a construção de um novo mosteiro, com uma grande basílica; em Éfeso, por sua vez, mandou reconstruir a antiga igreja de S. João, com seis domos cobrindo uma nave e um transepto que formavam uma cruz. Em Constantinopla, já no ano de sua ascensão ao trono, ordenou a construção de uma das insignes igrejas da cidade, a igreja dos SS. Sérgio e Baco, que ainda está de pé. O templo, porém, só ficou pronto em 536, devido às vicissitudes que obrigaram Justiniano a se concentrar em outro projeto.⁷⁴

Procópio nos conta a história:

«[...] ἐν Βυζαντίῳ στάσις τῷ δήμῳ ἐκ τοῦ ἀπροσδοκίτου ἐνέπεσεν, ἡ μεγίστη τε παρὰ δόξαν ἐγένετο καὶ ἐς κακὸν μέγα τῷ τε δήμῳ καὶ τῇ βουλῇ ἐτελεύτησε τρόπῳ τοιῷδε· οἱ δῆμοι ἐν πόλει ἐκάστη ἕξ τε Βενέτους ἐκ παλαιοῦ καὶ Πρασίνους διήρηντο [...] Φύεται μὲν οὖν αὐτοῖς τὸ ἐς τοὺς πέλας ἔχθος αἰτίαν οὐκ ἔχον, μένει δὲ ἀτελεύτητον ἐς τὸν ἐς τὸν πάντα αἰῶνα [...], ἦν καὶ ἀδελφοὶ ἢ ἄλλο τι τοιοῦτό γέ οἱ ἐς τὰ χρώματα ταῦτα φιλοστοργοῦντες διάφοροι εἶεν. [...] ὥστε οὐκ ἄλλο τι ἔγωγε τοῦτο εἶπεῖν ἢ ψυχῆς νόσημα.»⁷⁵

A palavra *demo* se refere às facções do hipódromo, que, como nos informa Procópio eram divididas em *azuis* e *verdes*. No entanto, esses dois grupos não eram apenas duas torcidas esportivas – mas também políticas. Suas origens estavam ligadas

⁷³ Procópio, *De Aedificiis*, I, 8, 5.

⁷⁴ Alchermes, p. 361.

⁷⁵ Procópio, *De Bellis*, I, 24. “[...] ocorreu, em Bizâncio, uma revolta completamente inesperada entre o demo, que foi sem dúvida a maior de todas e que terminou em grande mal para o demo e para o Senado, do seguinte modo: os demos em cada cidade eram divididos há algum tempo entre azuis e verdes [...] Cresce então entre eles uma inimizade sem causa contra os seus pares, que permanece sem fim para sempre [...] ainda que sejam irmãos ou algo do gênero os que são de diferentes torcidas. [...] De modo que não tenho o que dizer senão que seja uma doença d’alma.”

aos grupos de torcidas do Hipódromo: mas este, como o Fórum romano e a Ágora ateniense, era um espaço público que ultrapassou os limites de suas funções primeiras. Para começar, os líderes dos azuis e verdes eram nomeados pelo governo, e ambas facções tinham funções públicas, como a milícia urbana (algo como a nossa *polícia*) e a construção e reparação das muralhas. A população, de sua parte, tomava o partido de um ou de outro e ambos tinham o apoio massivo das camadas populares. Os azuis, de um lado, constituíam o partido da aristocracia senatorial, latifundiária, greco-romana; os verdes, d'outro, compunham a “burguesia” comercial e funcionários que provinham de províncias orientais que faziam carreira na corte ou na administração financeira. Assim, no que se refere à Religião, os azuis eram o partido dos ortodoxos calcedonianos, enquanto os verdes o eram dos monofisitas e apoiadores de outras heresias orientais. Embora os dois grupos travassem vez ou outra disputas acirradíssimas, era possível que se unissem em vista de interesses comuns. E foi isso que aconteceu em 532.⁷⁶

Ora, quando reinava Justino, seu sobrinho era apoiador dos azuis, que favoreciam tanto a sua política estatal quanto eclesiástica; mas tão-logo ascendeu ao poder, Justiniano procurou se livrar de qualquer influência dos demos e tomou duras medidas contra eles; assim, as duas facções se uniram numa grande revolta.⁷⁷

Procópio não explica bem como é que tudo começou; só nos diz que a revolta estourou e que alguns dos “manifestantes” foram presos; isso parece ter sido o estopim da tragédia que aconteceria então:

«Τότε δὲ ἡ ἀρχὴ, ἡ τῷ δήμῳ ἐφειστήκει ἐν Βυζαντίῳ, τῶν στασιωτῶν τινὰς τὴν ἐπὶ θανάτῳ ἦγε. Ξυμφρονήσαντες δὲ καὶ σπείσάμενοι πρὸς ἀλλήλους ἑκάτεροι τοὺς τε ἀγομέμους ἀρπάζουσι καὶ ἐς τὸ δεσμοτήριον αὐτίκα ἐσβάντες ἀφιᾶσιν ἅπαντας ὅσοι στάσεως ἢ ἐτέρου του ἀλόντες ἀτοπήματος ἐδέδεντο. Καὶ οἱ μὲν ὑπηρέται, ὅσοι τῆ τῆς πόλεως ἀχρῆ ἔπονται, ἐκτείνοντο οὐδενὶ λόγῳ, τῶν δὲ πολιτῶν εἴ τι καθαρὸν ἦν ἐς τὴν ἀντιπέρας ἤπειρον ἔφευγον, καὶ τὸ ἱερὸν ἢ Σοφία τό τε βαλανεῖον ὁ Ζεύξιππος καὶ τῆς βασιλέως αὐλῆς τὰ ἐκ τῶν προπυλαίων ἄχρι ἐς τὸν Ἄρεως λεγόμενον οἶκον καυθέντα ἐφθάρη. Ἐπὶ τούτοις τε ἅμα αἱ μεγάλαι στοαὶ μέχρι τῆς ἀγορᾶς ἀνήκουσαι, ἡ Κωνσταντίνου ἐπώνυμός ἐστιν, εὐδαιμόνων τε ἀνθρώπων οἰκίαί πολλαὶ καὶ χρήματα μεγάλα. Βασιλεὺς δὲ καὶ ἡ συνοικοῦσα καὶ τῶν ἀπὸ βουλῆς ἔνιοι καθεῖρξαντες σφᾶς

⁷⁶ Ostrogorsky, pp. 57-8.

⁷⁷ *Ibidem*, p. 62.

αὐτοὺς ἐν παλατίῳ ἠσύχαζον. Ἐύμβολον δὲ ἀλλήλοις ἐδίδοσαν οἱ δῆμοι τὸ νίκαι, καὶ ἀπ' αὐτοῦ ἐς τὸδε τοῦ χρόνου ἡ κατάστασις ἐκείνη προσαγορεύεται.»⁷⁸

Diante da cidade em chamas, às quais não se poupou sequer a catedral, Justiniano se acovarda e pensa em fugir; segundo Procópio, teria sido Teodora quem lhe dissuadiu da ideia. Enquanto isso, os demos se apoderaram da pessoa de um dos sobrinhos de Anastásio, Hipácio, proclamaram-no o novo Imperador de Roma, e o conduziram até o Hipódromo. Então Belisário, que será um dos grandes responsáveis pelas conquistas territoriais de Justiniano, liderou uma verdadeira carnificina, que resultou na morte de cerca de trinta e cinco mil pessoas e pôs fim à revolta.

Rivalidades dinásticas

Justiniano se viu, assim, em apenas cinco anos de reinado, numa situação delicadíssima. Não chegara a ser deposto do trono, mas sua autoridade estava tremendamente abalada e Nova Roma estava em pedaços. Importava, agora, dar a volta por cima – e nada melhor como a oportunidade de mostrar seu poder em um novo programa de obras públicas.

Mas vale notar que a afirmação de sua autoridade não era necessária apenas por conta da Revolta de Nika e do que a desencadeara. A posição de Justiniano como monarca era ameaçada também por aqueles que achavam que um campesino e uma ex-atriz não eram merecedores das honras imperiais. Sua situação presente certamente lhes daria espaço para uma disputa dinástica. Por isso, é importante lembrar aqui que, aquando da Revolta de Nika, a maior igreja de Constantinopla não era aquela dedicada à Santa Sabedoria.

A maior igreja de Constantinopla, em 532, era dedicada a um mártir romano de nome Polieucto (m. 259). Nessa igreja, ricamente ornada, havia um poema de setenta e

⁷⁸ Procópio, I, 24. “Então as autoridades em Bizâncio conduziam alguns dos revoltados para a morte. Conspirando e combinando uma trégua entre si, capturam os que estavam sendo conduzidos, e imediatamente invadem a prisão e libertam todos os que haviam sido presos por causa da revolta ou por algum outro crime. Os servidores responsáveis pela administração da cidade foram mortos sem nenhuma razão. Os cidadãos honestos fugiam para o continente oposto. Foi posto fogo na cidade, como se tivesse sido conquistada por um exército inimigo. O *templo da Sabedoria* (τὸ ἱερὸν τὸ Σοφία), o banho de Zeuxipo, e a corte imperial, do propileu até a casa dita de Ares foram consumidos pelo fogo, bem como as grandes colunas que iam até a ágora, e muitas casas de homens de prestígio e muitos bens. O Imperador e sua consorte e alguns membros do Senado trancaram-se no palácio e lá permaneceram quietos. O símbolo que os demos passaram a utilizar foi *Vence* (νίκαι), e assim é chamada até hoje aquela revolta.”

seis versos inscrito em suas paredes. A partir da leitura desse poema, podemos entender melhor a singularidade dessa construção. Ele começa com as seguintes palavras:

Εὐδοκίη μὲν ἄνασσα, Θεὸν σπεύδουσα γεραίρειν,
πρώτη νηὸν ἔτευξε θεοφραδέος Πολυεύκτου.⁷⁹

Essa rainha é Licínia Eudócia (ou Eudóxia, 422-462), filha de Teodósio II, neta de Arcádio e bisneta de Teodósio I;⁸⁰ a construção original da igreja de S. Polieucto é atribuída aqui a ela. Mas o poema continua:

ἀλλ' οὐ τοῖον ἔτευξε καὶ οὐ τόσον· οὐ τι φειδοῖ,
οὐ κτεάτων χατέουσα (τίνος βασιλεία χατίζει·)
ἀλλ' ὡς θυμὸν ἔχουσα θεοπρόπον, ὅττι γενέθλην
καλλεῖψει δεδαυῖαν ἀμείνονα κόσμον ὀπάζειν.⁸¹

Que descendência seria essa?

ἔνθεν Ἰουλιανή, ζαθέων ἀμάρυγμα τοκήων,
τέτρατον ἐκ κείνων βασιλήιον αἶμα λαχοῦσα,
ἐλπίδας οὐκ ἔψευσεν ἀριστώδινος ἀνάσσης,
ἀλλὰ μιν ἐκ βαιοῖο μέγαν καὶ τοῖον ἐγείρει,
κῦδος ἀεξήσασα πολυσκήπτρων γενετήρων·
πάντα γάρ, ὅσσα τέλεσσεν, ὑπέρτερα τεῦξε τοκήων,
ὀρθὴν πίστιν ἔχουσα φιλοχρίστοιο μενοινῆς.⁸²

Anícia Juliana (463-527/8), descendente de Eudócia, vangloria-se aqui de sua nobilíssima linhagem. Seu pai, Flávio Anício Olíbriο, fora Imperador em 472. Da parte

⁷⁹ Vv. 1-2. “A rainha Eudócia, ansiosa por honrar a Deus, / primeira fez um templo ao deidizente Polieucto.” O poema se encontra na íntegra em Whitby, pp. 161-4.

⁸⁰ Harrison, p. 278.

⁸¹ Vv. 3-6. “Mas não o fez tal ou tão grande: não por alguma economia / ou carência (do que pode carecer uma Imperatriz?) . / Mas como que tendo um espírito profético, de que uma descendência / deixaria que saberia acrescentar uma melhor ornamentação”.

⁸² Vv. 7-13. “Daqui *Juliana*, brilho de sagrados pais, / recebeu o quarto sangue real deles / e não desmentiu as esperanças da Rainha de excelentes filhos, / mas de pequeno ergueu-o [o templo] grande e tal, / aumentando a glória dos multicetres genitores. / Pois tudo que realizou, fê-lo maior que seus pais, / mantendo a reta Fé de um desejo filocristão”.

de mãe, ligava-se a Teodósio I não só através de Licínia Eudócia, sua avó materna, mas também de seu avô materno o Imperador Valentiniano III, filho de Gala Placídia e neto do referido Teodósio. Sua mãe, Placídia, pertenceria portanto à casa imperial, e por conseguinte a própria Juliana, também filha de Imperador. Desse modo, ela poderia muito bem se referir aos seus antepassados como “multicetres genitores”.

Juliana casou-se em 480 com Areobindo, e dessa união nasceu Flávio Anício Olíbrio, que recebeu o mesmo nome de seu avô; desde cedo foi envolto na política, tendo em 491 mantido o cargo de cônsul; mais tarde, casou-se com Irene, filha do Imperador Anastásio I.⁸³ E, no entanto, o governo passou para as mãos do filho de um camponês da Ilíria. Pode-se imaginar o transtorno que a matrona Juliana, já uma mulher idosa, não deve ter sentido quando viu seu filho desfavorecido.

A reconstrução da igreja de S. Polieucto, segundo a expressão de J. Bardill, “was doubtless intended to make a striking political and religious statement.”⁸⁴ Disso não há dúvida; além de reafirmar sua nobreza e sua ortodoxia, não deixa de elevar sua obra a um plano superior ao do próprio Salomão:

χρόνον δ' ἐβήσατο μούνη,
καὶ σοφίην παρέλασεν ἀειδομένου Σολομῶνος,
νηὸν ἀναστήσασα θεηδόχον, οὗ μέγας αἰὼν
οὐ δύναται μέλψαι χαρίτων πολυδαίδαλον αἴγλην.⁸⁵

A tentativa de superar Salomão pode-se perceber nas características da própria construção. Como diz Ousterhout:

As the excavator Martin Harrison has argued, St. Polyeuktos replicated the Temple of Solomon in its measurements, translated into Byzantine cubits: measuring 100 royal cubits in length, as was the Temple, and 100 cubits in width, as was the Temple platform – following both the unit of measure and measurements given in Ezekiel 42:2-3. Harrison estimates the sanctuary of the church to have been 20 royal cubits square internally, the exact measurement of the Holy of Holies, as given in Ezekiel 41:4. Similarly, the ostentatious

⁸³ Harrison, p. 278.

⁸⁴ *Apud* Ousterhout, p. 245.

⁸⁵ Vv. 47-50: “Sobrepujou sozinha o tempo / e ultrapassou a sabedoria do celebrado Salomão, / erigindo um templo que receba Deus, do qual uma grande era / não pode cantar o multidedáleo esplendor de seus encantos.”

decoration compares with that described in the Temple; if we let peacocks stand in for cherubim, as Harrison suggests, cherubim alternate with palm trees, bands of ornamental network, festoons of chainwork, pomegranates, network on the capitals, and capitals shaped like lilies.⁸⁶

Mas essa σοφίη Σολομῶνος seria uma referência também à Basílica da Santa Sabedoria, ou apenas uma expressão fortuita, uma vez que o renome de Salomão se deve especialmente à sua particular sabedoria? Embora não haja dados suficientes para afirmar que essa é uma referência à catedral de Constantinopla, o fato de que a igreja construída por Juliana expressava uma rivalidade contra a nova casa imperial, e que isso era fato sabido na época, deduz-se de uma história que S. Gregório de Tours, que nasceu durante o reinado de Justiniano (em 538), e que portanto estava próximo temporalmente dos referidos acontecimentos, nos conta em seu livro *De Gloria Martyrum*.

No capítulo *De Sancto Poliocto Martyre*,⁸⁷ S. Gregório diz que Anícia Juliana cobriu de ouro toda a câmara da basílica.⁸⁸ E isso aconteceu do seguinte modo: Justiniano, ao saber da fama da riqueza de Juliana, aproxima-se dela, pedindo-lhe que contribua para o tesouro público, que se encontrava numa situação crítica devido às guerras nas fronteiras; se Juliana fosse generosa, ela acabaria por salvar a nação romana, e sua glória se cantaria por toda Constantinopla. Juliana, com uma certa malícia, pede-lhe um espaço de tempo, uma vez que esperava receber uma grande soma em breve; tendo-a recebida, o Imperador poderia ir vê-la com os próprios olhos, e levar toda a quantia que lhe aprouvesse. Justiniano vai-se embora muito satisfeito, dando como certa uma grande contribuição da velha matrona. Ela, por sua vez, convoca artífices, reúne todo o ouro que pôde encontrar em seu tesouro e ordena-lhes com ele ornar a câmara do Beato Polieucto, ‘para que a mão do avaro Imperador não tocasse nele’. Ao fim das obras, chama o Imperador e lhe diz, com uma terrível ironia que Justiniano ainda não percebe: “Parvitas pecuniolae, quam coniungere potui, adest; veni ad contemplandum eam, et quod libuerit facito.” Gavisus imperator, sem se dar conta de nada, se dirige à casa de Juliana, esperando adentrar em seu palácio e ver grandes quantidades de ouro; quando a encontra, esta o convida a entrarem no templo do santo mártir; Justiniano lhe

⁸⁶ Ousterhout, p. 243-4.

⁸⁷ Gregório de Tours, *PL*, 71, coll. 793-5.

⁸⁸ “Huius basilicae cameram Juliana quaedam urbis illius matrona auro purissimo textit”. Não sei a que se refere essa “câmara”; suponho que seja algum recinto mais reservado da igreja e não a nave principal. Como mais adiante se diz da “beati Poliocti martyris camera”, esta se referiria ao espaço onde eram conservadas suas relíquias?

dá a mão, sendo ela já velha, e a ajuda a se locomover; entrando no templo, ajoelha-se para orar. Ao fim, Juliana lhe mostra a câmara coberta de ouro e lhe diz: “Suscipe, quaeso, cameram huius aedis, gloriosissime Auguste, et scito quod paupertas mea in hoc opere continetur. Tu vero quod volueris exinde facito, non adversor.” O Imperador, vermelho de vergonha, começa a louvar a beleza do lugar; Juliana então tira um anel de esmeralda de seu dedo e o dá ao monarca: “Accipe, imperator sacratissime, hoc munusculum de manu mea, quod supra pretium huius auri valere censetur.” Quanto ao Imperador: “At ille accipiens, et iterum atque iterum gratias agens, et collaudans matronam, in palatium est regressus.”

Essa história é muito interessante ao mostrar como Juliana encarava Justiniano com total superioridade. Até que ponto isso correspondia à realidade não se pode dizer, mas o fato de que no sexto século circulava uma anedota como essa, diz muito sobre a rivalidade que devia existir entre os dois.

Quanto a Justiniano, com a cidade assolada, era a hora de ele impor sua autoridade de uma vez por todas.

Um novo monumento surge

O Imperador se dedicou com afinco ao novo projeto. Como diz Procópio:

«Ο μὲν οὖν βασιλεὺς ἀφροντιστήσας χρημάτων ἀπάντων ἐς τὴν οἰκοδομὴν σπουδῆ ἔτετο, καὶ τοὺς τεχνίτας ἐκ πάσης γῆς ἤγειρεν ἅπαντας. Ἀνθέμιος δὲ Τραλλιανὸς, ἐπὶ σοφίᾳ τῇ καλουμένῃ μηχανικῇ λογιώτατος, οὐ τῶν κατ’ αὐτὸν μόνον ἀπάντων, ἀλλὰ καὶ τῶν αὐτοῦ προγεγενημένων πολλῶ, τῇ βασιλέως ὑπουργεῖ σπουδῆ, τοῖς τεκταινομένοις τὰ ἔργα ρυθμίζων, τῶν τε γενησομένων προδιασκευάζων ἰνδάλματα, καὶ μηχανοποιὸς σὺν αὐτῷ ἕτερος, Ἰσίδωρος ὄνομα, Μιλήσιος γένος, ἔμφρων τε ἄλλως καὶ πρέπων Ἰουστινιανῶ ὑπουργεῖν βασιλεῖ. Ἦν δὲ ἄρα καὶ τοῦτο τῆς τοῦ θεοῦ περὶ τὸν βασιλέα τιμῆς, προκαταστησαμένου τοὺς ἐς τὰ πραχθησόμενα χρησιμωτάτους αὐτῶ ἔσομένους. Καὶ αὐτοῦ δὲ τοῦ βασιλέως τὸν νοῦν εἰκότως ἄν τις ἀγασθείη τούτου δι᾽ ἔνεκα, ὅτι διὰ πάντων ἀνθρώπων ἐς τῶν πραγμάτων τὰ σπουδαιότατα τοὺς καιριωτάτους ἀπολέξασθαι ἔσχε.»⁸⁹

⁸⁹ Procópio, *De aedificiis*, I, 1,2. “O Imperador, não levando em consideração as despesas envolvidas, empenhou-se com afinco na construção, e convocou todos os artífices de toda a terra. Antêmio de Trales, mais versado na ciência chamada ‘mecânica’, não só que todos os seus contemporâneos, mas ultrapassando também em muito os seus predecessores, assistia com afinco o Imperador, organizando a obra com operários, compondo a aparência do que havia de ser feito; e havia outro mecânico com ele, de

O que sabemos dos dois artistas contratados é que eles eram essencialmente acadêmicos. Isidoro parece ter sido professor de mecânica e geometria, tendo escrito um comentário ao tratado de Hierão sobre abóbadas; Antêmio, por sua vez, também parece ter lecionado, havendo composto tratados de matemática e mecânica.⁹⁰ Se assim for, isto é, se os dois tiverem mesmo estudado a arquitetura mais de um ponto de vista teórico do que prático, então estaremos diante da mesma situação de Brunelleschi e sua cúpula, pois este também não tinha nenhuma prática arquitetônica quando foi chamado a trabalhar na catedral de Florença. No caso dos artistas de Justiniano, também impressiona o fato de terem chefiado a construção de um projeto grandioso e extremamente inovador que foi concluído em tão pouco tempo.

Com efeito, em apenas cinco anos toda a basílica estava pronta. Mainstone⁹¹ sugere que isso só teria sido possível se antes da destruição da basílica Justiniano já estivesse há algum tempo planejando erigir uma nova, e tivesse financiado um novo projeto. Essa é uma ideia muito razoável, mas infelizmente não temos como demonstrá-la.

A grande inovação técnica de Isidoro e Antêmio foram os pendúculos que sustentavam o grande domo: isto é, para sustentar uma cúpula, que é redonda, sobre um plano quadrilátero, faz-se mister um suporte especial que agenciaria a transição do quadrilátero ao circular; esse suporte se chama pendúculo. E isso foi feito na Santa Sabedoria em proporções gigantescas, considerando que aquele era então o maior domo do mundo.

Procópio, ao iniciar sua descrição da basílica, e referindo-se aos rebeldes de Nika que nela tocaram fogo, diz sem hesitar que «ἐπεχώραει δὲ αὐτοῖς ὁ θεὸς διαπράξασθαι τὸ ἀσέβημα, προειδῶς εἰς ὅσον τι κάλλος τοῦτο τὸ ἱερὸν μεταστήσεσθαι ἔμελλεν. Ἡ μὲν οὖν ἐκκλησία ἐξηνθρακωμένη τότε ζύμπασα ἔκειτο. Βασιλεὺς δὲ Ἰουστινιανὸς τοιαύτην ἀποτετόρνευται οὐ πολλῶ ὕστερον ὥστε, εἰ τῶν Χριστιανῶν τις ἐπύθετο πρότερον εἰ βουλομένοις αὐτοῖς διολωλέναι τὴν ἐκκλησίαν εἶη καὶ τοιάνδε γενέσθαι, δείξας τι αὐτοῖς τῶν νῦν φαινομένων ἐκτύπωμα, δοκοῦσιν ἄν μοι ὡς

nome Isidoro, nascido em Mileto, homem prudente e sobretudo capaz de assistir o Imperador Justiniano. E isso cumulava o Imperador da honra divina, designando aqueles que mais seriam úteis no que devia ser feito. E muito apropriadamente admiraria alguém a inteligência do Imperador por conta disso, pois de todos os homens soube eleger os mais excelentes.”

⁹⁰ Mainstone, p. 157.

⁹¹ *Ibidem*, p. 151.

συντομώτατα εὔξασθαι πεπονθυῖαν σφίσι τὴν ἐκκλησίαν θεάσασθαι, ὅπως δὴ αὐτοῖς ἐς τὸ παρὸν μεταβάλοιτο σχῆμα.»⁹²

Sobre a cúpula diz:

«ὑπερθεν δὲ αὐτῶν κυκλοτερῆς οἰκοδομία ἐν στρογγύλῳ ἐπῆρται· ὅθεν ἀεὶ διαγελᾶ πρῶτον ἢ ἡμέρα. ὑπεραίρει γάρ, οἶμαι, τὴν γῆν ζύμπασαν [...] τούτου δὲ τοῦ κυκλοτεροῦς παμμεγέθους ἐπανεστηκυῖά τις σφαιροειδῆς θόλος ποιεῖται αὐτὸ διαφερόντως εὐπρόσωπον. δοκεῖ δὲ οὐκ ἐπὶ στερραῖς τῆς οἰκοδομίας ἐστάναι, ἀλλὰ τῆ σφαίρα τῆ χρύση ἀπὸ τοῦ οὐρανοῦ ἐξημμένη καλύπτειν τὸν χῶρον.»⁹³

Continua dizendo que quem se dirigisse à Santa Sabedoria para orar, certamente se uniria a Deus, porque tudo ali o conduzia a ele.

A grande joia de Constantinopla permaneceu com seu esplendor intacto por vinte anos. Mas em 557, uma série de terremotos abalou a cidade, e a estrutura da cúpula ficou comprometida. No ano seguinte, no mês de maio, um dos arcos principais cedeu, e partes do domo e semidomo caíram com ele. A solução foi destruir o resto, para reconstruí-lo. Paulo Silenciário narra o acontecimento:

Ἦδη μὲν σθεναροῖσιν ἐπεμβεβαυῖα θεμεῖλοις
σφαίρης ἡμιτόμοιο κατήριπε θέσκελος ἄντυξ·
μυστιπόλου δ' ἐτίναξεν ἐδέθλια πάντα μελάθρου,
πάντα δ' ὑπεσκίρτησεν ἐν ἄστει βάθρα θεμείλων,
γαῖα δ' ὑπεστενάχιζεν ἐπὶ χρόνον, ἠερίαις δὲ
μισγομένη νεφέλησιν ὀμιγλήεσσα κονίη
οὐρανίης ἀμάρυγμα μεσημβρινὸν ἔσκεπεν αἴθρης.
Χριστὲ μάκαρ, σὺ δὲ σεῖο κατ' ἔνδια χεῖρα τανύσσας
αἷμασιν οὐ μεθέηκας ὑπ' ἀνδροφόνοισι μιῆναι
σὴν χθόνα Τελχίνας κακοεργέας· οὐδὲ γὰρ ἔτλης
ὄμματος ἀχράτσιο βολῆ πανδερκεῖ λεύσσειν
αἷμα χυθὲν τεμένεσσιν ἀναιμάκτιο θυηλῆς.

⁹² Procópio, *De aedificiis*, I, 1,1. “Deus permitiu-lhes cometer aquele sacrilégio, prevendo a que grau beleza o templo havia de alcançar. A igreja então jouve incinerada. O Imperador Justiniano a remodelou de modo tão superior, que, se alguém pergutasse aos cristãos se queriam que aquela igreja fosse completamente destruída e substituída por esta, mostrando-lhes algum modelo do que agora se vê, parece-me que imeditamente rezariam para que pudessem ver a igreja ser mudada para a presente forma.”

⁹³ Procópio, *De aedificiis*, I, 1,41-2, 45-7. “E sobre eles [os arcos] uma estrutura circular eleva-se em curva, onde sempre sorri primeiro o dia; pois ergue-se, creio, sobre toda a terra [...] A abóboda deste grandioso círculo, que se alça como uma esfera, torna-o particularmente belo; e parece, não se manter sobre os fundamentos da construção, mas cobrir o espaço suspensa na dourada esfera celeste.”

Οὐδὲ μὲν εὐρύστερνος ὑπώκλασε μέχρι θεμείων
νηός, ἀριστώδινος ἐελμένος ἄμμασι τέχνης·
ἀλλὰ μιῆς ἀψίδος ἀπωλίσθησε κεραίη
ἀντολική, σφαιρῆς τε λάχος κονίησι ἐμίχθη.
ἦν δὲ τὸ μὲν δαπέδοισι, τὸ δ' εἰσέτι (θάμβος ἰδέσθαι)
οἷάπερ ἀστήρικτον ὀμίλεεν ἐκκρεμῆς αὔραις.
Πᾶς δὲ κατηφείη βεβολημένος ἔστενεν ἀνήρ.
Μή τις ἐμὴν σειρῆνα βάλοι νεμεσήμονι μύθῳ
ἀτραπὸν ἀμνήστοιο διαστείχουσιν ἀνίης·
ἠδύτερος μετὰ δάκρυ γέλωσ, μετὰ νοῦσον ὑγείη.
Οὐχ οὕτως ἀκάχησεν ἀπ' αἰθέρος ἐκχυμένη φλόξ
ἀνέρας, ὅπποτε νῶτα κατέφλεγεν ἄχλοα γαίης,
μυρία καρφομένων ὅτε χεύματα σίζεν ἀναύρων,
οὐδ' ὅτε καρποτόκοιο κατὰ χθονὸς οὐρανὸς αἴθων
εὐρὺ χανὼν ὥϊξε πύλας δηλήμονος ὄμβρου
καὶ τραφερὸν ζύνωσε πέδον ῥοθίοισι θαλάσσης.⁹⁴

A queda da cúpula da Santa Sabedoria foi de um grande significado simbólico. Em vinte anos, muita coisa acontecera no Império Romano, e o reinado de Justiniano estava em franco declínio. No tempo do colapso do domo o Imperador já era septuagenário; suas grandes campanhas militares pertenciam ao passado e suas tentativas de recobrar o Ocidente falharam em definitivo – a velha Roma nunca mais voltaria a fazer parte do Império. Seu empenho em conciliar a Cristandade também fracassou, resultando no cisma definitivo dos monofisitas. Apenas nos anos de 560 a 562, diversos distúrbios foram registrados: um boato que correu em Constantinopla de que o Imperador morreria, que

⁹⁴ Silenciário, vv. 186-213, pp. 232-3. “Agora montada sobre vigorosos alicerces, ruiu a divina extremidade da meia esfera, e estenderam-se todos os fundamentos da santa casa, e saltaram na cidade todas as bases dos alicerces; por um momento a terra gemeu, e, de envolta com as aéreas nuvens, o nevoento pôo reteve a meridiana claridade do ar celeste. Cristo Bem-Aventurado, dos lugares celestiais estendendo tua mão, não permitiste que pérfidos malfeitores maculassem teu solo com o sangue de assassínio, assim como não toleras que o lume sem préstimo observe, com olhar onivisível, o sangue de incruenta vítima nos templos derramado. Mas a nave de amplos seios não se rompeu até aos alicerces, amarrada com os nós da mais fina arte, e sim a extremidade oriental de uma ábside, e uma porção da esfera misturou-se ao pó. Parte caiu ao chão, e parte (assombroso de ver!) permanecia como que sem suporte pendurado no ar. Todo homem suspirava tomado de pesar. Que ninguém não lance em discurso ressentido minha sereia, que atravessa a senda da dor esquecida – mais doce é o riso após o choro, a saúde após a enfermidade. Não vexou assim os homens o fogo vertido do éter, quando incendiava o seco dorso da terra, quando chiava as incontáveis torrentes de fontes ressequidas, nem quando contra a frutífera terra o coruscante céu, abrindo, num largo bocejo, as comportas de uma chuva ominosa, juntou o solo enxuto às sonoras vagas do mar.”

causou a procura descontrolada por pão; um incêndio na cidade que destruiu casas e igrejas; vários conflitos civis, uma seca, e diversos problemas comerciais.⁹⁵ Os vários tratados de “paz perpétua” feitos com os persas, que eram uma constante ameaça, e assegurados com pesados tributos, também contribuíram para o enfraquecimento da Nova Roma.⁹⁶ Assim que, ironicamente, da mesma forma que a construção da Basílica serviu para afirmar a superioridade política de Justiniano, agora que seu reinado ruía, ruía com ele o grande domo que erguera.

Assim como o projeto colossal da basílica e a pressa com que foi executado foram as causas da fraqueza da construção, que ao fim levou ao colapso da sua tão gabada cúpula, também os projetos grandiosos de Justiniano foram causas da fraqueza de seu reinado; tão frágil era então sua posição, que, em novembro de 562, a um mês da rededicação da basílica, o Imperador se salvou de um complô contra sua vida, em que o próprio Belisário parece ter se envolvido. Silenciário também lembra o ocorrido:

Ὁ λόχος συνέστη, καὶ παρεσκευασμένον
τὸ ξίφος ὑπῆρχε, καὶ παρῆν ἡ κυρία,
καὶ τῶν βασιλείων ἐντὸς οἱ ξυνωμόται
ἤδη παρῆλθον, τῆς πύλης τε τῆς ἔσω,
μεθ’ ἦν ἔμελλον προσβαλεῖν τοῖς σοῖς θρόνοις,
ἤπτοντο.⁹⁷

Mas, se o fracasso de seus projetos imperiais era irreversível, a cúpula da Grande Igreja ainda podia ser reconstruída. E assim se fez.

No panegírico que precede à sua êcfrase, Paulo Silenciário faz a abalada Roma prostrar-se diante de Justiniano e implorar sua benevolência:

Παγκρατές, ὀλβιόμοιρε, Δίκης ἔδος, ἔρμα πολλῶν,
ἦρπασε βασκανίη με, χάρις δὲ τίς ἐστι Μεγαίρης,
ὅττι σέθεν ζώοντος ἐπέχραε κάλλει Ἰώμης.
Στήθεσιν ἡμετέροισι περιρραγὲς ἔλκος ἀνίσχει·
ἀλλὰ μάκαρ, (δύνασαι γὰρ ἐφ’ ἔλκει φάρμακα πάσσειν)

⁹⁵ Macrides-Magdalino, p.67.

⁹⁶ Ostrogorsky, p.61.

⁹⁷ Silenciário, vv. 24-9, p. 228. “A emboscada foi conjurada, e a espada estava a postos; a autoridade estava presente, e os conspiradores adentraram o palácio, e tocaram as portas interiores, depois das quais se arrojariam contra o teu trono.”

χεῖρα τεῖν προτίταινε, ῥηφενέος τροφὸν ὄλβου.

[...]

ὧς φαμένη χαρίεντα λιλαίετο χεῖλεα πῆξαι
ποσσὶν ἀνακτορέοισιν.⁹⁸

Justiniano lhe estende a destra, ergue-a e lhe responde:

ῥῖψον ἄχος, βασιλεία πόλις, μὴ θυμὸν ὀρίνης·
ὡς βέλος οὐ νίκησε τεδὸν σάκος οὐδέ τις ἄλλη
ἄκλονον ἐστυφέλιξε τεῖν φρένα βάρβαρος αἰχμή,
μηδὲ βαρυτλήτοισιν ὑποκλάζιο μερίμναις.
Τέτλαθι, παμβασιλεία πόλις, μὴ θυμὸν ἀμύξις·
καὶ γὰρ ἐμοῖς καμάτοισιν ἀοιδότερην σε τελέσσω
αὐτίς ἀναστήσας κορυφὴν εὐάντυγα νηοῦ.⁹⁹

A reconstrução da cúpula foi chefiada por Isidoro o jovem, sobrinho de um dos arquitetos,¹⁰⁰ cujo projeto se diferenciava em muitos aspectos do original, e em dezembro de 562, a basílica estava restaurada. O historiógrafo Agatias (ca. 530- ca. 582/594), conta quais foram as modificações introduzidas pelos novos artistas; e, no fim, conclui: καὶ γέγονεν ἐντεῦθεν τῇ γραμμῇ ἐξισάζων, στενώτερος δὲ καὶ ὄξυτενῆς, καὶ οἶος οὐχ οὔτω λίαν ἐκπλήττειν τοὺς θεωμένους ὡς πάλαι, πολλῶ δὲ ὁμως πλέον ἐν τῷ ἀσφαλεῖ βεβηκέναι.¹⁰¹

Em outras palavras, a nova construção era mais sólida, mas não tão imponente...

Sobre o Império Romano, isso também era verdadeiro.

⁹⁸ Silenciário, vv. 220-5.243-4, pp. 233-4. “Todo-poderoso, de afortunado lote, sede da justiça, arrimo das cidades, arrebatou-me a perversidade, por alguma mercê de Megera, que, durante tua vida, atacou a beleza de Roma. Cruenta ferida emerge em nossos peitos. Mas tu, Beato, (pois podes sobre a ferida espargir os fármacos) / Estende tua mão, nutriz de abundante fortuna. [...] Assim dizendo, desejou pousar os alegres lábios nos pés reais.”

⁹⁹ Silenciário, 248-54, p. 234. “Livra-te da angústia, régia cidade, não perturbes o ânimo, pois projétil não venceu teu escudo, nem outra bárbara cúspide atingiu teu inabálevel espírito, nem o despedaçou com intoleráveis preocupações. Paciência, realíssima cidade, não dilaceras o ânimo, pois com meus trabalhos te perfeccionarei e farei ainda mais cantável, levantando novamente a admirável cima do templo.”

¹⁰⁰ Taylor, p.68.

¹⁰¹ Agatias, V, 9.

As novas encênias

Falemos então das encênias da Basílica da Santa Sabedoria. Antes de tudo, é curioso o fato de que as obras poéticas feitas para a Grande Igreja que chegaram até nós sejam das segundas encênias, e não das primeiras. Será que nenhum poeta cantou a Santa Sabedoria em 537, sendo aquele um projeto de magnitude e esplendor inigualáveis e então inéditos? Será que Justiniano, como sua rival Juliana, não teria encomendado a ninguém que escrevesse um poema comemorativo ou ainda a algum mélo que compusesse algum hino para a ocasião? Se sim, nenhuma dessas obras chegou até nós. Do próprio S. Romano, que nessa época já estava radicado em Constantinopla, não temos notícia de nenhum contácio sobre a grande basílica.

Das encênias de 562, por outro lado, temos duas obras que sobreviveram às vicissitudes do tempo. A primeira, a Ἐκφρασις τοῦ ναοῦ τῆς Ἁγίας Σοφίας de Paulo Silenciário, da qual citamos várias passagens acima, é uma longa obra, escrita em um grego extremamente erudito e repleto de arcaísmos, que não só descreve a basílica em detalhes mas que também faz o elogio de Justiniano. A segunda obra é o contácio que estudaremos com mais vagar no próximo capítulo. Ambas formam um par muito curioso, que mostram a convivência, lado a lado, da herança clássica e da herança semítica no novo Império Romano.

Mas o que vêm a ser as ditas *encênias*? Essa palavra parece ter sido desconhecida à cultura grega pagã. Vemo-la atestada pela primeira vez na Bíblia, e depois nos autores cristãos. Nas Escrituras em língua grega, encontramos não só o substantivo ἐγκαίνια, mas também ἐγκαινισμός e ἐγκαίνωσις, bem como o verbo ἐγκαινίζω; estes são vocábulos formados pelo préverbio ἐν mais a raiz do adjetivo καινός, -ή, -όν, que significa “novo”. Por isso, no Velho Testamento, encontramos ἐγκαινίζω como tradução do verbo hebraico חָדַשׁ (*hadash*) como em 1 Samuel 11,14:

וַיֹּאמֶר שָׁמוּאֵל אֶל הָעָם לְכוּ וְנִלְכֶה הַגָּלְגָל וְנִחַדְשׁוּ אֶת הַמִּזְבֵּחַ:

Καὶ εἶπεν Σαμουηλ πρὸν τὸν λαὸν λέγων Πορευθῶμεν εἰς Γαλαλα καὶ ἐγκαινίσωμεν ἐκεῖ τὴν βασιλείαν.

Contudo, a palavra hebraica que em quase todos os casos é traduzida por ἐγκαίνια ou algum de seus derivados, é הנכה (*hanukkah*). Em Neemias 12,27, a propósito da inauguração das novas muralhas de Jerusalém, a palavra *hanukkah* aparece duas vezes, ambas traduzidas por ἐγκαίνια:

וּבַתְּנִיכָה חֹמַת יְרוּשָׁלַם בְּקִשְׁו אֶת הַלְוִיִּם מִכָּל מְקוֹמֹתָם לְהַבִּיאָם לְיְרוּשָׁלַם לְעֲשׂוֹת
תְּנִיכָה וְשִׁמְתָהּ וּבַת־זוֹת וּבְשִׁיר מְצֻלְתִּים נְבָלִים וּבְכִנֹּרוֹת:

Καὶ ἐν ἐγκαίνιαις τείχους Ἱερουσαλήμ ἐζήτησαν τοὺς Λευίτας ἐν τοῖς τόποις αὐτῶν τοῦ ἐνέγκαι αὐτοὺς εἰς Ἱερουσαλήμ ποιῆσαι ἐγκαίνια καὶ εὐφροσύνην ἐν Θωδαθὰ καὶ ἐν ὠδαῖς, κυμβαλίζοντες καὶ ψαλτήρια καὶ κινύραι.

Gesenius¹⁰² traduz o verbo הנח (*hanak*) como *imbuere* (*imbuit aliquem aliqua re*), e, como derivado, *initiare*. Desse último sentido, é possível perceber como o tradutor grego criou uma palavra com a raiz de καινός para verter o vocábulo hebraico. *Hanukkah* significaria *initiatio* e *dedicatio*. Como o sentido de *dedicatio* poderia estar ligado a *initiatio*? Quando uma nova construção fica pronta, como as muralhas acima referidas, ou uma nova casa,¹⁰³ ou ainda um novo altar,¹⁰⁴ era costume realizar uma cerimônia como que para “habilitar” o seu uso, e, evidentemente, pedir a proteção divina sobre aquela edificação. Assim, os dois sentidos de *iniciar* e *dedicar* se cruzariam, porque, antes de por aquela nova construção oficialmente em uso, ela era dedicada a Deus. Ora, nessa cerimônia, o objeto iniciado seria *imbuído* de alguma nova qualidade, como a proteção divina (ou do Espírito Santo, no Cristianismo), e assim seria possível entender como o sentido de *initiare* poderia vir de *imbuere*. Como exemplo deste último significado, Gesenius cita Provérbios 22,6 (um versículo que não se encontra nos LXX):

¹⁰² Gesenius, p. 211.

¹⁰³ Deuteronomio 20,5: Καὶ λαλήσουσιν οἱ γραμματεῖς πρὸς τὸν λαὸν λέγοντες: τίς ὁ ἄνθρωπος ὁ οἰκοδομήσας οἰκίαν καινὴν καὶ οὐκ ἐνεκαίνισεν αὐτήν; πορευέσθω καὶ ἀποστραφήτω εἰς τὴν οἰκίαν αὐτοῦ, μὴ ἀποθάνῃ ἐν τῷ πολέμῳ καὶ ἄνθρωπος ἕτερος ἐγκαίνειῖ αὐτήν. O verbo hebraico, nos dois casos, é *hanak*.

¹⁰⁴ Números 7,10: Καὶ προσήνεγκαν οἱ ἄρχοντες εἰς τὸν ἐγκαίνισμὸν τοῦ θυσιαστηρίου, ἐν τῇ ἡμέρᾳ ἣ ἔχρισεν αὐτό, καὶ προσήνεγκαν οἱ ἄρχοντες τὰ δῶρα αὐτῶν ἀπέναντι τοῦ θυσιαστηρίου. O substantivo hebraico é *hanukkat*, no construto.

תָּבִיא לְצַעַר עַל פִּי דְרָכָו גַּם כִּי יִזְקִין לֹא יִסּוּר מִמֶּנָּה:

A tradução literal seria: “Imbui o rapaz na boca do seu caminho; ainda quando envelhecer, não se desviará dele.”

Ora, assim como as encênias cristãs, também a *Hanukkah* hebraica era uma festa. Quando Judas Macabeu tomou Jerusalém, uma das suas primeiras preocupações foi a situação do Templo:

«Εἶπε δὲ Ἰούδας καὶ οἱ ἀδελφοὶ αὐτοῦ· ἰδοὺ συνετρίβησαν οἱ ἐχθροὶ ἡμῶν, ἀναβῶμεν καθαρῖσαι τὰ ἅγια καὶ ἐγκαινίσαι.»¹⁰⁵

Subindo o monte Sião, encontram o Templo abandonado e profanado. Depois de prantarem as suas condições, puseram mãos à obra: ordenaram sacerdotes, limpavam os recintos sagrados, construíram um novo altar, fizeram novos utensílios, e assim por diante. No dia 25 do mês de casleu (que vai do final de novembro ao final de dezembro), ofereceram o primeiro sacrifício. Naquele dia Judas instituiu a oitava do *Hanukkah*:

«Καὶ ἔστησεν Ἰούδας καὶ οἱ ἀδελφοὶ αὐτοῦ καὶ πᾶσα ἡ ἐκκλησία Ἰσραὴλ, ἵνα ἄγωνται αἱ ἡμέραι ἐγκαινισμοῦ τοῦ θυσιαστηρίου ἐν τοῖς καιροῖς αὐτῶν ἐνιαυτὸν κατ’ ἐνιαυτὸν ἡμέρας ὀκτώ, ἀπὸ τῆς πέμπτης καὶ εἰκάδος τοῦ μηνὸς Χασελεῦ, μετ’ εὐφροσύνης καὶ χαρᾶς.»¹⁰⁶

Essa festividade até hoje é conhecida também pelo nome de *Festa da Dedicção*, e é a essa festa a que *João* 10,22 se refere, a única vez em que a palavra *encênias* aparece no Novo Testamento (note-se a referência ao inverno):

«Ἐγένετο δὲ τὰ ἐγκαίνια ἐν τοῖς Ἱεροσολύμοις, καὶ χειμῶν ἦν· καὶ περιπάτει ὁ Ἰησοῦς ἐν τῷ ἱερῷ ἐν τῇ στοᾷ τοῦ Σολομῶντος.»

Mais tarde, as Encênias se tornariam, em Jerusalém, uma festa fixa no calendário cristão. Uma dos grandes legados arquitetônicos de Constantino foi a Basílica do Santo Sepulcro, em Jerusalém. Para a sua inauguração, em 335, Constantino convocou todos os Bispos reunidos no Concílio de Tiro, que julgava a causa do Bispo Atanásio, de Alexandria; os Bispos que até lá se dirigiram, foram recebidos com grande pompa, e grandes banquetes foram oferecidos. O Imperador, por sua vez, fez riquíssimas ofertas

¹⁰⁵ 1 Macabeus 4,36. Interessante notar aqui a ordem das ações: primeiro *purifica*-se o Templo, e depois *inicia*-se.

¹⁰⁶ 1 Macabeus 4,59.

(ἀναθήματα) para a basílica.¹⁰⁷ Assim também aconteceu na inauguração da Basílica da Santa Sabedoria quando primeiro foi erigida por Constâncio:

«Εἰς τὰ ἐγκαίνια προσήγαγεν ὁ βασιλεὺς Κωνστάντιος Αὐγουστος ἀναθήματα πολλὰ, κειμήλια χρυσᾶ καὶ ἀργυρᾶ μεγάλα καὶ διάλιθα χρυσοφῆ ἀπλώματα τοῦ ἁγίου θυσιαστηρίου πολλὰ, ἔτι μὴν καὶ εἰς τὰς θύρας τῆς ἐκκλησίας ἀμφίθυρα χρυσᾶ διάφορα καὶ εἰς τοὺς πυλεῶνας τοὺς ἔξω χρυσοφῆ ποικίλα· ὡς πολλὰς δωρεὰς ἐχαρίσατο φιλοτίμως τότε παντὶ κλήρῳ καὶ τῷ κανόνι τῶν παρθένων καὶ τῶν χηρῶν καὶ τοῖς ξενοδοχεῖσι. Καὶ εἰς διατροφήν τῶν προειρημένων καὶ τῶν πτωχῶν καὶ ὀρφανῶν καὶ φυλακῶν σιτομέτριον προσέθηκεν πλείονος μέτρου οὔπερ ὁ πατὴρ αὐτοῦ Κωνσταντῖνος.»¹⁰⁸

Mas o caso do Santo Sepulcro é um caso particular, porque lá as Encênias foram instituídas como uma *oitava*, assim como o *Hanukkah* judaico. Egéria, em seu diário, nos provê informações detalhadas sobre a festa. Infelizmente, o único manuscrito que temos de seu livro termina abruptamente no fim do terceiro dia da oitava. Como as Encênias são a única festa sobre a qual ela sente a necessidade de dar definições, isso faz supor que a oitava das Encênias era uma comemoração restrita à cidade de Jerusalém,¹⁰⁹ enquanto nos demais lugares encênias eram festejadas na própria consagração da igreja e em seu aniversário. Deve-se lembrar também que antes de 481, o Natal não era comemorado em 25 de dezembro em Jerusalém; muito provavelmente, as Encênias eram a última grande festa do ano.

Egéria começa seu relato explicando o que eram as Encênias:

“Item dies enceniarum appellantur quando sancta ecclesia, quae in Golgotha est, quam Martyrium vocant, consecrata est Deo; sed et sancta ecclesia, quae est ad Anastasem, id est in eo loco ubi Dominus resurrexit post Passionem, ea die et ipsa est consecrata Deo.”¹¹⁰

Como nas oitavas da Páscoa e da Epifania, a oitava das Encênias também previa um movimento entre igrejas estacionárias:

¹⁰⁷ Frazer, pp.112, 117.

¹⁰⁸ Chronicon Paschale, PG 92, col. 737. “O Imperador Constâncio Augusto destinou às Encênias muitas ofertas, grandes tesouros de ouro e prata, e muitas toalhas para o santo altar recamadas de ouro e pedrarias; ainda, para as portas da igreja, várias cortinas douradas, e para os vestibulos externos recamadas de ouro e variegadas. Regalou então generosamente com muitos dons a todo o clero e à regra das virgens, das viúvas e nos hospitais. Quanto à alimentação dos já mencionados, além dos pobres, órfãos e presos, fornecia uma medida diária maior que a do seu pai Constantino.”

¹⁰⁹ Frazer, p. 163.

¹¹⁰ O complexo do Santo Sepulcro era naquele tempo composto por duas igrejas, Martírio e Ressurreição.

“His ergo diebus enceniarum ipse ornatus omnium ecclesiarum est, qui et per Pascha vel per Epiphaniam, et ita per singulos dies diversis locis sanctis proceditur ut per Pascha vel Epiphaniam.”

A primeira estação era a Basílica do Martírio, a segunda a Basílica da Ressurreição, e no terceiro, o último de que dispomos, em Eleona, “id est, in ecclesia quae est in Monte Oliveti.”¹¹¹

O último fato que atesta a importância da festa é a afluência de peregrinos:

“Nam ante plurimos dies incipiunt se undique colligere turbae non solum monachorum vel aputactitum de diversis provinciis, id est tam de Mesopotamia uel Syria vel de Egipto aut Thebaida, ubi plurimi monazones sunt, sed et de diversis omnibus locis vel provinciis; nullus est enim, qui non se eadem die in Ierusalima tendat ad tantam laetitiam et tam honorabiles dies; seculares autem tam viri quam feminae fidei animo propter diem sanctum similiter se de omnibus provinciis isdem diebus Ierusalima colligunt. Episcopi autem, quando parvi fuerint, hisdem diebus Ierusalima plus quadraginta aut quinquaginta sunt; et cum illis veniunt multi clerici sui. Et (quid plura?) putat se maximum peccatum incurrisse, qui in hisdem diebus tante sollemnitati inter non fuerit, si tamen nulla necessitas contraria fuerit, que hominem a bono proposito retinet.”¹¹²

Ora, embora em Constantinopla as Encênias não constituíssem uma oitava, alguns elementos da festa jerosolimitana são encontrados lá. Por exemplo, nas Encênias de 562, a festa, que foi celebrada na véspera de Natal, se prolongou por uma semana, e, a pedido do povo foi prolongada até a Epifania; como diz Paulo Silenciário, dirigindo-se a Justiniano:

Ἐπεὶ γὰρ ἦγες τὴν ἑορτὴν ὡς ἔδει,
ἅπας ὁ δῆμος εὐθὺς, ἢ γερουσία,
οἱ τὸν μέσον ζηλοῦντες ἀσφαλῆ βίον
τὰς τῆς ἑορτῆς ἡμέρας ἐπεξάγειν
ἦτουν· παρεῖχες· ἐξέδραμον· ἦτουν πάλιν·
πάλιν παρεῖχες. Τοῦτο δὲ δρῶν πολλάκις

¹¹¹ 25, 11.

¹¹² 49, 1.

ἐπεξέτεινας τὴν ἑορτὴν πλουσίως.¹¹³

E assim como a oitava em Jerusalém era constituída de estações, também as Encênias em Constantipla tiveram sua própria estação; como Teodoro Leitor nos informa, a cerimônia começou na igreja de S. Platão:

«Τῷ λς´ ἔτει τῆς αὐτῆς βασιλείας ἰνδικτιῶνος ια´, μηνὶ Δεκεμβρίῳ κδ´ ἐγένοντο τὰ β´ ἐγκαίνια τῆς μεγάλης ἐκκλησίας, καὶ ἐξῆλθεν ἡ λιπὴ ἀπὸ τοῦ Ἁγίου Πλάττωνος καθημένου τοῦ ἐν ἁγίοις Τυχίου ἐν τῷ χρυσῷ ὀχήματι, καὶ φοροῦντος τὸ ἀποστολικὸν σχῆμα, καὶ κρατοῦντος ἐν ταῖς χερσὶν τὸ ἅγιον Εὐαγγέλιον καὶ ἐλιτάνευον τὸ «ἄρατε πύλας οἱ ἄρχοντες ὑμῶν».¹¹⁴

Além desses dados, não sabemos muito sobre como se desenrolaram as Encênias da Basílica da Santa Sabedoria, apesar de algumas tentativas de reconstrução.¹¹⁵ De qualquer forma, essas foram as últimas encênias da basílica, que, embora tenha passado por várias reformas na Idade Média, transformada em mesquita e depois em museu, não sofreu nenhum outro colapso.

Sabendo de que tipo de texto se trata, e tendo conhecido a história do evento ao qual era destinado, passemos agora ao hino propriamente dito.

¹¹³ Silenciário, vv. 74-80, p. 229. “Depois que conduziste a festa como convinha, logo todo o povo, o Senado e os ciosos de uma vida mediana e firme pediram que se estendessem os dias festas. Concedeste-o. Afluíram todos; pediram novamente, novamente o concedeste. Fazendo assim por várias vezes, expandiste a festa ricamente.”

¹¹⁴ *Apud* Cramer, p.114. “No trigésimo sexto ano do reinado, décimo primeiro da *indictio*, no dia 24 do mês de dezembro, ocorreram as Segundas Encênias da Grande Igreja, saiu a procissão de S. Platão, sentado SãoTíquio na carruagem dourada portando o apostólico e segurando nas mãos o Santo Evangelho, e salmodiavam o ‘levantai, ó príncipes, as vossas portas.’”

¹¹⁵ Como as listadas por Gavril, p. 108-9.

Capítulo 3 – *O Hino das Encênias: comentário*

Fontes manuscritas, datação e autoria

O Hino das Encênias foi conservado apenas em cinco manuscritos: G M T φ e N. O único manuscrito que conserva todo o texto é N, preservado na Biblioteca Nacional de Nápoles.¹¹⁶ Trata-se de um Eucolégio¹¹⁷ destinado ao uso do Bispo, e é um manuscrito muito bem cuidado, que sobreviveu quase em sua inteireza, copiado por um escriba hábil, com capitais e cabeçalhos ornamentados. O nome do escriba nos é desconhecido, mas por sua caligrafia pode-se chegar ao século XIII como o período em que o livro foi confeccionado. O contácio encontra-se nos ff. 46v-52r, inserido na Ακολουθία τῶν Ἐγκαινίων, após a sexta Ode do Cânon,¹¹⁸ e, segundo o cabeçalho de G, foi utilizado em Encênias da Basílica da Ressureição em Jerusalém e passou a ser cantado nas encênias de qualquer igreja ortodoxa.¹¹⁹

Ακολουθία é o termo utilizado para designar o arranjo ou *sequência* do Divino Ofício, ou para referir-se ao próprio Ofício.¹²⁰ O fato de o nosso contácio estar incluso na Ακολουθία τῶν Ἐγκαινίων, isto é, entre os textos do Ofício celebrado nas encênias, é mais uma demonstração do que dissemos no primeiro capítulo: que o contácio não era cantado na Divina Liturgia, mas no Divino Ofício – mais especificamente na Vigília.

O manuscrito N não nos informa absolutamente nada sobre a autoria do poema ou sobre quando foi composto, nem sob que circunstâncias; não diz nada sobre a Basílica da Santa Sabedoria em Constantinopla, nem se refere a Justiniano. Como sabemos, então, que *O Hino das Encênias* foi realmente composto para as Segundas Encênias da Basílica da Santa Sabedoria em 562? A resolução dessa questão coube ao hieromonge Dom Sofronio Gassisi.

O primeiro passo que dá D. Sofronio para chegar a uma data é avaliar o estilo do texto. Considerando que a última grande escola de composição de contácios teve como seu maior representante e mestre o Estudita, que se expressa em uma linguagem

¹¹⁶ Gassisi, p. 6 e Trypanis, p. 140. Sobre os demais manuscritos, nem Gassisi nem Trypanis nos dão qualquer informação substancial, exceto o número das páginas que contêm os fragmentos do poema (em Trypanis, p. 140, n. 8).

¹¹⁷ Eucolégio (Ευχολόγιον) é o livro que contém as cerimônias realizadas pelos sacerdotes e diáconos, o texto das três Liturgias, e orações e ritos dos sacramentos, bênçãos e outras cerimônias (Wellesz, p. 136).

¹¹⁸ Gassisi, p. 7.

¹¹⁹ In Trypanis, p. 140: Κονδάκιον τῶν ἐγκαινίων τῆς ἀγίας Χριστοῦ τοῦ Θεοῦ Ἀναστάσεως· τὸ αὐτὸ καὶ εἰς πᾶσαν ἐκκλησίαν ἐγκαίνια.

¹²⁰ Herbermann, p. 106.

retumbante e repleta de metáforas, o hieromonge italiano observa que o estilo d’*O Hino das Encênias* é muito simples e direto:

Lo stile è nobile e sostenuto, sebbene tenda alquanto alla forma piana, e procede regolarmente con pensieri appropriati al tema, esposti non di rado con immagini vive e scultorie. Nella lingua poi, a differenza della Scuola o dell’epoca Studitana, nulla si riscontra che ci ricordi quell’abbondanza di vocaboli, e l’uso eccessivo di epiteti, che la caratterizzano: che anzi alla proprietà del linguaggio si vede congiunta una sobria eleganza, la quale rispecchia un andamento più conforme ad un’epoca più antica.¹²¹

A segunda razão por que postula uma época anterior ao Estudita diz respeito às grandes heresias que floresceram naquele tempo e anteriormente:

[...] non ultima l’assenza completa d’ogni accenno alle grandi controversie dogmatiche che si agitarono in quei secoli. Infatti, non una qualunque allusione che ci ricordi l’eresia degl’Iconoclasti, tanto combattuta non meno dagl’innografi che dai polemisti di allora; eppure in una composizione così lunga, e nella quale non mancano luoghi che fornissero l’opportunità di ricordarla, non si potrebbe spiegare tale silenzio altrimenti che col dover ritenere che la composizione risalga ad epoca, in cui non esisteva punto l’eresia, od almeno no se n’era acuita la controversia relativa. [...] Esso perciò potrà rimontare prima del 2° quarto del sec. VIII, in cui quella ebbe principio per opera di Leone Isaurico. Il silenzio però intorno le altre eresie che immediatamente precedettero gl’Iconoclasti, quale sarebbe quella dei Monoteliti, che per essere stata la più combattuta, nelle composizioni coeve e posteriori non è mai dimenticata, fa giustamente ritenere che l’Inno sia ancora più antico che a prima vista possa sembrare.¹²²

A próxima pergunta a fazer é: o hino em questão foi composto para as encênias de uma igreja específica ou para ser utilizado nas encênias em geral? D. Sofronio é categórico ao dizer que não só o poeta tinha em mente um templo em particular, mas que esse templo era a catedral constantinopolitana. O texto refere-se constantemente, desde a primeira casa, à σοφία: ἐν σοφία τῆς πίστεως (I,5), ἡ σοφία γὰρ ἀληθῶς [...] ἀνφοδόμησεν ἑαυτῇ σαρκώσεως οἶκον (I,6), προφθάσωμεν τῆς Σοφίας τὸ ἀγίασμα (II,5), ὁ ναὸς τῆς Θεοῦ Σοφίας (VII,6), para dar alguns exemplos. Não haveria outra razão para tal emprego da palavra σοφία no hino, se o vocábulo não tivesse nenhuma relação com a realidade exterior, isto é, se a igreja inaugurada não fosse dedicada à

¹²¹ Gassisi, p. 9.

¹²² *Ibidem*, p. 10.

Sabedoria. Tal pensamento se sustenta pelo fato de várias igrejas importantes no Império terem a Sabedoria como patrona – como, além da própria Constantinopla, as catedrais de Tessalônica e Niceia.¹²³

Como o hino nos ajuda então a identificar a Sé de Constantinopla como a igreja nele festejada? O mélo diz que o templo supera todo o conhecimento humano na arte edificatória: ὑπερανέχον ἐπιστήμην ἀνθρώπινον ἐν τοῖς δόμασιν (V,3-4); sua fama alcançou os confins da terra: τοῖς πέρασι τῆς οἰκουμένης διαβόητος πέφυκε καὶ σεβάσμιος (XV,3-4); como resultado de sua fama, é um importante centro de peregrinação, e mesmo os pagãos louvam sua fábrica: ἐν αὐτῷ γὰρ προστρέχουσιν ἀθαιρέτως, [...] ἐκ παντὸς ἔθνους τοῦ ὑπὸ τὸν οὐρανόν, ὅθεν καὶ ἄπιστοι μετὰ θάρσους ὁμολογοῦσιν, ὡς ἐστὶν αὐτοῦ ὁ οἰκῆτωρ Θεός (XV,5-7); mas, mais importante, a igreja festejada no hino é o olho da própria Igreja: Ὀφθαλμὸν τῆς καθόλου ὁρῶμεν ἐκκλησίας τὸν πάνσεπτον τοῦτον ἀληθῶς καὶ πανεύφημον οἶκον (XVII,1). Todas essas afirmações têm sentido pleno apenas se se referem à principal igreja do Império, a catedral da Segunda Roma, célebre por sua prestigiosa fábrica, e servida pelo próprio Imperador, que por séculos atuou como o verdadeiro cabeça da Igreja no Oriente. Sobre a expressão “olho da Igreja”, D. Sofronio cita na íntegra um tropário que pede a proteção divina à cidade de Constantinopla, chamando-a “olho da Ecumene”:

Τὴν πόλιν ἡμῶν, Κύριε, ὡς τῆς οἰκουμένης ὀφθαλμὸν ἐκ πάσης σου δικαίας ἐλευθέρωσον, καὶ τοῖς σκήπτροις τῆς βασιλείας αὐτῆς διὰ παντὸς κατακόσμησον, βαρβάρων ἀποστροφὴν καὶ τῶν κινδύνων ἀπαλλαγὴν διὰ τῆς Θεοτόκου δωρούμενος.¹²⁴

Se Nova Roma era o olho do mundo, não seria de surpreender que a Sé de Constantinopla fosse o olho da Igreja.

A última dúvida a ser dissipada é a quais das encênias da Basílica da Santa Sabedoria o hino foi composto. Como vimos no capítulo anterior, a dita basílica foi edificada e reedificada quatro vezes: primeiro, foi construída por Constâncio em 360; reconstruída por Teodósio em 415, e por Justiniano em 537 e 562.

¹²³ *Ibidem*, p. 12.

¹²⁴ *Ibidem*, p. 16. “Livra com toda a tua justiça a nossa cidade, Senhor, como o olho da Ecumene, e equipa-a com os cetros de seu Reino através de tudo, galardoados pela Mãe de Deus com o recuo dos bárbaros e livramento dos perigos.”

O que pensar das duas primeiras construções? D. Sofronio acha muito improvável que algum vestígio litúrgico das duas primeiras encênias possam ter chegado a nós:

[...] sarebbe inverosimile ritenere che una composizione sacra riguardante una delle due prime consacrazioni, di cui naturalmente è andato perduto ogni ricordo nei libri liturgici, potesse sopravvivere alle due consacrazioni a noi più vicine, che storicamente e liturgicamente hanno assunto maggior importanza dal fatto della sopravvivenza del tempio.¹²⁵

Além disso, temos a própria história do gênero *contácio*, que no século IV e início do V ainda estava longe de chegar à maturidade:

[...] la forma innologica del Κοιτάκιον [...] assolutamente non può rimontare nè al tempo di Teodosio Iuniore, nè molto meno a quello di Costanzo, tenuto conto della forma definitiva sotto la quale si presenta nella nostra composizione.¹²⁶

Por fim, D. Sofronio observa que a preeminência dada ao novo templo da Sabedoria (especialmente nas casas XIII-XV) sobre o Templo de Salomão só faria sentido se a basílica festejada no hino fosse realmente algo fora do ordinário:

[...] l'autore nel parlare del tempio di Salomone e dell'Ἐγκαίνια di esso, non si contenta della semplice esposizione del fatto, ma si dà premura d'insistere sulla preminenza del nuovo tempio su quello di Salomone. Siffatto confronto, per quanto riferito anche alla diversità del culto che in essi si prestava, soltanto in bocca di un contemporaneo di Giustiniano ed in un ammiratore della sua opera può trovare la sua naturale spiegazione, e non già se si volesse attribuire ad uno scrittore di altra epoca.¹²⁷

Relembrando a célebre passagem da Διήγησις περὶ τῆς οἰκοδομῆς τῆς Ἀγίας Σοφίας, em que Justiniano, na primeira inauguração da basílica, adentra-a sozinho antes de todos e brada ἐνίκησα σε, Σολομών, o hieromonge conclui:

¹²⁵ *Ibidem*, p. 21.

¹²⁶ *Ibidem*.

¹²⁷ *Ibidem*.

[...] anche se non vero l'episodio, cui il detto va collegato, questo di certo rispecchia per lo meno la convinzione formatasi negli animi dei contemporanei alla contemplazione del tempio meraviglioso.¹²⁸

Excluídas as basílicas anteriores a Justiniano, a qual das duas encênicas realizadas sob seu reinado atribuir a razão da composição do nosso contácio? O texto nos fornece vários indícios para estabelecê-lo como próprio das chamadas Segundas Encênicas.

O primeiro deles é o silêncio do hino sobre Teodora; na prece final, o poeta roga a Deus que proteja *os sacerdotes e o Imperador*: *ιερεῖς δὲ καὶ βασιλέα πιστοὺς πάση συντήρησον εὐσεβείᾳ κεκοσμημένους*, quando, segundo D. Sofronio, “la prassi bizantina” exigiria *βασιλεῖς* no lugar de *βασιλέα*. Se aqui ocorre o singular, isso significaria que a Imperatriz não mais vivia – considerando que Teodora morrera em 548, isso nos levaria às Encênicas de 562.¹²⁹

Outro indício dessa data seria a expressão da décima quinta casa (vv. 3-4), *τοῖς πέρασι τῆς οἰκουμένης διαβόητος πέφυκε καὶ σεβάσμιος*, a qual, segundo o hieromonge italiano, só poderia ser verossímil se a Basílica da Santa Sabedoria de Justiniano já tivesse sido edificada tempos antes, uma vez que foi a reconstrução de 537 que se tornou célebre em todo o mundo romano.¹³⁰

As referências do hino à solidez da edificação também indicam as Segundas Encênicas como a ocasião para a qual foi composto: sabemos que foi devido a grandes danos causados por uma série de terremotos que parte da basílica, incluída sua cúpula, teve de ser reconstruída. Nada mais natural que o mélo peça a Deus que estabeleça firmemente o novo templo, para que este não seja novamente presa dos tremores de terra, ou sublinhe a firme fundação da basílica reconstruída: como no próêmio (v. 4): *στερέωσον αὐτὸ εἰς αἰῶνα αἰῶνος*; na quinta casa (v.7): *ἐν πνεύματι ἐστήριξας αὐτόν*; ou ainda na sétima (v.6): *ἐν ἀρρεύστῳ γὰρ εὐδοκίᾳ θεοῦ τεθεμελίωται ὁ ναὸς τῆς Θεοῦ Σοφίας*; ou na nona (v.2): *τοῦ αὐτὴν στερεώσαντος πνεύματος*.¹³¹

Por fim, para concluir seu arrazoado, D. Sofronio menciona que vários historiadores relatam que as Segundas Encênicas de Justiniano ocorreram em 24 de dezembro, Vigília de Natal. E logo o primeiro verso da primeira casa menciona o mélo a festa em que o hino estava sendo cantado: *Τὴν ἐν σώματι θείαν τοῦ Λόγου*

¹²⁸ *Ibidem.*

¹²⁹ *Ibidem*, p. 22.

¹³⁰ *Ibidem*, p. 23.

¹³¹ *Ibidem.*

ἐορτάζοντες ἐπιδημίαν. Na segunda estrofe, numa provável referência ao contácio de Natal de S. Romano «Ἡ παρθένος σήμερον τὸν ὑπερούσιον τίκτει», diz o poeta que o novo templo era consagrado porque não convinha a Deus εὐτελὲς σπήλαιον ὑποδύεσθαι (v. 4).¹³²

Com tais argumentos estabelece D. Sofronio Gassisi a ocasião para a qual *O Hino das Encênias* foi composto e na qual foi cantado pela primeira vez. Quanto à sua autoria, nada foi possível até o momento, e provavelmente permanecerá sempre um mistério. Supõe-se que em 562 S. Romano já estivesse morto, e que a tarefa de compor um contácio para a ocasião foi dada a um mélodo hábil, embora sem o mesmo domínio poético do santo mélodo.

Forma

O Hino das Encênias é composto pelo proêmio seguido de dezoito casas, que formam, como já dito, o acróstico Τῶν Ἐγκαινίων ὁ Ὑμνος; o refrão é «ἢ πάντων ζωὴ καὶ ἀνάστασις», o qual sempre completa o sentido do verso precedente de forma natural, não-forçada. Trata-se de um contácio idiômelo, com a estrutura estrófica das casas como a que segue:

υ υ - υ υ - υ υ - υ	υ υ - υ υ - υ υ - υ υ	υ υ - υ υ - υ υ - υ υ
Τὴν ἐν σώματι θείαν τοῦ Λόγου	ἐορτάζοντες ἐπιδημίαν	τῆς αὐτοῦ Ἐκκλησίας τὰ τέκνα
υ υ - υ υ - υ υ - υ υ - υ υ	υ υ - υ υ - υ υ - υ υ	υ υ - υ υ - υ υ - υ υ
πυκασμῶ ἀρετῶν	λαμπρυνθῶμεν ἀξίως τῆς χάριτος	
υ υ - υ υ - υ υ - υ υ	υ υ υ - υ υ	
καὶ Θεοῦ ἄξιον	ἀναδειχθῶμεν	
υ υ - υ υ - υ υ - υ υ	υ υ - υ υ	
φωτισμῶ γνώσεως	οἰκητήριον	
υ υ - υ υ - υ υ - υ υ	υ υ - υ υ - υ υ - υ υ	
ἐν σοφίᾳ τῆς πίστεως	τὰς αἰνέσεις ἐξαγγέλοντες	
υ υ - υ υ - υ υ - υ υ	υ υ - υ υ - υ υ - υ υ	υ υ - υ υ - υ υ - υ υ
ἢ Σοφία γὰρ ἀληθῶς τοῦ Πατρὸς	ἀνφοδομήσεν	ἑαυτῇ σαρκώσεως οἶκον,
υ υ - υ υ - υ υ - υ υ	υ υ - υ υ - υ υ - υ υ	
καὶ ἐσκήνωσεν ἐν ἡμῖν ὑπὲρ νοῦν		

¹³² *Ibidem*, p. 25.

Não procederei a uma análise formal detalhada, porque isso exigiria uma familiaridade maior com os contácios de forma geral, e, como acenei no primeiro capítulo, a métrica dos hinos bizantinos é um domínio extremamente complexo.

Comentário

Proêmio e refrão

Embora não seja o resumo do contácio, o proêmio d’*O Hino das Encênias* apresenta alguns elementos que serão desenvolvidos adiante: primeiro o poeta traça um paralelo entre o esplendor do *firmamento* no alto e o esplendor do *tabernáculo* abaixo, com um eco das palavras de Salomão em 1 Reis 8,23: καὶ εἶπεν· Κύριε ὁ Θεὸς Ἰσραὴλ, οὐκ ἔστιν ὡς σὺ Θεὸς ἐν τῷ οὐρανῷ ἄνω καὶ ἐπὶ τῆς γῆς κάτω, φυλάσσω διαθήκην καὶ ἔλεος τῷ δούλῳ σου τῷ πορευομένῳ ἐνώπιόν σου ἐν ὅλῃ τῇ καρδίᾳ αὐτοῦ.¹³⁴ A oração de Salomão será retomada mais adiante. As palavras do mélo do são uma clara referência à cúpula da basílica, que é equiparada ao firmamento; mas ao longo do poema é explorada também a dualidade terreno/celestial, na medida em que a realidade terrena reflete a espiritual. A palavra traduzida por *tabernáculo*, σκῆνωμα, será importante no desenvolvimento do hino: ela pode significar, não só “tabernáculo”, mas também “habitação” e “tenda”, significados que o mélo do não deixará de explorar. A seguir, o poeta roga a Deus que firme esse tabernáculo para sempre – tal alusão à solidez da nova construção, como vimos acima, também reaparecerá no corpo do contácio. O proêmio é concluído com o pedido de que o culto celebrado nesse tabernáculo seja propício a Deus, pela intercessão de Sua Mãe.

O refrão, “*De todos Vida e Ressurreição*”, é aqui aplicado à *Theotokos*, na medida em que é por meio d’Ela que vem ao mundo Cristo; no *Evangelho de S. João*, (11,25) na perícopo da ressurreição de Lázaro, ao falar a Marta, o próprio Jesus diz: ἐγὼ εἰμι ἡ ἀνάστασις καὶ ἡ ζωὴ. Não seria estranho usar um refrão como esse na Vigília de

¹³³ Trypanis, p. 140.

¹³⁴ “E disse: Senhor Deus de Israel, não há Deus semelhante a ti, nem no mais alto do céu, nem abaixo sobre a terra: tu conservas o pacto e a misericórdia para os teus servos que caminham diante de ti, de todo o seu coração.”

Natal; como a festa do Natal é uma comemoração do nascimento de Cristo, nada mais natural que relembrar o significado que Seu nascimento tem para os cristãos. Na sequência da perícopa de *S. João*, Jesus pergunta a Marta se ela cria que era Ele a Ressurreição e a Vida, e ela responde referindo-se exatamente à vinda do Messias ao mundo (11,27): Κύριε, ἐγὼ πεπίστευκα ὅτι σὺ εἶ ὁ Χριστὸς ὁ υἱὸς τοῦ Θεοῦ ὁ εἰς τὸν κόσμον ἐρχόμενος . Certamente isso não deve ter passado despercebido ao mélo.

O refrão é aposto à Santa Maria apenas no próêmio; no decorrer do contácio, referirá sempre a Cristo ou a Deus.

O corpo do poema

O corpo d'*O Hino das Encênias* pode ser dividido em duas grandes seções: a primeira, compreendendo as casas 1-9, a segunda, as casas 10-18. Na primeira metade, o poeta cuida em apresentar a Basílica da Santa Sabedoria em sua relação com o Natal e com a realidade espiritual que de certa forma mimetiza; na segunda metade, a basílica é posta em relevo contra o Tabernáculo israelita e o Templo de Salomão. Vejamos como essas ideias são desenvolvidas.

Logo no primeiro verso, o mélo anuncia a festa celebrada naquele dia: Τὴν ἐν σώματι θεῖαν τοῦ Λόγου ἐορτάζοντες ἐπιδημίαν – *Festejando a divina chegada do Verbo em corpo*. A chegada do Verbo é *divina*, porque, segundo o Evangelho, o filho dado à luz por Maria foi gerado pelo Espírito Santo, conforme a notícia que lhe foi dada pelo anjo Gabriel: Πνεῦμα Ἅγιον ἐπελεύσεται ἐπὶ σὲ καὶ δύναμις ὑψίστου ἐπισκιάσει σοι· διὸ καὶ τὸ γεννώμενον ἅγιον κληθήσεται υἱὸς Θεοῦ.¹³⁵ É importante ressaltar, porém, a ambiguidade do vocábulo ἐπιδημία, que, além de *chegada*, pode significar também *permanência, residência*; assim, teríamos, na tradução, *divina permanência do Verbo em corpo*. Nesse caso, o poeta expressaria uma antítese entre *corpo* e *permanência divina*, chamando a atenção à existência em Cristo de duas naturezas, humana e divina, segundo a definição do Concílio de Calcedônia. É curioso observar a expressão ἐν σώματι envolta por Τὴν...θεῖαν, realçando de certa forma a simultaneidade de ambas e sua aparente oposição.

¹³⁵ S. Lucas 1,35: “Espírito Santo descera sobre ti, e a virtude do Altíssimo te cobrirá da sua sombra. E por isso mesmo o Santo, que há-de nascer de ti, será chamado Filho de Deus.”

O mélo do não diz, contudo, que tal *divina permanência*, ou *chegada, em carne* seja de Cristo, de Jesus, do Senhor ou do Filho, senão do *Verbo*. A referência a Cristo como *Verbo* nos leva diretamente ao prólogo do *Evangelho de S. João*:

Ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ Λόγος, καὶ ὁ Λόγος ἦν πρὸς τὸν Θεόν, καὶ Θεὸς ἦν ὁ Λόγος. Οὗτος ἦν ἐν ἀρχῇ πρὸς τὸν Θεόν. πάντα δι' αὐτοῦ ἐγένετο, καὶ χωρὶς αὐτοῦ ἐγένετο οὐδὲ ἓν ὃ γέγονεν. ἐν αὐτῷ ζωὴ ἦν, καὶ ἡ ζωὴ ἦν τὸ φῶς τῶν ἀνθρώπων. καὶ τὸ φῶς ἐν τῇ σκοτίᾳ φαίνει, καὶ ἡ σκοτία αὐτὸ οὐ κατέλαβεν. [...] ἦν τὸ φῶς τὸ ἀληθινόν, ὃ φωτίζει πάντα ἄνθρωπον, ἐρχόμενον εἰς τὸν κόσμον. ἐν τῷ κόσμῳ ἦν, καὶ ὁ κόσμος δι' αὐτοῦ ἐγένετο, καὶ ὁ κόσμος αὐτὸν οὐκ ἔγνω. εἰς τὰ ἴδια ἦλθε, καὶ οἱ ἴδιοι αὐτὸν οὐ παρέλαβον. [...] καὶ ὁ Λόγος σὰρξ ἐγένετο καὶ ἐσκήνωσεν ἐν ἡμῖν, καὶ ἐθεασάμεθα τὴν δόξαν αὐτοῦ, δόξαν ὡς μονογενοῦς παρὰ πατρός, πλήρης χάριτος καὶ ἀληθείας.¹³⁶

No prólogo do Evangelho joanino, o mélo do encontrou abundância de conceitos de que se servir na composição das duas primeiras casas de seu hino:

A encarnação do Verbo: Τὴν ἐν σώματι [...] τοῦ Λόγου [...] ἐπιδημίαν - καὶ ὁ Λόγος σὰρξ ἐγένετο

A Graça: ἀξίως τῆς χάριτος - πλήρης χάριτος καὶ ἀληθείας

A Luz: φωτισμῷ γνώσεως - ἡ ζωὴ ἦν τὸ φῶς τῶν ἀνθρώπων

A habitação: καὶ ἐσκήνωσεν ἐν ἡμῖν ὑπὲρ νοῦν - καὶ ἐσκήνωσεν ἐν ἡμῖν

O vir aos Seus: εἰς τὰ ἴδια ἦλθε, καὶ οἱ ἴδιοι αὐτὸν οὐ παρέλαβον - εἰς τὰ ἴδια ἦλθεν ὁ κτίστης καὶ ὡς ἴδιον τοῦτον παρελάβομεν

Tais alusões ao Evangelho não são fortuitas, mas conformam-se organicamente às formulações que compõe o mélo do ao iniciar seu discurso sobre a nova Basílica da Santa Sabedoria, conforme ficará claro no decorrer de nossa exposição. Neste momento,

¹³⁶ S. João 1,1-5.9-11.14: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele; e nada do que foi feito, foi feito sem ele. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens. E a luz resplandece nas trevas, mas as trevas não a compreenderam. [...] Era a luz verdadeira que a todo homem que vem a este mundo [...] E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e nós vimos a sua glória, a como de Filho unigênito do Pai, cheio de graça e verdade.”

chama-nos a atenção o fato de que Cristo não é só identificado com o *Verbo*, mas também com a *Sabedoria*, nos últimos versos da primeira estrofe, logo antes do refrão:

ἐν σοφία τῆς πίστεως τὰς αἰνέσεις ἐξαγγέλοντες·
ἡ Σοφία γὰρ ἀληθῶς τοῦ Πατρὸς ἀνωκοδόμησεν ἑαυτῇ σαρκώσεως οἶκον,
καὶ ἐσκήνωσεν ἐν ἡμῖν ὑπὲρ νοῦν

Diante disso, surgem algumas perguntas: o que seria o λόγος divino e por que é Jesus identificado com ele? E a Sabedoria divina, que seria ela e por que é Jesus com ela identificado? Haveria alguma aproximação entre os dois conceitos, λόγος e σοφία?

Λόγος e Σοφία

O verbo λέγω, donde deriva-se o substantivo λόγος, significa, primariamente, *ajuntar*; desse sentido, surgiu mais tarde o de *contar* (numericamente); depois, num processo contínuo de abstração, *enumerar* e, ainda, *relatar*, *contar* (discursivamente). Ao fim desse processo, λέγω adquiriu o significado de *dizer*. Por conta disso, λέγω acabou se aproximando de εἶπον e da raiz ῥη, embora guardando suas diferenças, pelo menos a princípio. Enquanto o primeiro expressava a simples ideia de *falar*, ou ainda *retratar em fala*, *narrar*, εἶπον referia-se a *dizer uma proposição*, *expressar* (um conteúdo). Outra diferença entre ambos reside no aspecto: sendo λέγω durativo, era visto como um antônimo mais apropriado a verbos como *agir*, *fazer*, *ouvir* ou *manter silêncio*.¹³⁷ Por sua vez, ῥη também não possui sentido durativo, e significa *declarar algo especificamente*; assim ῥῆμα seria um dito específico, definido.¹³⁸

O substantivo λόγος passou pelo mesmo processo que o verbo: *coleção* – *cálculo* – *enumeração* (catálogo) – narrativa – fala – palavra.¹³⁹ Logo, porém, na história do pensamento grego, λόγος passa a ser encarado pelos filósofos por um viés cada vez mais sublimado. Para entendermos isso, precisamos ter em mente que o sentido filosófico de λόγος, em meio à selva de significados que foi adquirindo, preservou um núcleo comum a todos eles, de modo a manter uma distinção muito nítida perante o λόγος cristão. Esse núcleo é composto de três sentidos, expostos por Sócrates

¹³⁷ Kittel, vol. 4, pp. 72-3.

¹³⁸ *Ibidem*, p. 75.

¹³⁹ *Ibidem*, pp. 73-5.

no *Teeteto*: τὸ μὲν πρῶτον εἶη ἂν τὸ τὴν αὐτοῦ διάνοιαν ἐμφανῆ ποιεῖν διὰ φωνῆς μετὰ ῥημάτων τε καὶ ὀνομάτων (206d); a segunda, τὴν διὰ στοιχείου διεξοδὸν περὶ ἐκάστου (207c), e o terceiro, ὅπερ ἂν οἱ πολλοὶ εἴποιεν, τὸ ἔχειν τι σημεῖον εἰπεῖν ὃ τῶν ἀπάντων διαφέρει τὸ ἐρωτηθέν (208c). Expressão, enumeração e definição (ou distinção): o λόγος é o que permite ao homem perceber a ordem das coisas, e, como atributo que lhe é próprio, pode ser compreendido como *razão*.¹⁴⁰ O λόγος *esclarece e mostra* ao entendimento as leis que regem o mundo, e o homem pode compreender a si e seu lugar no cosmo.¹⁴¹

Com o passar do tempo, o termo deixou de versar simplesmente sobre a capacidade do homem ver a ordem das coisas, e passou a significar *a ordem das coisas* elas mesmas. Tal era a visão dos estoicos, como nos conta Diógenes Laércio, ao falar do λόγος, καθ'ὄν ὁ κόσμος διεξάγεται.¹⁴² Assim também os neo-platônicos, que viam o λόγος como um poder que conferia forma e vida às coisas.¹⁴³

Nos Mistérios, λόγος assume uma conotação que chamaríamos de “religiosa”, na forma de ἱερὸς λόγος, “história sacra”, “doutrina sagrada”, “revelação”. Em seu *Ísis e Osíris*, Plutarco se refere a ἱερὸς λόγος como algo que poderia ser dado por Ísis aos iniciados: ἱερὸς λόγος, ὃν ἡ θεὸς συνάγει καὶ συντίθησι, καὶ παραδίδωσι τοῖς τελουμένοις διὰ θειώσεως.¹⁴⁴ No Ἑρμοῦ τοῦ τρισεγίστου ἱερὸς λόγος, Hermes conta como, por mercê divina, tornou-se ele λόγος e portanto υἱὸς θεοῦ.¹⁴⁵

O λόγος cristão se distingue das concepções acima expostas em vários aspectos: o λόγος grego é, a princípio, um atributo do homem; depois, é uma ordem que o homem pode alcançar com sua razão; no misticismo helênico, é uma potência cósmica, guia e agente do conhecimento, reveladora do que é oculto.¹⁴⁶ O λόγος cristão, por outro lado, é Deus (θεὸς ἦν ὁ λόγος); não é algo que o homem alcança, mas que, diferente das divindades helênicas identificadas com o λόγος, torna-se ele mesmo homem, num momento específico da História (καὶ ὁ λόγος σὰρξ ἐγένετο καὶ ἐσκήνωσεν ἐν ἡμῖν). A oposição entre λόγος e ἔργον inexistente no conceito cristão, em que o λόγος é parte essencial do processo da Criação.

¹⁴⁰ Aristóteles, *Polt.* I, 2: λόγον δὲ μόνον ἄνθρωπος ἔχει τῶν ζώων.

¹⁴¹ Kittel, vol. 4, p. 80.

¹⁴² *In* Kittel, vol 4, p. 84.

¹⁴³ *Ibidem*, p. 85.

¹⁴⁴ *In* Kittel, vol. 4, p. 86.

¹⁴⁵ *Ibidem*.

¹⁴⁶ *Ibidem*, p. 87.

Grande parte da diferença entre os conceitos pagão e cristão do Verbo deve-se à herança judaica do Cristianismo; sem o conhecimento dessa base semítica, não é possível compreender plenamente seu significado.

O verbo hebraico para “falar” é אמר (’amar), que se refere simplesmente ao ato da fala; dessa mesma raiz, deriva-se o substantivo אומר (’omer), traduzido nos LXX por λόγος, ῥῆμα, λόγιον ou ῥῆσις.¹⁴⁷ Todavia, a palavra que melhor corresponderia ao λόγος grego é o substantivo דבר (davar);¹⁴⁸ sua raiz seria a mesma de דביר (dvir), o *Santo dos Santos* do Tabernáculo e do Templo. A relação entre os dois termos dever-se-ia ao fato de a raiz *dbr* ter como significado primeiro “fundo”, ou “atrás”, como se pode observar em outras línguas semíticas, como o árabe, etíope e aramaico.¹⁴⁹ Desse modo, enquanto ’omer designaria o *dito* de forma genérica, *davar* referir-se-ia ao *fundo das coisas*, ao seu significado conceitual. Nenhuma coisa é um *davar*, mas todas elas têm o seu próprio *davar*: “It is easy to see that in speech the meaning or concept stands for the thing, so that a thing, as an event, has in its דבר its historical element, and history is thus enclosed in the דברים as the background of things.”¹⁵⁰

Note-se que a partir daí forma-se uma ligação muito estreita entre דבר e a coisa a que se refere, conferindo-lhe uma materialidade que não se observa no λόγος grego, como se pode observar em expressões como אחר הדברים האלה (Gênesis 15,1, “Após essas palavras”, isto é, “após esses fatos”, na *Vulgata* latina “his itaque transactis”) e ויתר דברי שלמה וכל-אשר עשה, וחקמתו--הלוא-הם כתבים על-ספר דברי שלמה (1Reis 11,41, “E o restante das palavras de Salomão, e tudo quanto fez, e sua sabedoria – não estão escritos no livro das palavras de Salomão?”). No Novo Testamento também encontramos essa relação entre *palavra* e *coisa*, como na fala dos pastores no *Evangelho de S. Lucas*: διέλθωμεν δὴ ἕως Βηθλεὲμ καὶ ἴδωμεν τὸ ῥῆμα τοῦτο τὸ γεγονός, ὃ ὁ Κύριος ἐγνώρισεν ἡμῖν (2,15, “Vamos a Belém e **vejamos** esta palavra feita, a qual o Senhor nos deu a conhecer”).

Essa materialidade de דבר faz com que a palavra, além de sua natureza que chamaríamos *conceitual*, tenha também uma natureza *dinâmica*; faz com que seja dotada de um poder capaz de influir na realidade de muitos modos. Várias são as

¹⁴⁷ *Ibidem*, p. 91.

¹⁴⁸ Que nos LXX também aparece vertida em ῥῆμα.

¹⁴⁹ Veja alguns exemplos em Kittel, vol. p. 92.

¹⁵⁰ *Ibidem*.

instâncias, no Velho Testamento, que demonstram esse poder da palavra. Talvez a mais famosa delas seja *Isaías 55,10-11*, em que Deus diz:

כִּי כַאֲשֶׁר יֵרֵד הַגֶּשֶׁם וְהַשֶּׁלֶג מִן-הַשָּׁמַיִם, וְשָׁמָּה לֹא יָשׁוּב--כִּי אִם-הִרְוָה אֶת-הָאָרֶץ,
וְהוֹלִידָהּ וְהִצְמִיחָהּ; וְנָתַן זֶרַע לַזֵּרַע, וְלֶחֶם לְאֹכֵל. כִּן יִהְיֶה דְבַר יְהוָה אֲשֶׁר יֵצֵא מִפִּי, לֹא-יָשׁוּב אֵלַי
רִיקָם: כִּי אִם-עָשָׂה אֶת-אֲשֶׁר חָפְצָתִי, וְהִצְלִיחַ אֲשֶׁר שָׁלַחְתִּיו.

“Pois, assim como descem a chuva e a neve dos céus, e para lá não retornam se não propinam a terra e a fazem produzir e brotar, dando semente ao semeador e pão ao comedor – assim será a minha palavra que sair da minha boca; não retornará a mim vazia; senão que fará o que eu desejar, e prosperará naquilo para que a enviei.”

Não por acaso, a revelação divina dar-se-á pelo דְבַר, cuja concretude fica visível em diversas passagens do Velho Testamento, como *Isaías 9,8*:

דְבַר שָׁלַח אֲדֹנָי בְּיַעֲקֹב; וְנָפַל בְּיִשְׂרָאֵל.

“Enviou o Senhor uma palavra sobre Jacó, e ela caiu sobre Israel.”

E *Jeremias 2,31*, em que o profeta ordena ao povo:

רְאוּ דְבַר-יְהוָה.

“Vede a palavra do Senhor”

Considerando que a palavra é o meio da revelação, não é de surpreender que os escritos de alguns dos profetas comecem com a expressão דְבַר-יְהוָה אֲשֶׁר הָיָה אֵלַי, Λόγος Κυρίου, ὃς ἐγενήθη πρὸς... Em *Malaquias*, temos uma abertura ainda mais interessante:

מִשָּׂא דְבַר-יְהוָה אֵל-יִשְׂרָאֵל בְּיַד מְלֹאכֵי.

“Peso da palavra do Senhor a Israel, pela mão de Malaquias.”

Como os profetas são os mensageiros do Verbo de Deus, a vinda do próprio Verbo em carne, em cumprimento das profecias do Velho Testamento, seria então o

auge de uma tradição que perdurou ao longo dos séculos; através dos profetas, Deus comunicou Sua palavra a Seu povo; agora a própria Palavra se manifesta em pessoa. Que Cristo era a consumação do profetismo, pode-se perceber, por exemplo, na parábola do vinhateiro, em *S. Mateus* 21, 33-39:

ἄνθρωπός τις ἦν οἰκοδεσπότης, ὅστις ἐφύτευσεν ἀμπελῶνα καὶ φραγμὸν αὐτῷ περιέθηκε καὶ ὄρυξεν ἐν αὐτῷ ληνὸν καὶ ὠκοδόμησε πύργον, καὶ ἐξέδοτο αὐτὸν γεωργοῖς καὶ ἀπεδήμησεν. ὅτε δὲ ἤγγισεν ὁ καιρὸς τῶν καρπῶν, ἀπέστειλε τοὺς δούλους αὐτοῦ πρὸς τοὺς γεωργοὺς λαβεῖν τοὺς καρποὺς αὐτοῦ. καὶ λαβόντες οἱ γεωργοὶ τοὺς δούλους αὐτοῦ ὃν μὲν ἔδειραν, ὃν δὲ ἀπέκτειναν, ὃν δὲ ἐλιθοβόλησαν. πάλιν ἀπέστειλεν ἄλλους δούλους πλείονας τῶν πρώτων, καὶ ἐποίησαν αὐτοῖς ὡσαύτως. ὕστερον δὲ ἀπέστειλε πρὸς αὐτοὺς τὸν υἱὸν αὐτοῦ λέγων· ἐντραπήσονταί τὸν υἱόν μου. οἱ δὲ γεωργοὶ ἰδόντες τὸν υἱὸν εἶπον ἐν ἑαυτοῖς· οὗτός ἐστιν ὁ κληρονόμος· δεῦτε ἀποκτείνωμεν αὐτὸν καὶ κατάσχωμεν τὴν κληρονομίαν αὐτοῦ. καὶ λαβόντες αὐτὸν ἐξέβαλον ἔξω τοῦ ἀμπελῶνος, καὶ ἀπέκτειναν.¹⁵¹

A imagem é clara: primeiro o senhor da vinha envia a ela seus servos – que representam os profetas; *por último* - ὕστερον –, envia seu próprio filho. Assim também na abertura da *Epístola aos Hebreus*:

Πολυμερῶς καὶ πολυτρόπως πάλαι ὁ Θεὸς λαλήσας τοῖς πατράσιν ἐν τοῖς προφήταις, ἐπ’ ἐσχάτου τῶν ἡμερῶν τούτων ἐλάλησεν ἡμῖν ἐν υἱῷ, ὃν ἔθηκε κληρονόμον πάντων, δι’ οὗ καὶ τοὺς αἰῶνας ἐποίησεν· ὃς ὢν ἀπαύγασμα τῆς δόξης καὶ χαρακτήρ τῆς ὑποστάσεως αὐτοῦ, φέρων τε τὰ πάντα τῷ ῥήματι τῆς δυνάμεως αὐτοῦ, δι’ ἑαυτοῦ καθαρισμόν ποιησάμενος τῶν ἁμαρτιῶν ἡμῶν ἐκάθισεν ἐν δεξιᾷ τῆς μεγαλωσύνης ἐν ὑψηλοῖς.¹⁵²

¹⁵¹ “Era um homem pai de família, que plantou uma vinha, e a cercou com uma sebe, e, cavando, fez nela um lagar, e edificou uma torre, e depois a arrendou a uns lavradores, e ausentou-se para longe. E estando próximo o tempo dos frutos, enviou os seus servos aos lavradores para receberem os seus frutos. Mas os lavradores, lançando a mão aos servos dele, feriram um, mataram outro, e a outros apedrejaram. Enviou ainda outros servos em maior número do que os primeiros, e fizeram-lhes o mesmo. E por último enviou-lhes o filho, dizendo: Não-de ter respeito a meu filho. Porém os lavradores, vendo o filho, disseram entre si: Este é o herdeiro; vinde, matemo-lo, e ficaremos senhores da sua herança. E lançando-lhe as mãos, puseram-no fora da vinha e mataram-no.”

¹⁵² Hebreus 1,1-3: “Deus, tendo falado muitas vezes e de muitos modos noutra tempo, a nós pais pelos profetas, ultimamente, nestes dias, nos falou pelo Filho, ao qual constituiu herdeiro de tudo, por quem fez também os séculos; o qual, sendo o resplendor da glória, e a figura da sua substância, e sustentando tudo

A abertura de *Hebreus*, além de por em relação o Verbo divino e os profetas, também chama a atenção a outra instância em que o poder do **דבר** se manifesta – a Criação. No relato do primeiro capítulo da *Gênesis*, vê-se que céus e terra são trazidos à existência e ordem pela palavra do Criador, introduzida sempre pelo escritor sagrado com **וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים** (vayyo'mer 'elohim, “E disse Deus”). Mas a relação entre palavra e Criação é expressa de forma explícita no Salmo 33 (32, LXX). Nos versículos 6 e 9, o salmista diz:

בְּדָבָר יְהוָה שָׁמַיִם נִעֲשׂוּ וּבְרוּחַ יְהוָה פִּיּוּ כָל-צָבָאָם.
כִּי הוּא אָמַר וַיְהִי הוּא-צְנֹה וַיַּעֲמֵד.

“Pela palavra do Senhor (τῷ λόγῳ τοῦ Κυρίου), os céus foram feitos. E pelo sopro [espírito] de Sua boca, todo o seu exército. [...] Pois Ele falou, e veio a ser; Ele ordenou, e permaneceu.”

A relação do λόγος τοῦ Κυρίου ou **דָּבָר יְהוָה** do Salmo com o λόγος θεὸς do prólogo de *S. João* aqui é evidente: πάντα δι’ αὐτοῦ ἐγένετο, καὶ χωρὶς αὐτοῦ ἐγένετο οὐδὲ ἓν ὃ γέγονεν. Assim também na *Epístola aos Colossenses* 1,16-17, referindo-se a Cristo: ὅτι ἐν αὐτῷ ἐκτίσθη τὰ πάντα, τὰ ἐν τοῖς οὐρανοῖς καὶ τὰ ἐπὶ τῆς γῆς, τὰ ὄρατὰ καὶ τὰ ἀόρατα, εἴτε θρόνοι εἴτε κυριότητες εἴτε ἀρχαὶ εἴτε ἐξουσίαι· τὰ πάντα δι’ αὐτοῦ καὶ εἰς αὐτὸν ἔκτισται· καὶ αὐτός ἐστι πρὸ πάντων, καὶ τὰ πάντα ἐν αὐτῷ συνέστηκε.¹⁵³

É aqui que o Verbo divino se encontra com a Sabedoria, estando também ela em estreita relação com a Criação. No que concerne a σοφία, outrossim, a visão cristã é novamente tributária das tradições helênica e judaica.

O substantivo σοφία é derivado do adjetivo σοφός, e contrasta com outros substantivos como γνώμη, γνῶσις, σύνεσις, μάθημα e ἐπιστήμη, todos deverbais; assim, σοφία denota, a princípio, sempre uma qualidade, e nunca uma atividade.¹⁵⁴ Como no

com a palavra da sua virtude, havendo feito a purificação dos pecados, está ssentado à direita da majestade das alturas”.

¹⁵³ “Porque por ele foram criadas todas as cousas nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, quer sejam os tronos, quer sejam as dominações, quer sejam os principados, quer sejam as potestades; tudo foi criado por ele, e para ele; e ele é antes de todos, e todas as cousas subsistem por ele.”

¹⁵⁴ Kittel, vol. 7, p. 467.

caso de λόγος, os sentidos de σοφία se transformarão no decorrer do tempo num processo de abstração. Portanto, na primeira atestação do vocábulo, na *Iliada* 15,411, vemos um τέκτων que faz o seu ofício seguindo as direções de Atena.

ἀλλ' ὥς τε στάθμη δόρυ νήϊον ἐξιθύνει
τέκτονος ἐν παλάμησι δαήμονος, ὅς ῥά τε πάσης
εὖ εἰδῆ σοφίης ὑποθημοσύνησιν Ἀθήνης,
ὦς μὲν τῶν ἐπὶ ἴσα μάχη τέτατο πτόλεμός τε.¹⁵⁵

No decorrer da história literária, veremos sempre σοφία associada ao conhecimento prático, como a do construtor, médico, ourives, general e estadista, associada a palavras como τέχνη, ἐπιστήμη e ἔργον, e é frequentemente relacionada a deuses como Atena, Hefesto e Apolo, que com ela cumulam os homens, assim como também as Musas, que com ela galardoam os poetas. Por isso, Píndaro pode-se dizer um σοφὸς ποιητής, hábil na composição de versos e melodias.¹⁵⁶

Uma das tradições mais célebres do mundo grego é a dos chamados “sete sábios”, sete homens conhecidos não apenas por seu conhecimento prático, mas também por sua conduta; dessa forma, σοφία se torna irmã de ἀρετή, e o homem sábio passa a ser sinônimo de ἀγαθός. Várias lendas foram elaboradas em torno dos sete, como a da trípode vinda do mar com a inscrição ΤΩΙ ΣΟΦΟΤΑΤΩΙ, passando de um sábio a outro, até que o último a dedica a Apolo e a leva a Delfos.¹⁵⁷

A partir de Sócrates, o conceito de sabedoria ganha ares mais elevados. Sócrates foi chamado sábio por Apolo, por saber que não sabia nada. Mas esse saber de cuja ausência Sócrates está ciente não é uma τέχνη.¹⁵⁸ Platão desenvolve essa ideia; σοφία é, para ele, “a knowing acceptance of true being”;¹⁵⁹ aquele que reconhece sua ignorância é dominado por ἔρωσ e impelido a buscar σοφία, como diz no *Banquete* 204d: ὥστε ἀναγκαῖον Ἔρωτα φιλόσοφον εἶναι, φιλόσοφον δὲ ὄντα μεταξὺ εἶναι σοφοῦ καὶ

¹⁵⁵ Nunes, *Iliada* 15,410-413:

Tal como fica bem teso o cordel pela mão aplicado de carpinteiro **sagaz** que conhece os preceitos de Atena quando nivela uma prancha para uso de negro navio: tensa desta arte se achava a batalha entre Dánaos e Teucros.

¹⁵⁶ *Ibidem*, p. 468.

¹⁵⁷ Kittel, vol. 7, p. 468.

¹⁵⁸ *Ibidem*, p. 470.

¹⁵⁹ *Ibidem*, p. 471.

ἀμαθοῦς. Uma vez que o conteúdo da sabedoria é o ser, σοφία é um atributo dos deuses (204a): θεῶν οὐδεὶς φιλοσοφεῖ οὐδ' ἐπιθυμεῖ σοφὸς γενέσθαι· ἔστι γάρ.¹⁶⁰

Para Aristóteles, por outro lado, σοφία e φιλοσοφία são sinônimos. Para o estagirita, σοφία é um conhecimento específico e alcançável; toda τέχνη, diferentemente da simples ἐμπειρία, tem algo a ver com σοφία, uma vez que o τεχνίτης conhece a αἰτία de sua arte; a sabedoria, por outro lado, em sentido mais restrito, conhece as πρώται αἰτίαι καὶ ἀρχαί, possibilitando o conhecimento de todas as coisas.¹⁶¹ Para os estoicos, σοφία é a ἐπιστήμη θείων τε καὶ ἀνθρωπείων πραγμάτων; é a διάθεσις, ou propensão do espírito, que corresponde ao λόγος que constitui a unidade do universo. Combina, portanto, em si tanto a teoria como a prática: σοφία seria o conhecimento, a φιλοσοφία sua execução; o σοφὸς seria assim o verdadeiro objeto da filosofia estoica.¹⁶²

A tradição sapiencial hebraica percorreu um caminho diferente, embora com princípios semelhantes. Participe de uma tradição comum aos povos semíticos – egípcios e médio-orientais –, os hebreus desenvolveram uma rica literatura sapiencial, parte da qual conservada no Velho Testamento. O equivalente de σοφία em hebraico é expresso pela raiz חכּה (hkm), donde o adjetivo חכם (hakam), sábio, e o substantivo חכמה (hokmah), sabedoria. Assim como a σοφία grega, חכמה também tem uma conotação prática, e é aplicada em diversos contextos.

Vista como atributo humano, חכמה pode representar a sagacidade ou conhecimento. Um homem sábio é um homem que domina alguma técnica ou prática: são, assim, sábios os mágicos por dominarem suas fórmulas, sábias as mulheres por dominarem a dissimulação, e sábios os sacerdotes por serem peritos na Lei, que inclusive podem falsificar segundo sua vontade. Também os artífices podem ser sábios, bem como as fiandeiras, os mercadores e navegantes.¹⁶³ Outro campo em que a sabedoria se manifesta é no conhecimento sobre o mundo, como os fatos da natureza.¹⁶⁴

חכמה é também é qualidade desejável em um Rei; não sem razão Salomão será lembrado na literatura como quem excedeu em sabedoria. A necessidade de חכמה é explicada na própria oração em que Salomão pede-a a Deus, no *Segundo Livro das Crônicas* 1,10:

¹⁶⁰ *Ibidem.*

¹⁶¹ *Ibidem*, pp. 471-2.

¹⁶² *Ibidem*, pp. 473.

¹⁶³ *Ibidem*, pp. 483-4.

¹⁶⁴ *Ibidem*, pp. 488.

עַתָּה חִכְמָה וּמִדָּע תֵּן-לִי וְאַצְאָה לְפָנַי הַעֵם-הַזֶּה וְאַבֹּאֶה: כִּי-מִי יִשְׁפֹּט אֶת-עַמְּךָ הַזֶּה הַגָּדוֹל.

“Tu dá-me sabedoria e ciência, e sairei diante deste povo e voltarei; pois, quem julgará este teu grande povo?”

A sabedoria está também intimamente ligada, em alguns passos do Velho Testamento, à conduta ética e à piedade. Isso é dito expressamente em *Jó* 28,28:

הֵן יִרְאֵת אֲדֹנָי הִיא חִכְמָה

“Eis que o temor do Senhor é a sabedoria.”

Mas mais importante para a nossa investigação é a sabedoria como atributo de Deus; encarando-a pelo seu lado prático, Deus é visto como sábio ao dispor as coisas na Criação de forma hábil, como no Salmo 104 (103, LXX), 24:

מֵה-רַבּוֹ מַעֲשֵׂיךָ יְהוָה כָּל־עַם בְּחִכְמָה עָשִׂיתָ

מִלְאָה אֶרֶץ קִנְיָנֶךָ

“Como se multiplicam os teus feitos, Senhor! Todas elas fizeste com sabedoria; enche-se a terra das tuas riquezas.”

Em *Jeremias* 10,12:

עָשָׂה אֶרֶץ בְּכֹחוֹ מִכִּין תַּבִּיל בְּחִכְמָתוֹ וּבַתְּבוּנָתוֹ נָטָה שָׁמַיִם.

“Fazendo a terra com seu poder, estabelecendo o mundo com sua sabedoria, e com sua destreza estendendo os céus.”

E nesse ponto, como já acenamos, é que *חכמה* se aproxima de *דבר*. Assim como o Criador é retratado como trazendo as coisas à existência com o poder de Seu Verbo, aqui o vemos ordenar as criaturas com a Sua Sabedoria. Assim, a Sabedoria divina seria preexistente à Criação, e é isso mesmo que diz no oitavo capítulo do *Livro dos Provérbios* a Sabedoria personificada (22-31):

יְהוָה קָנְנִי רֵאשִׁית דְּרַכּוֹ: קָדָם מִפְּעֻלְיוֹ מֵאָז.
 מֵעוֹלָם נִסְכַּתִּי מֵרֵאשִׁי מִקְדָּמִי-אֶרֶץ.
 בְּאֵין-תְּהַמּוֹת חוֹלְלֵתִי בְּאֵין מַעֲיֵנוֹת נִכְבְּדֵי-מַיִם.
 בְּטָרֶם הָרִים הִטְבַּעוּ לִפְנֵי גְבְעוֹת חוֹלְלֵתִי.
 עַד-לֹא עָשָׂה אֶרֶץ וְחוּצוֹת וְרֵאשִׁי עִפְרוֹת תִּבְלִל.
 בְּהִכִּינוּ שָׁמַיִם שָׁם אָנִי בְּחִקּוֹ חוּג עַל-פְּנֵי תְהוֹם.
 בְּאִמְצוֹ שְׁחָקִים מִמַּעַל בְּעִזּוֹ, עֵינּוֹת תְהוֹם.
 בְּשׁוּמוֹ לַיָּם חִקּוֹ וּמַיִם לֹא יַעֲבְרוּ-פִּי בְּחִקּוֹ מוֹסְדֵי אֶרֶץ.
 וְאֶהְיֶה אֶצְלוֹ אִמּוֹן: וְאֶהְיֶה שְׁעֵשׂוּעִים יוֹם יוֹם מִשְׁחָקָת לִפְנֵי בְּכָל-עֵת.
 מִשְׁחָקָת בְּתִבְלִ אֶרְצוֹ וְשְׁעֵשׂוּעֵי אֶת-בְּנֵי אָדָם.

“O Senhor me possuiu, princípio do seu caminho, antes de suas mais antigas obras. Desde a eternidade fui tramada, desde o início, desde o começo da terra. Quando não havia abismos fui gerada, antes de haver fontes carregadas d’água. Antes de os montes serem estabelecidos, antes dos outeiros, fui gerada. Ainda não fizera a terra e os ermos, nem o início do pó do mundo. Quando preparava o céus, ali estava eu, quando limitava o horizonte diante do abismo, quando firmava as nuvens do alto, quando fortificava as fontes do abismo, quando punha para o mar um limite, e as águas não ultrapassavam a sua borda, quando prescrevia o fundamento da terra. E eu estava ao seu lado como aluna, suas delícias diariamente, folgando perante ele todo o tempo, folgando no mundo de sua terra, e minhas delícias eram com os filhos do homem.”

É importante notar que a Sabedoria não é *criada*, senão *adquirida* por Deus. Ela é *gerada* antes das criaturas. O cristianismo desenvolverá essa ideia e aplicá-la-á a Cristo, como se observa na expressão do Credo Niceno-Constantinopolitano: γεννηθέντα οὐ ποιηθέντα. No início de sua fala, a Sabedoria diz que foi possuída como *princípio* do caminho de Deus, רֵאשִׁית דְּרַכּוֹ, ἀρχὴν ὁδῶν αὐτοῦ. Ora, a palavra רֵאשִׁית, *princípio*, é a mesma do início da *Gênesis*: בְּרֵאשִׁית בָּרָא אֱלֹהִים אֶת הַשָּׁמַיִם וְאֶת הָאָרֶץ, ἐν ἀρχῇ ἐποίησεν ὁ Θεὸς τὸν οὐρανὸν καὶ τὴν γῆν, que também nos remete ao prólogo de *S. João*: ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ λόγος. Quanto à sua preexistência, há vários passos no Novo Testamento em que a preexistência de Cristo é posta em evidência; como em *S. João* 8,58: εἶπεν αὐτοῖς ὁ Ἰησοῦς· ἀμὴν ἀμὴν λέγω ὑμῖν, πρὶν Ἀβραάμ γενέσθαι ἐγὼ εἰμι; ou

em *Colossenses* 1,15-16: ὅς ἐστιν εἰκὼν τοῦ Θεοῦ τοῦ ἀοράτου, πρωτότοκος πάσης κτίσεως, ὅτι ἐν αὐτῷ ἐκτίσθη τὰ πάντα, τὰ ἐν τοῖς οὐρανοῖς καὶ τὰ ἐπὶ τῆς γῆς.

A Sabedoria também expressa a sua alegria de estar entre os homens. Por isso ela *constrói para si uma casa*, e conclama a humanidade a vir a si (*Provérbios* 9,1-3.5):

חַכְמָה בְּנְתָהּ בַּיְתָהּ

אֶעֱרָכָה וְשָׂלַחְנָהּ.

תִּקְרָא עַל-גַּיְ מַרְמֵי קִרְתָּ.

לְכוּ לֶחֱמוּ בְּלֶחֱמֵי וַיְשִׁיתוּ בֵּינֵינוּ מִסְכָּתַי.

“A sabedoria construiu a sua casa [...], também preparou a sua mesa. [...] clama desde o alto da cidade [...]: Vinde, comi do meu pão, e bebei do meu vinho.”

Os LXX vertem o início por ἡ σοφία ὠκοδόμησεν ἑαυτῆι οἶκον, expressão que será retomada pelo mélo, no sexto verso da primeira casa, e completada por ele: ἡ Σοφία γὰρ ἀληθῶς τοῦ Πατρὸς ἀνωκοδόμησεν ἑαυτῆι σαρκώσεως οἶκον καὶ ἐσκήνωσεν ἐν ἡμῖν ὑπὲρ νοῦν: *casa de encarnação* – καὶ ὁ λόγος σὰρξ ἐγένετο καὶ ἐσκήνωσεν ἐν ἡμῖν.

Assim como há uma relação estreita entre o בְּרַב-יְהוָה dos profetas e a vinda ao mundo do próprio Verbo, também existe uma correlação entre a Sabedoria revelada a Israel e a vinda da própria Sabedoria ao mundo. No *Eclesiástico*, também é a Sabedoria personificada quem fala (24,8-12):

τότε ἐνετείλατό μοι ὁ κτίστης ἀπάντων, καὶ ὁ κτίσας με κατέπαυσε τὴν σκηνὴν μου καὶ εἶπεν· ἐν Ἰακώβ κατασκήνωσον καὶ ἐν Ἰσραὴλ κατακληρονομήθητι. πρὸ τοῦ αἰῶνος ἀπ’ ἀρχῆς ἔκτισέ με, καὶ ἕως αἰῶνος οὐ μὴ ἐκλίπω. ἐν σκηנῆι ἁγία ἐνώπιον αὐτοῦ ἐλειτούργησα καὶ οὕτως ἐν Σιών ἐστηρίχθην· ἐν πόλει ἠγαπημένη ὁμοίως με κατέπαυσε, καὶ ἐν Ἱερουσαλήμ ἡ ἐξουσία μου· καὶ ἐρρίζωσα ἐν λαῷ δεδοξαμένῳ, ἐν μερίδι Κυρίου κληρονομίας αὐτοῦ.¹⁶⁵

¹⁶⁵ “Então o Criador do universo me deu os seus preceitos e me falou, e aquele que me criou descansou no meu tabernáculo, e me disse: Habita em Jacob, e possui a tua herança em Israel, e lança raízes nos meus escolhidos. Eu fui criada desde o princípio e antes dos séculos, e não deixarei de ser em toda a sucessão das idades, e exercitei diante dele o meu ministério na morada santa. E fui assim firmada em Sião, e repousei igualmente na cidade santificada, e em Jerusalém está o meu poder. E me vim a arraigar

Há aqui uma clara referência ao *Tabernáculo* e ao *Templo* de Jerusalém. Foi ali que a Sabedoria fora estabelecida e onde prestava serviço a Deus. E a sua presença ali se dava de forma nada aleatória; como a Sabedoria conclui, no versículo 23:

ταῦτα πάντα βίβλος διαθήκης Θεοῦ Ὑψίστου, νόμον ὃν ἐνετείλατο ἡμῖν
Μωυσῆς κληρονομίαν συναγωγᾶς Ἰακώβ. ¹⁶⁶

A Sabedoria morava no Templo como expressão da *Lei*. Ora, a vinda da própria Sabedoria em sua casa de encarnação, festejada no Natal, tendo consumado a pregação dos profetas – poderia causar algum impacto no tocante à Lei? Adiante, o poeta falará explicitamente do tema, ao tratar do Tabernáculo e do Templo.

A Luz

Ainda na primeira casa, o poeta menciona, de passagem, outro atributo de Cristo – a luz:

πυκασμῶ ἀρετῶν λαμπρυνθῶμεν ἀξίως τῆς χάριτος
καὶ Θεοῦ ἄξιον ἀναδειχθῶμεν
φωτισμῶ γνώσεως οἰκητήριον

Nessa casa, no entanto, o poeta relembra a luz como uma qualidade a ser demonstrada pelos homens, não só pelos subjuntivos na primeira pessoa do plural, mas também pela referência à *Segunda Epístola de S. Paulo aos Coríntios* (4,6): ὅτι ὁ Θεὸς ὁ εἰπὼν ἐκ σκοτῶν φῶς λάμπει, ὃς ἐν ταῖς καρδίαις ἡμῶν πρὸς **ΦΩΤΙΣΜὸν τῆς γνώσεως** τῆς δόξης τοῦ Θεοῦ ἐν προσώπῳ Ἰησοῦ Χριστοῦ. ¹⁶⁷

Nas casas seguintes, o poeta desenvolverá a ideia da vinda de Cristo ao novo templo, *santuário da Sabedoria como palácio manifestamente divino, para divulgação e culto do Mistério pelo qual salvou o mundo Cristo* (casa 2). O Mistério pelo qual

num povo honrado, e nesta porção do meu Deus que é a sua herança, e na plenitude dos santos, onde acha a minha assistência.”

¹⁶⁶ “Tudo isto é o livro do testamento do Altíssimo, a lei que Moisés nos ordenou como herança para a casa de Jacob.”

¹⁶⁷ “Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, ele mesmo resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Jesus Cristo.”

Jesus salvou o mundo é o seu Sacrifício, sua morte, e é exatamente esse sacrifício que é divulgado e celebrado na Divina Liturgia, como ordenou Cristo no Evangelho: τοῦτο ποιεῖτε εἰς τὴν ἐμὴν ἀνάμνησιν.¹⁶⁸

A partir daí, nosso poeta contrasta a vinda do Verbo em carne com a Sua vinda ao novo templo através dos santos Mistérios: lembra da pergunta de Salomão, em sua oração na inauguração do Templo de Jerusalém, ‘*Acaso Deus habitará entre os homens?*’, [...] *chamando, por enigma, de habitação local a Encarnação de Deus e esboçando em tipos o porvir (casa 3).*¹⁶⁹ Após a sua habitação na carne, Ἐν σαρκὶ ἐνοικήσας ὁ Λόγος, (casa 4), conclui o poeta, *Este consente em residir em templos feitos por mãos, pela operação do Espírito, com ritos místicos confirmando sua presença; e pela Graça convive com os mortais Aquele que é por todos incontível e inaproximável.* O mélo, nesses versos, evoca deliberadamente as palavras de S. Paulo, em *Atos 17,24*, que nega que possa Deus residir em templos feitos por mãos: ὁ Θεὸς ὁ ποιήσας τὸν κόσμον καὶ πάντα τὰ ἐν αὐτῷ, οὐτος οὐρανοῦ καὶ γῆς Κύριος ὑπάρχων οὐκ ἐν χειροποιήτοις ναοῖς κατοικεῖ.¹⁷⁰ O poeta está a explorar o paradoxo, ou, ainda, o mistério, principalmente ao dizer que o Inaproximável e Incontível convive com os mortais. Mas como isso é possível? Χάριτι, e, sensivelmente, μυστικαῖς τελεταῖς; dessa forma, a Sabedoria divina *se põe sob o mesmo teto dos na Terra*, e, como em *Provérbios 9*, em que a Sabedoria chama os homens a comer de seu pão e beber de seu vinho, *mostra-lhes que são partícipes da Sua mesa e os acolhe na celebração da Sua carne.*

O poeta conclui sua apresentação do Mistério ao falar da Luz. A Igreja, segundo ele, *não apresenta o brilho sensual da luz, mas porta o Sol da Verdade, que divinamente ilumina o Santuário [...] dia e noite (casa 5).* Como vimos no segundo capítulo deste trabalho, a luminosidade da Basílica da Santa Sabedoria era uma das suas qualidades mais marcantes. Como disse Procópio, a cúpula da basílica parecia flutuar sobre um círculo dourado de luz: δοκεῖ δὲ οὐκ ἐπὶ στερρᾶς τῆς οἰκοδομίας ἐστάναι, ἀλλὰ τῆ σφαίρα τῆ χρύσει ἀπὸ τοῦ οὐρανοῦ ἐξημμένη καλύπτειν τὸν χῶρον.¹⁷¹ Mas o poeta diz que não é essa luz material, sensual, que o templo encerra, mas a Luz

¹⁶⁸ S. Lucas 22,19.

¹⁶⁹ Sobre os *tipos* falaremos adiante.

¹⁷⁰ “Deus, que fez o mundo e tudo o que nele há, sendo ele o Senhor do céu e da terra, não habita em templos feitos pelos homens.”

¹⁷¹ Procópio, *De aedificiis*, I, 1,45-7. “A abóboda deste grandioso círculo, que se alça como uma esfera, torna-o particularmente belo; e parece, não se manter sobre os fundamentos da construção, mas cobrir o espaço suspensa na dourada esfera celeste.”

inextinguível de Cristo. O Verbo divino, segundo o prólogo joanino, era a Luz, ἐν αὐτῷ ζωὴ ἦν, καὶ ἡ ζωὴ ἦν τὸ φῶς τῶν ἀνθρώπων. καὶ τὸ φῶς ἐν τῇ σκοτίᾳ φαίνει, καὶ ἡ σκοτία αὐτὸ οὐ κατέλαβεν. O próprio Cristo di-lo de forma explícita no mesmo Evangelho (8,12): Πάλιν οὖν αὐτοῖς ὁ Ἰησοῦς ἐλάλησε λέγων· ἐγὼ εἰμι τὸ φῶς τοῦ κόσμου· ὁ ἀκολουθῶν ἐμοὶ οὐ μὴ περιπατήσῃ ἐν τῇ σκοτίᾳ, ἀλλ' ἔξει τὸ φῶς τῆς ζωῆς.¹⁷² O mélo do recorda, no fim da casa, que pela palavra de Deus a Luz veio a ser, assim como S. Paulo na passagem citada acima de *2 Coríntios*: ὁ Θεὸς ὁ εἰπὼν ἐκ σκότους φῶς λάμψει. A luz foi a primeira criatura de Deus, conforme o relato de *Gênesis* 1,1-5. E sua relação com Cristo também pode-se observar em Sua encarnação.

Voltando um pouco, na casa 3, o poeta fala de ἔμψυχον ἐκ παρθένου ναὸν, *templo vivo procedente da Virgem*, para referir-se ao corpo de Cristo. Também esse verso tem relações com o *Evangelho de S. João*, capítulo 2, versículos 19-21: ἀπεκρίθη Ἰησοῦς καὶ εἶπεν αὐτοῖς· λύσατε τὸν ναὸν τοῦτον, καὶ ἐν τρισὶν ἡμέραις ἐγερῶ αὐτόν. εἶπον οὖν οἱ Ἰουδαῖοι· τεσσαράκοντα καὶ ἕξ ἔτεσιν ὠκοδομήθη ὁ ναὸς οὗτος, καὶ σὺ ἐν τρισὶν ἡμέραις ἐγερεῖς αὐτόν; ἐκεῖνος δὲ ἔλεγε περὶ τοῦ ναοῦ τοῦ σώματος αὐτοῦ.¹⁷³ O corpo de Cristo é um templo porque em sua humanidade reside a Divindade.¹⁷⁴ Isso é feito explícito pelos evangelistas na narrativa da Transfiguração, como em *S. Mateus* 17,1-3:

παραλαμβάνει ὁ Ἰησοῦς τὸν Πέτρον καὶ Ἰάκωβον καὶ Ἰωάννην τὸν ἀδελφὸν αὐτοῦ καὶ ἀναφέρει αὐτοὺς εἰς ὄρος ὑψηλὸν κατ' ἰδίαν· καὶ μετεμορφώθη ἔμπροσθεν αὐτῶν, καὶ ἔλαμψε τὸ πρόσωπον αὐτοῦ ὡς ὁ ἥλιος, τὰ δὲ ἱμάτια αὐτοῦ ἐγένετο λευκὰ ὡς τὸ φῶς. καὶ ἰδοὺ ὤφθησαν αὐτοῖς Μωσῆς καὶ Ἡλίας μετ' αὐτοῦ συλλαλοῦντες.¹⁷⁵

¹⁷² “E outra vez lhes falou Jesus, dizendo: Eu sou a luz do mundo; o que me segue não anda em trevas, mas terá o lume da vida.”

¹⁷³ “Respondeu-lhes Jesus, e disse: Desfazei este templo, e eu o levantarei em três dias. Replicaram logo os judeus: Em se edificar este templo gastaram-se quarenta e seis anos, e tu hás-de levantá-lo em três dias? Mas ele falava do templo do seu corpo.”

¹⁷⁴ Da mesma forma o corpo dos cristãos, que, longe de serem uma prisão da alma, também são tidos como templos. Como diz. S. Paulo em *1 Coríntios* 3,16-17: Οὐκ οἴδατε ὅτι ναὸς Θεοῦ ἐστε καὶ τὸ Πνεῦμα τοῦ Θεοῦ οἰκεῖ ἐν ὑμῖν; εἴ τις τὸν ναὸν τοῦ Θεοῦ φθειρεῖ, φθερεῖ τοῦτον ὁ Θεός· ὁ γὰρ ναὸς τοῦ Θεοῦ ἅγιός ἐστιν, οἳτινές ἐστε ὑμεῖς. (“Não sabeis vós que sois templo de Deus, e que o Espírito de Deus mora em vós? Se alguém pois violar o templo de Deus, Deus o destruirá. Porque o templo de Deus, que sois vós, santo é.”)

¹⁷⁵ “Toma Jesus consigo a Pedro, a Tiago, e a João seu irmão, e os leva à parte, a um alto monte, e transfigurou-se diante deles. E o seu rosto ficou refulgente com o sol, e as suas vestiduras se fizeram brancas como a neve. E eis que lhes apareceram Moisés e Elias falando com ele.”

A face de Jesus brilha como o Sol, e a seu lado encontram-se Moisés e Elias, representando a Lei e os Profetas; Cristo, o Verbo divino, como vimos, é a consumação do profetismo; e, como Sabedoria, revelada a Israel pela Lei, Cristo é o seu cumprimento, estabelecendo o novo regime da Graça, como veremos mais adiante.

A Basílica da Santa Sabedoria – um céu na terra

Ao tratar dos santos Mistérios celebrados na basílica, o poeta reintroduz, na casa 5, outro tema já anunciado no próêmio: a relação entre o alto dos céus e o baixo da terra. Uma vez que o próprio Verbo divino vem aos homens em carne na Divina Liturgia, a basílica torna-se por isso οὐρανός τις ἐπίγειος – um céu terrestre (v.5). Por isso, na sexta casa, o poeta pode dizer, como acima referimos, que a basílica *porta o Sol da verdade* – τὸν ἥλιον τῆς ἀληθείας θεϊκῶς λάμποντα φέρει. Mas o texto deixa bem claro que não é apenas isso que se quer dizer ao chamar a Basílica da Santa Sabedoria de céu terrestre. A expressão οὐρανός τις ἐπίγειος aparece logo após o mélo do dizer que a fábrica daquele templo superara *todo artístico conhecimento humano em edificações*; por isso, um céu na terra *é visto*: οὐρανός τις ἐπίγειος [...] **ὄρᾶται**. Isto é, o céu terrestre é algo material, que se pode ver. Mas ver como? O mélo explica: μορφώματι, *no formato*, uma clara referência à célebre cúpula da basílica. Ora, o formato da cúpula por si só lembraria o firmamento; mas um detalhe não menos relevante é que os mosaicos que a decoravam também retratavam estrelas.

Paulo Silenciário, que também nos deixou uma bela descrição da luminosidade do interior do templo, refere-se a essas estrelas:

Μυρία δ' αἰολόμορφον ἀνάκτορον ἐντὸς ἐέργει
ἄλλα πολυγνάμπτοισι μετάρσια φάεα σειραῖς
καὶ τὰ μὲν αἰθούσησιν ἀναίθεται, ἄλλα δὲ μέσσω,
ἄλλα δὲ πρὸς φαέθοντα καὶ ἔσπερον, ἄλλα καρήνοις,
ἔκχυτον ἀστράπτοντα πυρὸς φλόγα· νῦξ δὲ φαινή
ἡμάτιον γελώσα ῥοδόσφυρός ἐστι καὶ αὐτή.
[...]
ὡς δ' ὅταν ἀννεφέλοιο δι' ἠέρος ἄνδρες ὀδῖται
ἀστέρας ἄλλοθεν ἄλλον ἀναθρώσκοντας ἰδόντες
ὃς μὲν ἀποσκοπέει γλυκὺν Ἔσπερον, ὃς δ' ἐπὶ Ταύρω

θυμὸν ἀποπλάζει, γάνυται δὲ τις ἀμφὶ Βοώτην,
 ἄλλος ἐπ' Ὀρίωνα καὶ ἄβροχον ὄλκον Ἀμάξης
 ὄμμα φέρει· πολλοῖς δὲ πεπασμένος ἀστράσιν αἰθῆρ
 ἀτραπιτοῦς ὤϊξεν, ἔπεισε δὲ νύκτα γελάσσαι·
 οὔτω καλλιχόροιο κατ' ἔνδια θέλγεται οἴκου
 ἀγλαΐης ἀκτῖνι φεραυγέος ἄλλος ἐπ' ἄλλη.¹⁷⁶

O mélo do fala, portanto, de algo que a sua audiência poderia testificar com os próprios olhos. Mas a expressão material desse céu terrestre está intimamente ligada à realidade espiritual; por isso, esse céu é *visto e proclamado*, não apenas *no formato*, mas também *no culto a Deus*, no lugar que *Este escolheu para si mesmo como morada e que no Espírito estabeleceu*. A basílica é céu no formato, por sua cúpula recoberta de estrelas, mas é céu também no culto, porque assim o templo se torna morada de Deus. Dessa forma, essa abóbada celeste construída por mão de homem *supera claramente o próprio firmamento em glória* (casa 6, v.1), não meramente por sua beleza, que tremores de terra foram capazes de destruir, mas por portar o Sol da verdade, que brilha dia e noite. A basílica é, portanto, partícipe de duas realidades – uma humana, perecível, e outra divina, eterna, um verdadeiro encontro entre terra e céu em um só lugar, assim como o Verbo, ao encarnar-se, tornou-se um templo vivo; nos santos Mistérios, isso se dá porque a Divina Liturgia celebrada na terra é ela mesma partícipe da Liturgia Celeste, cuja imagem representa e torna presente no templo através de sinais sensíveis. Por isso, enquanto qualquer um que adentrasse a basílica poderia ver a representação material da abóbada celeste em sua cúpula e a representação de sua realidade na Liturgia, também seus olhos poderiam ver o Sol da verdade – um Sol que *alumia os olhos do entendimento* (διανοίας), correspondendo o inteligível àquilo que em nossa língua chamamos *espiritual*.

Vemos que o mélo do tem construído seu discurso com muita lógica: começa seu poema, no próêmio, por apontar a simetria entre o Céu e a Terra; nas primeiras casas,

¹⁷⁶ Silenciário, vv.884-89.895-903. “Miríades de outras luzes encerra o templo lèpidoforme, suspensas em complexas cadeias; algumas incendeiam nos pórticos, outras no meio, outras no oriente e no ocidente, outras nos vértices brilhando com derramada chama de fogo. E a brilhante noite, dia a dia sorridente, tem também ela róseos tornozelos; [...] Como quando viajantes, vendo piscar de uma parte a outra, pelo céu sem nuvens, os astros, um observa o suave Vésper, outro desvia o espírito a Touro, algum outro se alegra com Bootes, outro carrega a vista sobre Órion e o árido caminho de Ámaxa; e a muitos astros o éter abre caminho, e persuade a noite a sorrir – assim, nos recantos da pulcrícora casa, enfeitada com os raios de lucífero esplendor, um sobre outra.”

ênfatiza a disposição dos homens em relação ao Céu, e de que para receber Deus era necessário um lugar digno; por fim, Deus vem à Terra, primeiro como homem, ele mesmo um templo vivo, depois em templos feitos por mãos, através de *μυστικαῖς τελεταῖς* possibilitados pela Graça. Ao relacionar este último fato com o templo material, o poeta cria uma imagem engenhosa: primeiro, contrasta a cúpula da basílica com o firmamento, e expressa a participação que aquela tem com o céu inteligível; assim, imaginamos três abóbadas concêntricas, uma sob a outra: o céu-templo – o firmamento – o céu inteligível, em que o primeiro participa da natureza dos outros dois.

A seguir, nas casas 7 a 9, o poeta fala das excelências do céu inteligível, e de sua superioridade face ao firmamento – este deixa-se envolver em trevas e pelo elemento líquido; *mas aqui*, isto é, na basílica, *jazem coisas maiores proevidentemente sobreadmiráveis, pois no imutável beneplácito de Deus foi alicerçado o Templo da Sabedoria Divina, a qual veio verdadeiramente a ser o Cristo*. Vimos como Jesus é representado como o Sol da verdade, que brilha dia e noite; agora, o mélo do chama a atenção aos luzeiros menores que brilham nos céus: *as hostes espirituais*, que guardam, *em figura litúrgica, o Mistério da Nova Graça*, mistério intimamente ligado às *sacrossantas águas* com as quais *a todos purifica Cristo*. Esses *luzeiros espirituais* (casa 8, v.1) também podem ser vistos – *καθορῶμεν* – pois os mosaicos da Basílica da Santa Sabedoria eram repletos de suas figuras, assim como na cúpula estrelada estava representada a imagem do Luzeiro maior, o *παντοκράτωρ*. Estes santos, compostos de uma multidão de homens e mulheres, desde os antigos patriarcas, passando pelos profetas e apóstolos até chegar aos homens e mulheres pias da era cristã, são tão inumeráveis como as estrelas do céu; mas, diferentes destas, não conhecem *esmaecimento*, como o Sol da verdade, e *na noite da vida* guiam os cristãos perdidos *no mar do pecado* assim como as constelações guiavam os navegantes, assim como a estrela guiou os magos do Oriente ao Rei do universo.

Mas note-se que nunca o mélo do perde de vista a festa celebrada na Vigília; *o mar do pecado*, como ele relembra, foi *abolido na Encarnação por Cristo*, razão pela qual os homens e mulheres pecadores podem alcançar seu lugar entre a multidão dos santos. O poema nos está sempre a lembrar da vinda da Sabedoria divina ao mundo em carne, não só por causa da ocasião em que o contácio está sendo cantado, mas também porque esta é a razão de ser daquele e de qualquer outro templo dedicado aos Mistérios da Divina Liturgia.

O Tabernáculo e o Templo – tipos do porvir

Após discorrer sobre a presente situação sob o regime da Graça, que possibilita que a Sabedoria se faça presente em carne a cada celebração da Divina Liturgia, o mélo do recapitula os seus precursores sob o regime da Lei: o Tabernáculo e o Templo de Jerusalém. Na décima casa, o poeta começa lembrando o relato do *Livro Divino*, que registra que Moisés consagrou (ἐγκαινίσει) uma *tenda de testemunho* (σκηνήν μαρτυρίου) após ter visto *seu tipo misticamente no monte*. Esse relato encontra-se no livro do Êxodo.

No capítulo 19, o povo liderado por Moisés encontra-se ao pé do Sinai, onde Moisés tem recebido orientações e mandamentos diretamente de Deus. Em um dado momento, uma grande perturbação acontece (19,16-20):

ἐγένετο δὲ τῆς ἡμέρας τῆς τρίτης γενηθέντος πρὸς ὄρθρον καὶ ἐγίνοντο φωναὶ καὶ ἀστραπαὶ καὶ νεφέλη γνοφώδης ἐπ’ ὄρους Σινα, φωνὴ τῆς σάλπιγγος ἤχει μέγα· καὶ ἐπτοήθη πᾶς ὁ λαὸς ὁ ἐν τῇ παρεμβολῇ. καὶ ἐξήγαγεν Μωυσῆς τὸν λαὸν εἰς συνάντησιν τοῦ Θεοῦ ἐκ τῆς παρεμβολῆς, καὶ παρέστησαν ὑπὸ τὸ ὄρος. τὸ δὲ ὄρος τὸ Σινα ἐκαπνίζετο ὅλον διὰ τὸ καταβεβηκέναι ἐπ’ αὐτὸ τὸν Θεὸν ἐν πυρί, καὶ ἀνέβαινεν ὁ καπνὸς ὡς καπνὸς καμίνου, καὶ ἐξέστη πᾶς ὁ λαὸς σφόδρα. ἐγίνοντο δὲ αἱ φωναὶ τῆς σάλπιγγος προβαίνουσαι ἰσχυρότεραι σφόδρα· Μωυσῆς ἐλάλει, ὁ δὲ Θεὸς ἀπεκρίνατο αὐτῷ φωνῇ. κατέβη δὲ Κύριος ἐπὶ τὸ ὄρος τὸ Σινα ἐπὶ τὴν κορυφὴν τοῦ ὄρους· καὶ ἐκάλεσεν Κύριος Μωυσῆν ἐπὶ τὴν κορυφὴν τοῦ ὄρους, καὶ ἀνέβη Μωυσῆς.¹⁷⁷

Moisés cumpre a função de mediador entre Deus e o povo, só ele tem acesso à caligem onde se manifesta a presença divina, e só ele pode subir ao monte. Após receber orientações da parte de Deus, Este ordena a Moisés que desça novamente. Então a voz de Deus se faz ouvir do meio do fumo, e Ele dá a Israel os Dez Mandamentos (20,1-17). Após isso, há uma nova perturbação de raios e trovões, e o povo, temeroso,

¹⁷⁷ “Chegado que foi o dia terceiro, quando já era muito dia, eis que se começam a ouvir trovões, e a ver-se fuzilar o ar: uma nuvem mui espessa cobre o monte: soa a trombeta com grande estrondo: e o povo, que estava no campo, todo fica passado de medo. Então os fez Moisés abalar do campo para se irem encontrar com o Senhor, e eles ficaram ao sopé do monte. Todo o monte Sinai estava cheio de fumo: porque tinha descido o Senhor a ele no meio dos fogos; e daí se elevava o fumo ao alto, como de uma fornalha; e todo o monte metia terror. O som da trombeta também se ia aumentando pouco a pouco, e era já mais forte, e mais penetrante. Moisés falava a Deus, e Deus lhe respondia. E o Senhor, tendo descido do monte Sinai, sobre o mesmo cume do monte, chamou a Moisés ao mais alto dele, e Moisés subiu.”

pede a Moisés para que Deus não lhes fale diretamente de novo, mas que se comunique somente a ele (20,18-19). Após dizer algumas palavras de conforto, o povo ficou ao longe (20,21):

εἰστήκει δὲ ὁ λαὸς μακρόθεν, Μωυσῆς δὲ εἰσῆλθεν εἰς τὸν γνόφον, οὗ ἦν ὁ Θεός.¹⁷⁸

É por essa razão que o autor d'*O Hino das Encências* chama Moisés de τὸν **θεόπτην** Μωσέα τὸν πάλαι. Essa será a forma como Deus comunicará a Lei a Israel; assim quando chega a hora de dar-lhe a saber a necessidade da construção do Tabernáculo, e como fazê-lo, encontramos as mesmas manifestações (24,16-18):

καὶ κατέβη ἡ δόξα τοῦ Θεοῦ ἐπὶ τὸ ὄρος τὸ Σινα, καὶ ἐκάλυψεν αὐτὸ ἡ νεφέλη ἕξ ἡμέρας· καὶ ἐκάλεσεν Κύριος τὸν Μωυσῆν τῇ ἡμέρᾳ τῇ ἐβδόμῃ ἐκ μέσου τῆς νεφέλης. Τὸ δὲ εἶδος τῆς δόξης Κυρίου ὡσεὶ πῦρ φλέγον ἐπὶ τῆς κορυφῆς τοῦ ὄρους ἐναντίον τῶν υἱῶν Ἰσραηλ. Καὶ εἰσῆλθεν Μωυσῆς εἰς τὸ μέσον τῆς νεφέλης καὶ ἀνέβη εἰς τὸ ὄρος καὶ ἦν ἐκεῖ ἐν τῷ ὄρει τεσσαράκοντα ἡμέρας καὶ τεσσαράκοντα νύκτας.¹⁷⁹

A partir daí, começam as instruções acerca do Tabernáculo, que se estendem até ao fim do capítulo 31, quando Moisés desce do monte com as Tábuas da Lei.

Para a realização do projeto, Deus elege Bezalel, inspirado em *toda sorte de artes*, como é registrado em Êxodo 31,1-6:

Καὶ ἐλάλησε Κύριος πρὸς Μωυσῆν λέγων· ἰδοὺ ἀνακέκλημαι ἐξ ὀνόματος τὸν Βεσελεὴλ τὸν τοῦ Οὐρείου τὸν Ὠρ, ἐκ τῆς φυλῆς Ἰούδα, καὶ ἐνέπλησα αὐτὸν πνεῦμα θεῖον σοφίας καὶ συνέσεως καὶ ἐπιστήμης ἐν παντὶ ἔργῳ διανοεῖσθαι καὶ ἀρχιτεκτονῆσαι, ἐργάζεσθαι τὸ χρυσίον καὶ τὸ ἀργύριον καὶ τὸν χαλκὸν καὶ τὴν ὑάκινθον καὶ τὴν πορφύραν καὶ τὸ κόκκινον τὸ νηστὸν καὶ τὰ λιθουργικὰ καὶ εἰς τὰ ἔργα τὰ τεκτονικὰ τῶν ξύλων, ἐργάζεσθαι κατὰ πάντα τὰ ἔργα.¹⁸⁰

¹⁷⁸ “O povo pois ficou longe, e Moisés entrou na escuridade onde Deus estava.”

¹⁷⁹ “E a glória do Senhor descansou sobre o Sinai, e cobriu-o de uma nuvem seis dias: e ao sétimo dia chamou Deus a Moisés do meio desta escuridade. O que aparecia desta glória do Senhor era como um fogo ardente no mais alto do monte, que se deixava ver de todos os filhos de Israel. E Moisés, entrou no meio da nuvem, e subiu ao monte, e lá ficou quarenta dias e quarenta noites.”

¹⁸⁰ “E falou o Senhor a Moisés: ‘Eis que chamei pelo seu nome a Bezalel, filho de Uri, filho de Hur, da tribo de Judá. E o enchi do espírito de Deus, de sabedoria, de inteligência, e de ciência para toda a casta

Mas, na interpretação dos Padres, Moisés não recebeu simplesmente instruções de como construir o Tabernáculo, instruções que teria passado a Bezalel – mas sim viu o Tabernáculo na caligem. Assim explica S. Gregório de Nissa, em sua *Vida de Moisés*: o monte que Moisés sobe é o meio de ascender ao conhecimento de Deus, que se manifesta na escuridade pelo fato de o conhecimento da essência divina ser inacessível aos homens; assim Moisés vê que a Divindade transcende todo conhecimento e todo conceito humano.¹⁸¹ Na escuridão, ἐν τῇ ἀχειροποιήτῳ σκηνῇ γίνεται.¹⁸² Segundo o melodo d’*O Hino das Encênias*, Moisés vê τὸν δὲ τύπον αὐτῆς μυστικῶς ἐν τῷ ὄρει, e refere-se à sua realização concreta como τῶν ἀρρήτων τὸ εἰκόνισμα; e Bezalel, *herdeiro da Sabedoria de Deus, preparou, com toda sorte de artes, τὰ ἐν τύποις διαγραφέντα.*

Mas a que se refere a palavra τύπος? Vimo-la já na terceira casa, quando o poeta dizia, sobre Salomão, que este ἐν τύποις τὰ μέλλοντα ἐσκιογράφει διὰ πνεύματος. Esse é um termo que, longe de aleatório, tem grande significado na teologia cristã.

A palavra τύπος está relacionada com “impressão”, e pode referir-se tanto à coisa que faz a impressão, quanto à impressão deixada. Quanto ao primeiro, τύπος pode significar “molde”, “arquetipo”, “padrão”, “modelo”, “fôrma”; quanto ao segundo, pode ter os sentidos de “impressão (de selo)”, “réplica”, “modelo fabricado”, “figura feita em relevo” ou “figura esculpida”, “imagem”.¹⁸³

Mas entre o *tipo* visto por Moisés, e os *tipos* em que Salomão falava, existe uma diferença distinta, ao qual o compositor do contácio está atento nessas casas sobre o Tabernáculo e o Templo. O *tipo* visto por Moisés é o modelo inteligível do qual o Tabernáculo concreto não é senão uma cópia imperfeita, ou, melhor, a sua manifestação terrena, material. Pertencente ao mundo espiritual, ele é *inefável*, e só um homem inspirado pela *Sabedoria*¹⁸⁴ pode fazê-lo manifestar-se no mundo material, ainda que de forma pálida.¹⁸⁵

Quanto aos *tipos* de Salomão, estes referem-se a uma forma da manifestação da Economia da Salvação; contrapõem-se à profecia, que é a predição de algo que

de obras, para inventar tudo o que se pode fabricar de ouro, de prata e de cobre, de mármore, e de pedras preciosas, e de toda a diversidade de madeira.”

¹⁸¹ S. Gregório de Nissa, 164.

¹⁸² *Ibidem*, 167.

¹⁸³ Woollcombe, 61.

¹⁸⁴ Note-se como o sentido técnico de *sábio*, como alguém que domina uma arte, encontra o conceito da *Sabedoria* divina.

¹⁸⁵ A lógica por trás do οὐρανός τις ἐπίγειος é basicamente a mesma.

forçosamente ocorrerá num determinado momento da História, e à alegoria, que é uma forma de interpretação que enxerga relações figuradas sob os elementos de uma narrativa. Um exemplo da primeira é a profecia de *Isaiás* 7,14: “Eis que uma virgem conceberá e dará à luz um filho, e será chamado o seu nome Emanuel”, que teve seu cumprimento na concepção e nascimento de Jesus, como diz o anjo em *Mateus* 1,22-23: “Mas tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que falou o Senhor pelo profeta, que diz: Eis uma virgem conceberá e dará a luz um filho: e apelidá-lo-ão pelo nome de Emanuel, que quer dizer, Deus conosco.” Um exemplo de alegoria é a interpretação paulina da história de Sara e Agar, em *Gálatas* 4, 21-26: “Dizei-me vós, os que quereis estar debaixo da lei, não tendes lido a lei? Porque está escrito: que Abraão teve dois filhos, um de mulher escrava, e outro de mulher livre. Mas o que nasceu da escrava, nasceu segundo a carne: e o que nasceu livre, nasceu por promessa: as quais coisas foram ditas por alegoria. Porque estes são os dois Testamentos. Um certamente no Monte Sinai, que gera para servidão; este é figurado em Agar. [...] Mas aquela Jerusalém, que é lá de cima, é livre, a qual é nossa mãe.”

O *tipo* pertence a outro plano. Na *Epístola de S. Paulo aos Romanos* 5,12-21, em que S. Paulo desenvolve a oposição entre Lei e Graça, traçando um paralelo entre Adão e Cristo, o apóstolo se refere ao primeiro como Ἀδάμ, ὃς ἐστὶ τύπος τοῦ μέλλοντος, isto é, de Cristo (5,14), que ecoa no ἐν τύποις τὰ μέλλοντα da terceira casa do contácio. A relação entre Adão e Jesus é explicada no versículo 18: “Pois assim como pelo pecado de um só incorreram todos os homens na condenação: assim também pela justiça de um só, recebem todos os homens a justificação da vida.”

Melitão de Sardes, em sua *Homilia sobre a Paixão*, entende a palavra como análoga ao modelo que um escultor utiliza como padrão para a obra em que está a trabalhar; uma vez que a obra é completada, o modelo perde sua valia. Como esclarece Woollcombe:

“Melito likened the Old Testament types to the scale-models which a sculptor uses for patterns by which to work when he is carving the full-scale sculpture. The scale-model is of service only while the sculpture is being made; by looking at it, the sculptor gets a mental picture of the finished work and knows how to shape the material; but when he has completed the sculpture, he discards the pattern, because it is no longer serviceable. In exactly the same way ‘The People was held in honour before the Church arose, and the Law was wondrous before the light of the Gospel was shed abroad. But since the Church and the Gospel was shed abroad upon men on earth, the type is made void, giving over the image to the natural truth.’ Melito

then went on to show how the old Passover must be discarded, because in Christ the Pascal Lamb of God, the type had been fulfilled.”¹⁸⁶

Os tipos, porém, eram em seu tempo, segundo ele, poderosos mistérios por conta da verdade que prefiguravam:

“Thus he wrote of the first Passover, ‘The sacrifice of the sheep was found to be the salvation of Israel, and the death of the sheep became the life of the people, and the blood abashed the angel. Tell me, angel, what stayed thy hand, the sacrifice of the sheep or the life of the Lord? The death of the sheep, or the type of the Lord?... Thou sawest the mystery of the Lord enacted in the sheep, the life of the Lord in the sacrifice of the sheep, the type of the Lord in the death of the sheep. Therefore didst thou not smite Israel.’”¹⁸⁷

O pensamento do nosso poeta é muito similar, conforme expressa-o na casa 11, vv. 5-7:

ἀλλὰ τύποις τὸ ἔκδηλον, οὐ κεκλήρωνται, οὐ μόνιμον·
τῆς δὲ χάριτος ἢ φανέρωσις ὑπερφυῆς πᾶσι γνωρίζεται ὡς παγίως ἐρηρυσμένη,
καὶ ἐστήριξεν εἰς αἰῶνας Χριστός

A Basílica da Santa Sabedoria seria um exemplo marcante de como a Lei havia sido cumprida por Cristo, cuja Graça tornou os tipos do Velho Testamento, transitórios por natureza, em coisa do passado.

O caráter transitório do tipo fica evidente também no início da casa 11, Ὡς σκιὰν ζωγραφῶν τῶν μελλόντων, que é uma citação de Hebreus 10,1: Σκιὰν γὰρ ἔχων ὁ νόμος τῶν μέλλοντων ἀγαθῶν, οὐκ αὐτὴν τὴν εἰκόνα τῶν πραγμάτων, κατ’ἐνιαυτὸν ταῖς αὐταῖς θυσίαις ἃς προσφέρουσιν εἰς τὸ διηγεκές, οὐδέποτε δύναται τοὺς προσερχομένους τελειῶσαι.¹⁸⁸ Essa passagem da epístola, referente justamente ao Tabernáculo, contrapõe σκιὰν, “sombra” a εἰκόνα, “imagem”, enquanto o mélo do acrescenta o particípio ζωγραφῶν, “pintando”. A metáfora aqui é clara: o *tipo*, ou modelo, é o *esboço* de um quadro, e não a sua imagem. Uma vez que o verdadeiro

¹⁸⁶ *Ibidem*, 71.

¹⁸⁷ *Ibidem*, 71-2.

¹⁸⁸ “Porque a lei, tendo a sombra dos bens futuros, não a mesma imagem das coisas, nunca pode, por aquelas mesmas vítimas que se oferecem incessantemente cada ano, fazer perfeitos aos que se chegam ao altar.”

quadro é pintado, o esboço já de nada serve. Citando, no capítulo 8, a profecia de *Jeremias* 31,31, em que Deus prediz haver de estabelecer um Novo Testamento, o autor de *Hebreus* é categórico (8,13): ἐν τῷ λέγειν καινὴν πεπαλαίωκε τὴν πρώτην· τὸ δὲ παλαιούμενον καὶ γηράσκον ἐγγὺς ἀφανισμοῦ.¹⁸⁹

Na décima segunda casa, a única estrofe do poema com um verso corrompo, o compositor mostra a quem os tipos da Lei representavam em seus dias, segundo sua concepção: *Obtendo por Legislador o Salvador, como onissanta Tabernáculo temos a este Templo conveniente a Deus, apresentando em Bezalel o fiel Imperador, na Fidelidade do Conhecimento de Deus, na Sabedoria da Fé abundantes; a Arca onivaliosa é o incruento sacrifício que a podridão jamais consumiu.*

Com isso, na casa seguinte, recorda-se das encênias do Templo de Salomão, que reunira todo o povo em uma grande festa para celebrar a consagração do novo Templo, referindo-se o mélo do de forma indireta à própria festa das Segundas Encênias da Basílica da Santa Sabedoria; com a lembrança do Templo, ele conclui seu arrazoado sobre a obsolescência do tipo, e contrapõe explicitamente o regime da Lei contra o da Graça.

Na oração em que Salomão pede a Deus Sua Sabedoria, conforme o nono capítulo do *Livro da Sabedoria*, Salomão menciona a construção do Templo:

σύ με προεῖλω βασιλέα λαοῦ σου καὶ δικαστὴν υἰῶν σου καὶ θυγατέρων· εἶπας οἰκοδομῆσαι ναὸν ἐν ὄρει ἁγίῳ σου καὶ ἐν πόλει κατασκηνώσεώς σου θυσιαστήριον, μίμημα σκηνῆς ἁγίας, ἣν προητοίμασας ἀπ’ ἀρχῆς. καὶ μετὰ σοῦ ἡ σοφία ἢ εἰδύια τὰ ἔργα σου καὶ παροῦσα, ὅτε ἐποίεις τὸν κόσμον, καὶ ἐπισταμένη τί ἄρεστον ἐν ὀφθαλμοῖς σου καὶ τί εὐθὲς ἐν ἐντολαῖς σου.¹⁹⁰

Salomão refere-se ao Templo como μίμημα σκηνῆς ἁγίας, *imitação do Santo Tabernáculo*, preparado desde o princípio, ἣν προητοίμασας ἀπ’ ἀρχῆς. Em outras palavras, também o Templo é uma manifestação do Tabernáculo inteligível, que,

¹⁸⁹ “Chamando-o pois novo, deu por antiquado o primeiro. E o que se dá por antiquado, e envelhece, perto está de perecer.”

¹⁹⁰ Sabedoria 9,7-9: “Tu me escolheste para ser rei do teu povo, e para juiz dos teus filhos, e filhas; e tu me mandaste fundar um templo sobre o teu santo monte, e um altar na cidade da tua habitação, conforme o modelo do teu santo tabernáculo, que tu preparaste desde o princípio: e contigo a tua sabedoria, que conhece as tuas obras, a qual se achou também então presente, quando fazias a redondeza da terra, e sabia o que era agradável a teus olhos, e o que era reto em teus preceitos.”

segundo os Padres, viu Moisés na caligem, e que já existia desde o princípio.¹⁹¹ A diferença é que o Tabernáculo era uma estrutura móvel, utilizada pelos israelitas ao longo de sua perambulação pelo deserto, enquanto o Templo era uma construção opulenta e sólida no alto do monte santo, o Monte Sião, para onde, como único lugar aceitável de adoração e de sacrifício, afluía todo o Israel nas grandes festas.

Na sequência, o poeta compara a Basílica da Santa Sabedoria com o Templo de Salomão, e como aquela sobrepuja esta. Isso ocorre de duas formas: primeiro, o povo de Israel acorria ao templo νομικῆ μάστιγι συνηλασμένος, *compelido pelo flagelo da Lei*; segundo, o antigo Templo destinava-se a um só povo, diferente da Basílica, para onde *correm voluntariamente, e não por alguma violência, pessoas de toda nação debaixo do céu.*

A dicotomia Lei/Graça é tão antiga quanto o Cristianismo, e em inúmeros passos do Novo Testamento vemos como foi tomando forma o conceito de que a Lei, cumprida em Cristo, cedera seu lugar à Graça do Verbo divino – πλήρης χάριτος καὶ ἀληθείας. Nos Evangelhos, Jesus se manifesta diversas vezes acerca da Lei, e seu posicionamento, tido como heterodoxo pelos doutores, era uma das causas de sua inimizade para com Ele. No *Sermão da Montanha*, no capítulo 5, são várias as instâncias em que Cristo usa a expressão ἠκούσατε ὅτι ἐρρέθη, “ouvistes que foi dito” (vv. 31.36.38.43), ao que se contrapõe Ἐγὼ δὲ λέγω ὑμῖν, “mas eu vos digo” (vv. 32.37.39.44), para introduzir o nova forma de encarar certos estatutos ou costumes, como neste exemplo (43-45):

Ἦκούσατε ὅτι ἐρρέθη, ἀγαπήσεις τὸν πλησίον σου καὶ μισήσεις τὸν ἐχθρόν σου. Ἐγὼ δὲ λέγω ὑμῖν, ἀγαπᾶτε τοὺς ἐχθροὺς ὑμῶν, εὐλογεῖτε τοὺς καταρωμένους ὑμᾶς, καλῶς ποιεῖτε τοῖς μισοῦσιν ὑμᾶς καὶ προσεύχεσθε ὑπὲρ τῶν ἐπηρεαζόντων ὑμᾶς καὶ διωκόντων ὑμᾶς. ὅπως γένησθε υἱοὶ τοῦ πατρὸς ὑμῶν τοῦ ἐν οὐρανοῖς.¹⁹²

Entre os confrontos entre Cristo e os doutores, há o questionamento de um deles sobre qual seria o maior mandamento da Lei (*Lucas* 10,25-28), sobre a correta forma de proceder em relação ao divórcio, regulamentado pela Lei (*Marcos* 10, 1-12), várias

¹⁹¹ Por essa razão, escuso-me de fazer uma síntese da história da construção do Primeiro Templo, tal como relatada nos capítulos 5-8 do *Primeiro Livro dos Reis*, e 2-7 do *Segundo Livro das Crônicas*. Enquanto a narrativa bíblica do Tabernáculo possui uma relação teológica direta com *O Hino das Encênias*, o mesmo não acontece com as narrativas sobre o Templo.

¹⁹² “Tendes ouvido que foi dito: Amarás ao teu próximo, e aborrecerás a teu inimigo. Mas eu vos digo: Amai a vossos inimigos, fazei bem aos que vos têm ódio: e orai pelos que vos perseguem e caluniam: para serdes filhos de vosso Pai, que está nos céus.”

disputas sobre a observância do Sábado, entre elas a de *Lucas* 6,6-11, em que Jesus questiona ser lícito fazer o bem no Sábado, e ainda perguntas capciosas sobre algum ponto de doutrina, tendo em vista certas circunstâncias previstas pela Lei (como em *Lucas* 20,27-40). Mas talvez o episódio mais marcante dos Evangelhos sobre essa questão, e que melhor ilustra a expressão *flagelo da Lei*, seja o conhecido caso da mulher adúltera, em *João* 8,1-11.

Os escribas e fariseus trazem-lhe uma mulher apanhada em adultério e perguntam a Jesus, para prová-lo, o que fazer com ela, tendo em vista a Lei mosaica: διδάσκαλε, αὕτη ἡ γυνὴ κατείληπται ἐπ’ αὐτοφώρῳ μοιχευομένη· καὶ ἐν τῷ νόμῳ ἡμῶν Μωϋσῆς ἐνετείλατο τὰς τοιαύτας λιθάζειν. σὺ οὖν τί λέγεις;¹⁹³ Jesus abaixa-se e põe-se a escrever na terra, ignorando os questionadores. Como estes insistem, Cristo ergue-se e responde-lhes com as célebres palavras: ὁ ἀναμάρτητος ὑμῶν πρῶτος βαλέτω λίθον ἐπ’ αὐτήν, *aquele que de vós for sem pecado, primeiro atire pedra sobre ela*. Enquanto abaixa-se novamente para escrever, um a um os acusadores da adúltera se vão: ἀνακύψας δὲ ὁ Ἰησοῦς εἶπεν αὐτῇ· γύναι, ποῦ εἰσιν; οὐδεὶς σε κατέκρινεν; ἡ δὲ εἶπεν· οὐδεὶς, Κύριε. εἶπε δὲ ὁ Ἰησοῦς· οὐδὲ ἐγὼ σε κατακρίνω· πορεύου καὶ ἀπὸ τοῦ νῦν μηκέτι ἀμάρτανε.¹⁹⁴

Cristo, a Sabedoria divina, não está, nessa passagem do Evangelho, a endossar o estilo de vida daquela mulher – por isso a exortação: μηκέτι ἀμάρτανε. Mas, reconhecendo a causa da transgressão, dispensa o cumprimento estrito da letra da Lei: ὅτι ὁ νόμος διὰ Μωϋσέως ἐδόθη, ἡ χάρις καὶ ἡ ἀλήθεια διὰ Ἰησοῦ Χριστοῦ ἐγένετο.¹⁹⁵

No que toca a seu Sacrifício, a relação entre a Lei e o novo regime da Graça é um pouco mais complexa, e aqui entramos na razão pela qual o compositor d’*O Hino das Encênias* diz, na casa 14, ἐν ἡμῖν τὰ κρείττονα βεβαίως γὰρ ἀνευφήμουν, *entre nós foi proclamado algo melhor e mais sólido*. Como vimos acima, o autor de *Hebreus* relembra a promessa de Deus de um novo Testamento legado à humanidade, o que resultaria na caducidade do antigo. O mesmo mostra, então, que o Novo Testamento inclui o estabelecimento do sacerdócio de Cristo:

¹⁹³ João 8,4-6. “Mestre, esta mulher foi agora mesmo apanhada em adultério. E Moisés na lei mandou-nos apedrejar a estas tais. Que dizes tu logo?”

¹⁹⁴ João 8,10-11. “Então ergue-se Jesus, e disse-lhe: Mulher, onde estão os que te acusavam? Ninguém te condenou? Respondeu ela: Ninguém, Senhor. Então disse Jesus: Nem eu tampouco te condeno: vai e não peques mais.”

¹⁹⁵ João 1,17.

Χριστὸς δὲ παραγενόμενος ἀρχιερεὺς τῶν μελλόντων ἀγαθῶν διὰ τῆς μείζονος καὶ τελειότερας σκηνῆς, οὐ χειροποιήτου, τοῦτ' ἔστιν οὐ ταύτης τῆς κτίσεως, οὐδὲ δι' αἵματος τράγων καὶ μόσχων, διὰ δὲ τοῦ ἰδίου αἵματος εἰσῆλθεν ἐφάπαξ εἰς τὰ Ἅγια, αἰωνίαν λύτρωσιν εὐράμενος. εἰ γὰρ τὸ αἷμα ταύρων καὶ τράγων καὶ σποδὸς δαμάλεως ραντίζουσα τοὺς κεκοινωμένους ἀγιάζει πρὸς τὴν τῆς σαρκὸς καθαρότητα, πόσω μᾶλλον τὸ αἷμα τοῦ Χριστοῦ, ὃς διὰ Πνεύματος αἰωνίου ἑαυτὸν προσήνεγκεν ἄμωμον τῷ Θεῷ, καθαρῆι τὴν συνείδησιν ὑμῶν ἀπὸ νεκρῶν ἔργων εἰς τὸ λατρεύειν Θεῷ ζῶντι; καὶ διὰ τοῦτο διαθήκης καινῆς μεσίτης ἐστίν, ὅπως, θανάτου γενομένου εἰς ἀπολύτρωσιν τῶν ἐπὶ τῇ πρώτῃ διαθήκῃ παραβάσεων, τὴν ἐπαγγελίαν λάβωσιν οἱ κεκλημένοι τῆς αἰωνίου κληρονομίας. Ὅπου γὰρ διαθήκη, θάνατον ἀνάγκη φέρεσθαι τοῦ διαθεμένου.»¹⁹⁶

Com seu Sacrifício, Cristo torna-se ἀρχιερεὺς, ministrando seu sacerdócio *em um tabernáculo maior e mais perfeito, não feito por mão de homem, não desta criação.* Este é o ἀχειροποίητος σκηνή onde, segundo S. Gregório de Nissa, Moisés esteve: ἐν τῇ ἀχειροποιήτῳ σκηνῇ γίνεται. Tendo derramado seu sangue, e oferecendo-o no Tabernáculo celeste, os sacrifícios estabelecidos pela Lei tornam-se inúteis, *porque, se o sangue dos bodes e dos touros e a cinza espalhada numa novilha santifica os imundos para purificação da carne, quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito Santo se ofereceu a si mesmo sem mácula a Deus, limpará a consciência das obras da morte, para servir ao Deus vivo?*

Esse mesmo Sacrifício de Cristo é feito presente na Divina Liturgia na celebração dos santos Mistérios, donde o méloδο, no primeiro verso da décima sexta casa, citando *João 4,24*, afirma: Νοητῶς αἱ θυσίαι ἐνταῦθα ἐν τῷ πνεύματι καὶ ἀληθείᾳ, οὐκ ἐν κνίσσαις καπνῶν καὶ αἱμάτων ῥοαῖς [...] προσάγονται, *os sacrifícios são aqui oferecidos espiritualmente sem cessar a Deus, não em odores de fumo e fluxos de sangue, mas em espírito e verdade.* Isso nos remete novamente à ideia do οὐρανός τις ἐπίγειος, pois, concomitantemente ao sacrifício oferecido na terra, os cristãos têm ao próprio Cristo como Sumo-Sacerdote no Tabernáculo celestial.

¹⁹⁶ Hebreus 9, 11-6. “Mas estando Cristo já presente, pontífice dos bens vindouros, por outro mais excelente e perfeito tabernáculo, não feito por mão de homem, isto é, não desta criação, nem por sangue de bodes ou de bezerras, mas pelo seu próprio sangue, entrou uma só vez no santuário, havendo-se achado uma redenção eterna. Porque se o sangue dos bodes e dos touros e a cinza espalhada numa novilha santifica os imundos para purificação da carne, quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito Santo se ofereceu a si mesmo sem mácula a Deus, limpará a consciência das obras da morte, para servir ao Deus vivo? E por isso é mediador de um novo testamento, para que, intervindo a morte, para expiação daquelas prevaricações que havia debaixo do primeiro testamento, recebam a promessa da herança eterna os que têm sido chamados. Porque, onde há um testamento, é necessário que intervenha a morte do testador.”

Neste ponto, o poeta, na penúltima casa do contácio, citando o Salmo 64, exulta com o novo templo:

Vejamos esta casa onissagrada e verdadeiramente onionorável como o olho da Igreja Católica; seremos então preenchidos com os seus bens, conforme está escrito, salmodiando a Deus, “Santo, deveras, é o vosso Templo, admirável em justiça”, reconhecido como impressão da Liturgia do Alto, e, dos que lá celebram em espírito a voz de exultação e salvação, o som que concertou nas almas Deus, de todos Vida e Ressureição.

Como a catedral da capital, e maior igreja do mundo, o poeta conclama os cristãos a vê-la como o olho da Igreja universal, lembrando que o templo terrestre e o que nele se celebra é τῆς τῶν ἄνω ἐκτύπωμα λειτουργίας.

Prece conclusiva

O mélo do conclui seu hino com uma prece:

Ó Salvador, tu que foste gerado da Virgem, vigia esta casa até o fim do mundo, dirige teus olhos a ela todo o tempo! Recebe as vozes dos teus domésticos, envia, com tua Graça, paz ao teu povo, acossa as heresias e estirpa o poder dos bárbaros, guarda os sacerdotes e o Imperador, adornados com toda piedade, e salva nossas almas, tu que és Deus, de todos Vida e Ressureição!

Também estas palavras ecoam as palavras de Salomão na dedicação do Templo:

καὶ ἐπιβλέψῃ ἐπὶ τὴν δέησίν μου, Κύριε ὁ Θεὸς Ἰσραὴλ, ἀκούειν τῆς προσευχῆς, ἧς ὁ δοῦλός σου προσεύχεται ἐνώπιόν σου πρὸς σε σήμερον, τοῦ εἶναι τοὺς ὀφθαλμοὺς σου ἠνεωγμένους εἰς τὸν οἶκον τοῦτον ἡμέρας καὶ νυκτός, εἰς τὸν τόπον, ὃν εἶπας· ἔσται τὸ ὄνομά μου ἐκεῖ, τοῦ εἰσακούειν τῆς προσευχῆς, ἧς προσεύχεται ὁ δοῦλός σου εἰς τὸν τόπον τοῦτον ἡμέρας καὶ νυκτός, καὶ εἰσακούσῃ τῆς δεήσεως τοῦ δούλου σου

καὶ τοῦ λαοῦ σου Ἰσραήλ, ἃ ἂν προσεύξωνται εἰς τὸν τόπον τοῦτον, καὶ σὺ εἰσακούσῃ ἐν τῷ τόπῳ τῆς κατοικήσεώς σου ἐν οὐρανῷ καὶ ποιήσεις καὶ ἴλεως ἔσῃ.»¹⁹⁷

Ao pedir que Deus guarde a basílica, o mélo do recorda os grandes problemas que Justiniano tentara resolver e não conseguira: *acossar as heresias e estirpar o poder dos bárbaros*. Malgrado todas as vicissitudes por que passou através dos séculos, ainda hoje se encontra de pé a grande obra do Imperador, testificando a grandeza de seu reinado.

¹⁹⁷ I Reis 8, 28-30: “Mas atende, Senhor Deus meu, à oração do teu servo. Ouve o hino e a oração, que teu servo faz hoje em tua presença: para que os teus olhos estejam abertos de noite e de dia, sobre esta casa da qual disseste: O meu nome estará nela: para ouvires a oração, que teu servo te oferece neste lugar. Para ouvires a depreciação de teu servo, e do teu povo de Israel, em tudo o que te pedirem neste lugar: e para as ouvires do lugar da tua morada no céu, e para que, tendo-as ouvido, lhe sejas propício.”

Conclusão

Embora neste trabalho não tenhamos analisado nenhuma teoria, nem proposto nenhuma tese, o caminho que percorremos ao estudar uma pequena obra do sexto século mostrou-nos uma intrincada rede de relações entre diversas culturas – grega, hebraica, siríaca, romana, bizantina, cristã.

Vimos como um novo gênero poético surgiu no Império Romano oriental do encontro da hinografia siríaca com a eloquência grega, o qual serviu aos bizantinos, por séculos, como forma privilegiada de festejar os santos e mártires de sua religião, bem como episódios do Livro Sagrado. Mas também vimos como, nas mãos de um poeta hábil, esse gênero, o *contácio*, pôde tornar-se recipiente de elevados conceitos teológicos, formulados ao longo do tempo por hebreus e gregos, resultando em concepções inteiramente novas. Mas tais conceitos não foram expressos em forma de pura especulação, mas sim em um evento de grande importância política, cultural e religiosa, a reinauguração daquele que era em seu tempo o maior templo cristão do mundo.

Que este trabalho, portanto, possa-nos mostrar a riqueza que contêm as obras literárias do passado, e como o próprio fenômeno que chamamos literatura pode nos ensinar sobre a história das civilizações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCHERMES, Joseph D. “Art and Architecture in the Age of Justinian.” In: MAAS, Michael (ed.) *The Cambridge Companion to the Age of Justinian*. New York: Cambridge University Press, 2005.

BABINIÓTIS, Geórgios D. *Λεξικό της νέας ελληνικής γλώσσας*. Αθήνα: Κέντρο Λεξικολογίας Ε.Π.Ε., 2^a ed., 2002.

BRZOZOWSKA, Zofia. “The Church of Divine Wisdom or of Christ – the Incarnate Logos? Dedication of Hagia Sophia in the light of Byzantine Sources from 5th to 14th Century”, *Studia Ceranea*, 2, 2012, pp. 85-96.

CHRIST, W. et PARANIKAS, M. *Anthologia Graeca Carminum Christianorum*. Lipsiae: In Aedibus B. G. Teubneri, 1871.

CHRONICON Paschale. *Chronicon Paschale, a mundo condito ad Heraclii Imp. Annum XX*. Patrologiae Graecae Tomus XCII, accurate J.-P. Migne. Paris: 1865.

CRAMER, J. A. *Anedocta Graeca e Codicibus Manuscriptis Bibliothecae Regiae Parisiensis*. Vol. 2. Oxonii: E Typographeo Academico, 1838.

EGERIA. *Itineraria Hierosolymitana*. Recensuit et commentario critico instruxit Paulus Geyer. Lipsiae: G. Freytag, 1898.

ELLIGER K. et RUDOLPH W. *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997, 5 ed.

EUSÉBIO de Cesareia. *Eusebii Pamphili Caesareae Palaestinae Episcopi Opera Omnia quae extant – Tomus Secundus*. Patrologiae Graecae Tomus XX, accurate J.-P. Migne. Paris: 1857.

FIGUEIREDO, Pe. António Pereira de. *A Bíblia Sagrada – Antigo e Novo Testamento*. Rio de Janeiro: Livros do Brasil S.A., 1962, 3 v.

FRASER, Michael Alexander. *The feast of the Encaenia in the fourth century and in the ancient liturgical sources of Jerusalem*. Durham Theses, Durham University. Available at Durham E-Theses Online: <http://etheses.dur.ac.uk/5431/>.

FRIEDLÄNDER, Paul (ed). *Johannes von Gaza und Paulus Silentiarius: Kunstbeschreibungen justinianischer Zeit*. Leipzig und Berlin: B. G. Teubner, 1912.

GASSISI, D. Sofronio. *Un antichissimo "Kontakion" Inedito ed un innografo anonimo del sec. VI*. Grottaferrata: Tipografia Italo-Orientale "S. Nilo", 1913. 2^a edizione con ritocchi ed aggiunte.

GAVRIL, Iuliana-Elena. *'Archi-texts' for Contemplation in Sixth-Century Byzantium: The Case of the Church of Hagia Sophia in Constantinople*. University of Sussex: 2012.

GESENIUS, W. *Catholicum Lexicon Hebraicum et Chaldaicum in Veteris Testamenti Libros*. Parisiis, 1848.

GREGÓRIO de Nissa, São. *La vie de Moïse ou le Traité de Perfection en Matière de Vertu*. Paris: Les Éditions du Cerf, 2007.

GREGÓRIO de Tours, São. *Gregorii Turonensis Episcopi Opera Omnia*. Patrologiae Tomus LXXI, accurante J.-P. Migne. Paris: 1849.

HANNICK, Christian. "Exégèse, typologie et rhétorique dans l'hymnographie byzantine", *Dumbarton Oaks Papers*, No. 53, 1999, pp. 207-18.

HARRISON, R. M. "The Church of St. Polyeuktos in Istanbul and the Temple of Solomon", *Harvard Ukrainian Studies*, Vol. 7, *Okeanos: Essays presented to Ihor Ševčenko on his Sixtieth Birthday by his Colleagues and Students* (1983), pp. 276-279.

HERBERMANN, Charles G. *The Catholic Encyclopedia – An International Work of Reference on the Constitution, Doctrine, Discipline, and History of the Catholic Church*. New York: The Encyclopedia Press, Inc., 1913, vol. 1.

KITTEL, Gerhard (ed). *Theological Dictionary of the New Testament*. Bromley, Geoffrey W. (trad). Grand Rapids, Michigan: WM. B. Eerdmans Publishing Company, 1965, 10v.

LIDDLE-SCOTT-JONES. *A Greek English Lexicon*. Oxford: Clarendon Press, 1996.

LUST, J., EYNIKEL E. et HAUSPIE K. *Greek-English Lexicon of the Septuagint*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2003.

MAAS, Paul et TRYPANIS, C. A. *Sancti Romani Melodi Cantica Genuina*. Oxford: At the Clarendon Press, 1963.

MACRIDES, R. e MAGDALINO, P. "The Architecture of *Ekphrasis*: Construction and Context of Paul the Silentiary's Poem on Hagia Sophia," *BMGS* 12, 1988: pp. 47–82.

McVEY, Kathleen. "The Domed Church as Microcosm: Literary Roots of An Architectural Symbol." *Dumbarton Oaks Papers*, vol. 37, 1983: pp. 91-121.

MAINSTONE, Rowland J. *Hagia Sophia – Architecture, Structure and Liturgy of Justinian's Great Church*. New York: Thames and Hudson, 1988.

MATONS, J. Grosdidier de. *Romanos le Mélode et les origines de la poésie religieuse à Byzance*. Paris: Éditions Beauchesne, 1977.

_____. "Aux origines de l'hymnographie byzantine – Romanos le Mélode et le Kontakion." In: BECKER, H. et KACZYNSKI, R. (ed.). *Liturgie und Dichtung – Ein interdisziplinäres Kompendium I: Historische Präsentation*. Erzabtei St. Ottilien: Eos Verlag, 1983.

NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006, 27^a ed.

NUNES, Carlos Alberto. *Iliada de Homero*. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.

OSTROGORSKY, Georg. *Storia dell'impero bizantino*. Traduzione di Piero Leone. Torino: Giulio Einaudi editore, 1993.

OUSTERHOUT, Robert. "New Temples and New Solomons – The Rhetoric of Byzantine Architecture". In: MAGADALINO, Paul (ed.) e NELSON, Robert (ed.). *The Old Testament in Byzantium (Dumbarton Oaks Byzantine Symposia and Colloquia)*. Washington: Dumbarton Oaks Research Library and Collection, 2010, pp. 223-53.

PALÁDIO de Galácia. In: *S. P. N. Iohannis Chrysostomi Opera Omnia quae Extant - Tomus Primus, coll. 5-83*. Patrologiae Graecae Tomus XLVII, accurante J.-P. Migne. Paris: 1863.

PITRA, Cardinal J. B. *Hymnographie de l'Église Grecque – Dissertation accompagnée des Offices du XVI janvier, des XXIX et XXX juin en l'honneur de S. Pierre et des Apôtres*. Rome: Imprimerie da la Civiltà Cattolica, 1867.

PREGER, Theodorus. (ed.) "Anonymi narratio de aedificatione Templi S. Sophiae." In: *Scriptores Originum Constantinopolitanarum – Fasciculus Prior*. Lipsiae: In Aedibus B. G. Teubneri, 1901.

PROCLO de Contantinopla, São. *S. P. N. Procli Archiepiscopi Constantinopolitani Opera Omnia*. Patrologiae Graece Tomus LXV, accurante et denuo recognescente J.-P. Migne. Paris: 1864.

PROCÓPIO de Cesareia. *Corpus Scriptorum Historiae Byzantine – Pars II*. B. G. Niebuhr (ed.). Bonnae: Impensis Ed. Weberi, 1833.

RAHLFS et HANHART. (ed.) *Septuaginta – Editio Altera*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.

SÓCRATES Escolástico. *Socratis Scholastici, Hermiae Sozomeni Historia Ecclesiastica*. Patrologiae Graece Tomus LXVII, accurante J.-P. Migne. Paris: 1864.

SOPHOCLES, E. A. *Greek Lexicon of Roman and Byzantine Periods (From B.C. 146 to A.D. 1100)*. New York: Charles Scribner's Sons, 1900.

TAYLOR, Rabun. "A Literary and Structural Analysis of the First Dome on Justinian's Hagia Sophia," *Journal of the Society of Architectural Historians*, vol. 55, No. 1, Mar. 1996, pp. 66-78.

TRYPANIS, Constantine A. (ed.) *Fourteen Early Byzantine Cantica*. Wien: Böhlau in Kommission, 1968.

WELLESZ, Egon. *A History of Byzantine Music and Hymnography*. Oxford: At the Clarendon Press, 1962.

WHITBY, Mary. "The St Polyeuktos Epigram (AP 1.10): A Literary Perspective". In: JOHNSON, Scott Fitzgerald (ed.). *Greek Literature in Late Antiquity – Dynamism, Didacticism, Classicism*. Bodmin: Ashgate, 2006.

WOOLCOMBE, K. J. "The Biblical Origins and Patristic Development of Typology". In: LAMPE, G.W.D. et WOOLCOMBE, K. J. *Essays on Typology*. London: SCM Press LTD, 1957.